

ISSN 2318-0676

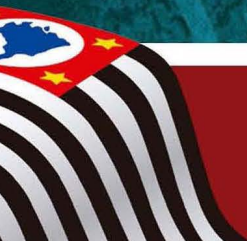
DOCTRINA

EAD

Grupo de Estudo de Educação a Distância

dezembro/2014

EAD



CENTRO PAULA SOUZA



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência e Tecnologia



Comissão Editorial

Sasquia Hizuru Obata
Dilermando Piva Júnior
José Vitorio Sacilotto
Luiz Antônio Koritiake
Rogério Teixeira

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Diretora Superintendente
Laura Laganá

Vice-Diretor Superintendente
César Silva

Chefe de Gabinete da Superintendência
Luiz Carlos Quadrelli

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Coordenador
Almério Melquiades de Araújo

Grupo de Estudo da Educação a Distância

Diretor
Rogério Teixeira

Equipe
Adelina Maria Lúcio
Adriano Bocardo
Carlos Augusto de Maio
Cesar Bento de Freitas
Claudia Pereira Gomez Fló
Daniel Cesário
Divina Maria Bertalia
Ester Jesus dos Santos
Ivan Geza Borbely
José Ferrari Júnior
Juçara Maria M. S. Santos
Juliana Leal Saula
Lais Aparecida Silva Cunha
Lidia Ramos Aleixo de Souza
Lorran Gouveia R. Carvalho
Luiz Felipe Costa Gouveia
Maria José Grandó Rovai
Nelson Henrique Jouclas
Rogério Barbosa da Silva
Sandra Regina T. Rodrigues
Thiago Tadeu de Oliveira
Welignton Luis Sachetti



Grupo de Estudo de Educação a Distância
Praça Cel. Fernando Prestes, 74
Bom Retiro - São Paulo - SP - CEP: 01124-060

Diretrizes para Submissão e Publicação de Trabalhos

Estas diretrizes editoriais têm o objetivo de garantir instruções para submissão e publicação na revista **DOCTRINA E@D**, a qual é uma iniciativa do Grupo de Estudo de Educação a Distância (GEEaD) do Centro Paula Souza, de periodicidade semestral, cujo objetivo é realizar a promoção e divulgação de pesquisas na área de educação a distância.

Os artigos produzidos deverão ser inéditos e serão submetidos à análise da Comissão Editorial, a qual poderá ou não aceitar tais artigos, e eventualmente, sugerir modificações ao(s) autor(es), a fim de adequar os textos à publicação. O GEEaD e a Comissão Editorial não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos, por estes serem de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Todos os trabalhos serão submetidos à leitura de, no mínimo, dois pareceristas da Comissão Editorial, sendo garantido sigilo e anonimato tanto do(s) autor(es) quanto dos pareceristas.

Os nomes e demais dados do(s) autor(es) informados serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

As sínteses dos pareceres, em caso de aceite condicionado ou recusa, serão encaminhadas, pela Comissão Editorial, exclusivamente ao(s) autor(es).

Os trabalhos deverão ser enviados para o endereço eletrônico doctrina@centropaulasouza.sp.gov.br, sob o título "submissão para publicação **DOCTRINA E@D**". Devem ser redigidos utilizando Microsoft Word e com páginas numeradas. Devem, ainda, ser acompanhados, em arquivo separado, de mini currículo (4 a 6 linhas).

O artigo deve conter em sua estrutura Título, Resumo, Palavras-chave, Introdução, Desenvolvimento e Conclusão/Considerações Finais. Deve considerar adequado tratamento para citações, correta indicação para ilustrações, tabelas e gráficos e apresentar a exposição de referencial utilizado.

A escolha, pela Comissão Editorial, dos artigos para publicação priorizará a relevância e atualidade do tema e a abrangência do estudo. Cada parecerista, de forma individual, efetuará a análise, considerando o que se segue:

a) pauta nos aspectos técnicos do artigo, independente de o material ser controverso, contraditório ou mesmo contrário às suas teorias às teses em uso, mas que, tecnicamente, esteja adequado aos padrões de qualidade da revista **DOCTRINA E@D**.

b) o parecerista, em sua análise, poderá sugerir adequações quanto às terminologias utilizadas pelo(s) autor(es).

c) será recusado o artigo que fizer alusão depreciativa a qualquer indivíduo quer seja no âmbito pessoal ou profissional.

Mais informações em <http://geead.cpsctec.com.br/doctrina>

Esta edição abrange diferentes aspectos da Educação a Distância: a concepção de um curso, sua linguagem, a produção de materiais, e a análise de experiências.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Letramento Digital e a Escola Contemporânea.....	4
Modelos Flexíveis de EAD Aplicados ao Novo Perfil de Aluno.....	10
O Uso de Um Recurso Tecnológico no Ensino de EJA.....	17
Programas Educativos Na Televisão Digital.....	25
Formação Inicial de Professores para Tutoria em Cursos Semipresenciais.....	31
Como Planejar Uma Aula no Ensino Superior.....	38
Desenvolvimento e Implantação dos Cursos Técnicos Virtuais de Informática.....	44
Utilização de Ferramentas de Armazenamento e Compartilhamento.....	51

LETRAMENTO DIGITAL E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Profa. Lucivânia Antônia da Silva Périco

Resumo

O presente artigo é parte das reflexões apontadas em minha dissertação de Mestrado, ainda em fase de desenvolvimento. Busco compor uma “colcha de retalhos” com o apontamento de assuntos relacionados ao uso de tecnologia como complemento para o ensino presencial, considerando que o atual contexto da educação tem exigido da escola um repensar constante de suas práticas de ensino e a adoção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em suas metodologias. Inseridos em circunstâncias permanentes que exigem leitura e escrita, os jovens têm necessitado além do saber ler e escrever, também refletir sobre a leitura e a escrita, tanto em ambientes presenciais como em ambientes virtuais. Surgindo, assim, mais uma faceta sob responsabilidade da escola: o letramento digital. Embora se acredite que os jovens têm conhecimento suficiente a respeito da tecnologia, não se faz obsoleta a mediação pedagógica dos professores, pois o mero domínio dos recursos tecnológicos não é sinônimo de melhor aproveitamento para o aprendizado significativo. Nessa perspectiva, portais educacionais podem constituir uma importante ferramenta de educação a distância e complementação das aulas presenciais. Eis aí um grande desafio para a escola e seus agentes.

Palavras-chaves: TDICs – letramento digital – portais educacionais

Introdução

A educação contemporânea está inserida num contexto de velozes e dinâmicas transformações sociais e culturais, principalmente com o avanço e incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no cotidiano das pessoas.

O acesso à informação tem permitido a independência nos estudos. Há alguns anos, para se ter acesso ao livro era necessário dirigir-se a uma biblioteca, hoje, os livros digitais, chamados e-books, estão a distância de um clique, bem como as informações contidas nos sites de pesquisa. Estamos ainda num processo de compreensão do papel da escola nesse novo contexto, agora inserida na Sociedade da Informação, na Era do Conhecimento.

Dentre as muitas atribuições que já possuía, a escola atual deve adequar-se para ensinar mais que ler, escrever e calcular. Os anseios e necessidades dos alunos são muitos, pois estamos diante da configuração de uma nova sociedade, onde pais e mães trabalham, crianças passam mais tempo na escola que em casa, jovens têm acesso a ambientes virtuais, muitas vezes sem que os pais saibam quais conteúdos estão acessando.

São momentos inéditos na conjuntura social. Uma nova era... a era da Cibercultura.

Cibercultura e Escola

Cibercultura é um termo que corresponde ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17), considerando o ciberespaço como “meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (idem), é toda estrutura virtual de comunicação interativa. Portanto, a cibercultura é a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede.

Essa cultura é renovada a todo instante pela ação de atores anônimos que livremente criam seus espaços sociais no mundo virtual, potencializando esses ambientes como oportunidades de construção colaborativa do conhecimento, pois a troca de informações ocorre a todo instante e a troca possibilita a geração de novas informações.

Obviamente, no universo da cibercultura, nem tudo o que se produz é conhecimento, uma vez que as TDICs prestam-se a diferentes serviços. Mas é necessário reconhecer que com esse recurso está sendo registrada uma história, a história humana no início do século XXI. A escola precisa aproveitar essa oportunidade para disseminar o saber. O universo cibercultural abre espaço para que a escola se insira. Basta apenas apropriar-se das técnicas para aproveitar a ferramenta em prol do seu objetivo de uma educação contextualizada e emancipadora.

É importante observarmos como as TDICs influenciam na vida cotidiana, são ferramentas de expressão da cultura contemporânea, gerando a cibercultura, tendo como cenário o ciberespaço. A compreensão do que vem a ser cibercultura, segundo Vilarinho (2011, p.133), implica reconhecer as três leis gerais que a movimentam: a “liberação do polo de emissão”, “a rede está em todos os lugares” e “tudo muda, mas nem tanto”.

A liberação do polo de emissão compreende as múltiplas possibilidades de troca entre os envolvidos no processo comunicativo e divide o poder instituído da escola como detentora do saber, pois agora a transmissão do conhecimento foi liberada e não há mais centralização.

Todos podem ter acesso às informações, sem depender, por exemplo, somente da figura do professor como transmissor. Isso porque a rede está em todos os lugares, não se atém apenas às quatro paredes da sala de aula presencial, porém, é perceptível que com a Educação a Distância (EaD) mudanças ocorreram, mas não é possível dizer que elas foram completas, uma vez que o professor gera nas plataformas os conteúdos a serem transmitidos, promove os debates, interage nos fóruns etc., mudanças ocorreram, mas nem tudo mudou e nem mudará completamente.

A EaD vem conquistando seu espaço de maneira progressiva, porém busca identificar-se com a estrutura da sala de aula presencial, como uma estratégia para facilitar a adaptação do aluno, assim, nomenclaturas como: mural, sala de aula virtual, agenda e outras denominações permanecem. Também se busca na EaD promover interações entre os estudantes, para que se crie um ambiente propício à troca de informações, ao estudo e à construção da afetividade entre os participantes.

Os espaços virtuais de aprendizagem precisam ser atrativos, pois os estudantes estão cada vez mais habituados a espaços em que podem interagir, gerar seus conteúdos e acessar o que mais atrair o seu interesse, por isso, o aprendizado dinâmico deve ser incorporado à metodologia. Com tantos recursos, a escola não pode se ater apenas ao quadro negro, à lousa e ao livro didático.

Diante dessa constatação, a escola vê-se na posição daquela que precisa direcionar o jovem para que utilize o ciberespaço como ambiente de produção e aquisição de conhecimento, pois nunca os jovens leram e escreveram tanto como atualmente. O contato com o texto escrito tem exigido uma adaptação linguística e de raciocínio com a qual a escola não havia ainda se deparado. São inúmeros os gêneros textuais produzidos no ciberespaço, também há uma linguagem apropriada e que desvia da norma culta, no que tange a esse aspecto, a escola deve adotar práticas de letramento digital para que o jovem saiba comunicar-se adequadamente no presencial e no virtual, oralmente ou por escrito.

Letramento Digital: Uma Necessidade

Consciente de que seus alunos vivem numa sociedade letrada na qual tanto os sujeitos escolarizados como os não-escolarizados estão inseridos, a escola deve assumir a postura favorável ao ensino dos letramentos, que, nas palavras de Rojo (2009, p.27), devem ser entendidos como “capacidades de leitura” que envolvem aspectos culturais e sociológicos.

Letramento não deve ser confundido com “alfabetização”, embora sua origem encontre-se no termo inglês *literacy*, que numa tradução para o português assume vários sentidos (alfabetização, letramento, alfabetismo), os quais foram usados indissociavelmente em textos e pesquisas da década de 1980, no Brasil.

Pela complexidade e diversidade que recobre os conceitos, a opção por um exemplo pode ser a mais recomendada: Supondo que João, que nunca frequentou a escola e é analfabeto, receba o seu salário pelo banco. Mensalmente, João dirige-se a um caixa eletrônico e, mesmo sem saber ler, consegue extrair dinheiro apenas pela memorização da posição dos quadros na tela, das teclas e das cores. Ele não precisou ser alfabetizado para participar de uma situação que envolvia uma prática social de letramento. Esse caso ilustra, de maneira simplificada, a diferença entre alfabetismo e letramento.

Portanto,

alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e

linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos) [...] enquanto *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.) [...] (ROJO, 2009, p.98) (*grifos da autora*)

Na sociedade atual, principalmente nos grandes centros urbanos, todos estão envolvidos diariamente em práticas de letramento e, embora a escola trabalhe no âmbito daqueles que são alfabetizados, não pode perder de vista que um dos seus principais objetivos deve ser possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita (letramentos) na vida cotidiana, por isso, deve trazer para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, canônica e dominante, mas culturas populares, locais e de massa, aproximando-se da realidade e das necessidades de seu alunado, promovendo, assim, “multiletramentos ou letramentos múltiplos” (*ibidem*, p.107), tendo em mente a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua / linguagem.

Focando os gêneros digitais, por sua dinamicidade, exigem também uma nova forma de registro, o chamado “internetês”. Definida por Rojo (2009, p.103) como “uma linguagem social adaptada à rapidez de escrita dos gêneros digitais em que circula – bate-papo em chats, comunicação síncrona por escrito em ferramentas como MSN e blogs.”

Essa modalidade de registro é alvo de críticas de educadores em geral, que atribuem à internet (e, em particular, às redes sociais) o baixo domínio linguístico, por acreditarem que induz o jovem a escrever de maneira errônea e incentiva o desconhecimento da norma culta da língua. No entanto, é importante observar que essa nova escrita (o “internetês”) está adequada ao gênero discursivo próprio do meio no qual é veiculada e vem reforçar a dinamicidade da língua, que permite a criação de gírias, neologismos, regionalismos etc.

Portanto, a escola não precisa ignorá-lo ou “marginalizá-lo”, ele deve ser estudado na sala de aula como um modo situado de funcionamento da linguagem e que serve à necessidade dos sujeitos de acordo com o contexto comunicacional, para redação de gêneros digitais específicos, trazendo uma carga cultural.

Ainda de acordo com Rojo (2009, p.108), além da busca por promover os “multiletramentos ou letramentos múltiplos”, a escola deve considerar que o texto eletrônico, além da oferta de leitura do texto verbal escrito, traz consigo um conjunto de outras modalidades de linguagem, como imagens estáticas ou em movimento, que tornam esses textos, pela sua multiplicidade de modos de significar, constituintes de modalidades de leitura diversificadas, que exigem do aluno-leitor uma completude de competências e habilidades leitoras.

Uma característica interessante a respeito do texto digital que vale a pena ser destacada é a sua hipermodalidade, propiciada pelo conjunto de outras modalidades de linguagem citado acima, e que por vezes promove a quebra da linearidade textual. Essa quebra ocorre por meio dos hiperlinks.

Segundo Marcuschi (2005, p.146), os hiperlinks, links eletrônicos que possibilitam a interatividade constitutiva do hipertexto, geram uma organização textual que não é de tudo nova. Funcionariam como se fossem, por exemplo, as notas de rodapé num texto impresso. Porém, há quebra da linearidade a partir do instante em que os conteúdos são expandidos e um hiperlink pode levar a outra página, que pode levar a outra página, perdendo-se assim a continuidade da leitura do texto original e/ou enveredando para outros temas. O que não ocorre no texto impresso, uma vez que ao terminar a leitura da nota de rodapé, retoma-se, de maneira linear, a leitura do texto anterior.

Nesse eixo, os hiperlinks propiciam leituras diversas, pois um texto digital repleto de hiperlinks poderá levar cada leitor a uma compreensão diferente do conteúdo, de acordo com os hiperlinks que selecionar para leitura, assim, se constituem infinitas maneiras de leitura do texto.

Em consonância com toda essa reflexão e para amalgamar os pontos levantados, o conceito de “letramento digital” faz-se oportuno. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2005, p.9), “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Utilizar o termo “letramento digital” faz recobrar a necessidade de se inserir as TDICs na educação:

Creio não estar errado em afirmar que cabe à escola e ao professor organizar e implementar práticas de leitura / escrita que leve os estudantes ao domínio de competências para o manejo dos dois tipos de textualidade (impressa e digital), mesmo porque há vantagens e desvantagens em ambas, além de usos sociais próprios de cada uma delas. Outrossim, sabendo que a frequência a esses dois mundos multiplicará exponencialmente a exposição dos estudantes a uma grande variedade de textos, caberá aos professores estabelecer critérios de busca e seletividade de modo a, inclusive, gerar significação para as buscas e pesquisas através da leitura. (SILVA, 2003, p. 123)

É fundamental que a escola tenha em mente que suas práticas devem ser condizentes com a realidade e as necessidades de seu alunado. Para isso, o ensino tem por dever garantir que os estudantes sejam capazes de desenvolver as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, musical, gráfica etc.) e das línguas (variedades linguísticas) para poderem participar das práticas cidadãs e profissionais, em ambiente presencial e/ou virtual. Para isso, é necessário que os alunos desenvolvam as competências básicas que lhes darão plena autonomia para lidar com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas de maneira ética, crítica e protagonista.

Para tanto, não é necessária uma revolução complexa, basta uma revisão dos programas de ensino de tal forma que passe a contemplar os gêneros textuais das diversas esferas de atividade social. Cabe também apontar que as escolhas do ensino devem ser condizentes com os objetivos de aprendizagem. Diante desses princípios norteadores será possível selecionar aquilo que é “ensinável” e importante de ser aprendido, uma vez que

essas escolhas também dão protagonismo ao professor.

O que não se pode admitir é que a escola se acastele no preciosismo da norma-culta e no ensino dos gêneros textuais consagrados. O conhecimento da variedade de prestígio é uma forma de garantir o processo de letramento e um instrumento a mais de interação do indivíduo com o mundo letrado. Tendo em mente que o domínio da variedade padrão dá-se por meio da vivência e do contato com suas formas. O mesmo é válido para as práticas de leitura e de escrita. Quanto mais o aluno é exposto a elas, melhor as utiliza.

A Figura Mediadora do Professor

Sem dúvida, o letramento digital é necessário, pois como observamos, na atual sociedade, estamos inseridos constantemente, e cada vez mais, em práticas que exigem leitura e escrita. Alguns acreditam que apenas pelo fato dos nossos jovens serem da geração Z, eles dominam a tecnologia.

Segundo a Revista Veja de setembro de 2011 :

(...) A grande nuance dessa geração é zapear. Daí o Z. Em comum, essa juventude muda de um canal para outro na televisão. Vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à internet. Também troca de uma visão de mundo para outra, na vida.

Garotas e garotos da Geração Z, em sua maioria, nunca conceberam o planeta sem computador, chats, telefone celular. (...)

Mas será que esses jovens sabem fazer uso das ferramentas para adquirir a máxima potencialidade no aprendizado?

Livingstone (2011, p.13) afirma que “embora as habilidades on-line recém-conquistadas pelos jovens sejam compreensivelmente alardeadas por ambas as gerações, isso não as coloca acima de uma observação crítica, pois os jovens empreendedores e hackers são exceções e não a norma.”, fazendo menção aos jovens hackers que quebram códigos de segurança em sistemas de países e aos jovens empresários que estão fazendo fortuna no E-bay, como os criadores do Google e do YouTube.

A autora chama a atenção para a admiração que se tem do desempenho dos jovens no manejo dos recursos online e enfatiza que é uma admiração comum, já que é uma das poucas vezes em que um jovem ou criança adquire maior domínio que os mais velhos em atividades valorizadas socialmente, o mesmo ocorre quando uma criança é migrante e aprende mais rápido o idioma que os pais. Mas ressalta que ter habilidades online não significa que a criança ou jovem esteja tirando o melhor aprendizado da internet ou fazendo o melhor uso dela.

A autora faz referência ao termo “literacidade” e explica que:

Para aqueles que entendem “literacidade” apenas como leitura e escrita, a noção de literacidade na internet (ou literacidade computacional, ciberliteracidade etc.) soará perturbadora. Para não falantes da língua inglesa, a falta de uma

tradução direta de “literacy” para algumas línguas causa uma dificuldade. (*ibidem*, p.19)

É possível compreender “literacidade” numa concepção muito próxima da abordagem dada a letramento e no mesmo rumo da discussão de que o letrado nem sempre sabe desenvolver as suas habilidades em todas as circunstâncias de letramento às quais é submetido: “com o advento da educação massiva e o conseqüente aparecimento do letramento massivo, muitas pessoas tornaram-se letradas, mas não literatas”. (*ibidem*, p.20), ou seja, é maior o número de pessoas letradas, porém não críticas, nesse sentido, não apenas considerando pessoas que não refletem a respeito daquilo que leem ou acessam, mas englobando também a dificuldade que algumas têm em localizar informações.

Assim, também é condizente aproximar letramento digital do que Livingstone (2011, p.26) chamará de “literacidade na internet”, a qual define “como a habilidade de acessar, entender, criticar e gerar conteúdos informativos e comunicacionais *on-line*.”

Voltando à reflexão a respeito da atuação dos jovens em ambientes *on-line*, a autora afirma que “Ser capaz de usar a internet é de pouca valia em si.” (LIVINGSTONE, 2011, p.32), o que abrirá boas oportunidades de aprendizado é a habilidade em fazer uso desse recurso. Por isso, muitas vezes é necessária a orientação de familiares, educadores ou pessoas mais velhas. A ideia de que os jovens têm pleno domínio do universo digital tem exposto nossas crianças aos perigos da internet.

Assim, fica evidente que os jovens têm mais facilidade para manusear os recursos digitais, porém, isso não significa que tenham habilidades suficientes para obter da internet o que ela tem de melhor. O adulto, mesmo que não tenha tanto convívio com as ferramentas da web, tem papel relevante na orientação dos jovens. Ressaltando a importância de um processo de aprendizado direcionado, focado e com objetivos definidos, deixando evidente a necessidade da figura mediadora do professor.

Pois, ter nascido em uma determinada década não indica que o indivíduo, automaticamente, já possua as habilidades necessárias para o manuseio dos recursos disponíveis e que os nascidos em décadas anteriores possam cruzar os braços e acreditar que tudo está feito. Assim como um adulto nascido na década de 1970 pode adquirir conhecimentos que o possibilitem manusear muito bem os recursos digitais, também um jovem nascido no ano 2000 pode não ter habilidades para manuseá-los. Não é a data de nascimento que determina o nível de conhecimento, mas o interesse, as experiências e as habilidades desenvolvidas.

No campo da Educação, no entanto, surge a indagação: é necessário “aprender coisas novas” ou “aprender novas maneiras de fazer coisas velhas”? A chave para solucionar essa incógnita talvez seja revisar e mesclar as metodologias e os conteúdos, tendo em mente que esse processo, inevitavelmente, exige mudança. Mudança essa que não ocorrerá mediante indiferença, resmungos e postergação. É necessário investimento em cursos de formação e aperfeiçoamento para docentes e em estrutura física das instituições de ensino, também é

importante a revisão dos conteúdos curriculares para que contemplem um ensino voltado para o letramento digital.

Na Prática

Na vanguarda do uso das TDICs na Educação, alguns professores têm adotado metodologias inovadoras que buscam auxiliar os processos de ensino e aprendizagem em ambientes virtuais, favorecendo a interação, a autonomia, o protagonismo, a colaboração, a autoria e a mediação.

Muitas escolas, apoiadas em práticas pedagógicas que surtem efeito imediato, têm adotado portais educacionais como espaços de educação a distância.

Esses ambientes virtuais de aprendizagem possuem múltiplas ferramentas que podem oferecer ao aluno um aprendizado efetivo e de qualidade, complementando os conteúdos estudados em sala de aula presencial. Como afirma Perico (2014, p.115), os portais educacionais podem oferecer ferramentas como:

- ▶ *Resumo das disciplinas:* O portal apresenta, em tópicos, um breve resumo de cada conteúdo a ser estudado pelo aluno ao longo de sua formação, possibilitando também, por meio de hiperlinks, que o aluno acesse outras disciplinas e páginas da internet, prevalecendo o caráter interativo e interdisciplinar. Ao fim de cada conteúdo, uma lista de exercícios de múltipla escolha é oferecida para que o estudante verifique a compreensão do conteúdo.
- ▶ *Simulados:* A ferramenta de simulados é a mais procurada por alunos do último ano do ensino médio, pois possibilita selecionar o teste de vestibular de qual universidade deseja fazer, qual disciplina e qual ano. O mesmo ocorre com o simulado do Enem, que para o aluno é uma excelente ferramenta que está a sua disposição sempre que desejar, dando ao aluno autonomia e tornando-o um autodidata.
- ▶ *Armazenamento de arquivos:* Nesse espaço o aluno e o professor podem depositar conteúdos que serão visualizados por todos os usuários cadastrados, mesmo que sejam de outras escolas. O compartilhamento favorece a troca de conhecimentos, embora essa ferramenta sirva apenas para “guardar” os arquivos, não permitindo uma interação maior, ainda assim ela tem seu valor quando observada a possibilidade de enriquecimento do aprendizado ao acessar os conteúdos ali postados.
- ▶ *Exercícios de Múltipla Escolha:* Essa ferramenta é usada pelos professores para cadastrarem exercícios objetivos que os alunos devem responder numa determinada data e num tempo cronometrado. O professor pode usar a ferramenta para aplicar exercícios de fixação ou mesmo aplicar provas, uma vez que a ferramenta possibilita ao professor a opção de o aluno acessar uma única vez o questionário e respondê-lo. A praticidade da ferramenta está no fato de professores e alunos saberem qual o seu percentual de acerto ao término da atividade. Também se deve valorizar a oportunidade de o aluno visualizar o conteúdo como seria cobrado numa prova teste de vestibular, por exemplo.

- ▶ *Escrita em Grupo*: O aluno pode produzir textos em conjunto, sendo que a proposta é dada pelo professor. Essa ferramenta estimula a escrita coletiva e faz com que o aluno procure demonstrar o domínio da norma culta, pois sabe que seu texto será lido por outros colegas, quando for publicado pelo professor, e aplique os conhecimentos relativos aos gêneros textuais.

Sequência Didática: Utilizada como um complemento das aulas, nessa ferramenta o professor tem autonomia para criar conteúdos didáticos com textos de sua autoria, imagens, vídeos, músicas e anexos diversos. Também pode solicitar ao aluno que responda a questões dissertativas, que serão corrigidas pelo professor.

- ▶ *Redator de Jornal*: Permite ao professor convidar os alunos a redigirem um jornal, que posteriormente poderá ser acessado por todos os usuários cadastrados no sistema. Essa ferramenta favorece a pesquisa, a redação e o domínio do gênero textual informativo, sendo enriquecida por imagens selecionadas ou criadas pelos estudantes. Tal atividade confere autonomia ao aluno e valoriza sua produção textual, tendo bom resultado quando proposta em grupo, pois gera uma troca de conhecimentos, ampliando o repertório do aluno.
- ▶ *Blog do Professor*: Essa ferramenta possibilita uma gama enorme de atividades e trocas entre professor/aluno e aluno/aluno. No blog o professor pode inserir vídeos, textos e imagens. Os alunos postam seus comentários que são “moderados” pelo professor. Essa ferramenta favorece o diálogo, a argumentação, a articulação de ideias e a estruturação do texto escrito.

Notícias Contextualizadas: Para chamar a atenção dos usuários, as notícias estão sempre em evidência na página inicial do portal. Muitos acessam por curiosidade e se veem tentados a pesquisar mais a respeito do assunto. Além de estimular a pesquisa, esse recurso auxilia o aluno na ampliação de seu repertório, pois vai acumulando informações que depois serão utilizadas para construir a sua argumentação em redações como a do Enem e mesmo para ampliar o seu nível cultural.

- ▶ *Simulador de Redação*: Mensalmente é apresentada uma proposta de redação para que o aluno rediga de acordo com os critérios de correção do Enem. A finalidade é permitir que o aluno treine. As cem primeiras redações enviadas são corrigidas por uma equipe, segundo a grade do Enem, e retornadas para o aluno com as devidas observações. Quando a proposta tem seu prazo finalizado, em geral, é inserido um vídeo trazendo para o aluno os principais pontos que poderiam ter sido abordados naquela proposta redacional.

Essas são algumas das possibilidades que um portal educacional pode trazer a alunos e professores. No entanto, vale destacar que o maior desafio para os ambientes virtuais de aprendizagem é a criação de conteúdos que atendam às necessidades de todos os sujeitos que buscam nesses espaços subsídio para a complementação dos estudos.

Há um anseio crescente pela educação personalizada, ainda não contemplada especificamente pelos ambientes virtuais, mas em processo de criação, com tantos hiperlinks e modalidades diversas de produção textual.

Considerações Finais

Na sociedade contemporânea, é preciso ir além do saber ler, escrever e digitar. Exige-se do jovem enquanto estudante, cidadão e (futuro) profissional, um conhecimento reflexivo e crítico, autônomo e criador, que o preparo escolar deve oferecer, porém não mais por meio de uma formação bancária, e sim uma formação abrangente que envolva as mais diversas facetas que compõem a vida do indivíduo.

É fundamental a promoção de um ensino contextualizado em que o jovem esteja pronto para comunicar-se com sucesso em todos os ambientes nos quais esteja inserido, seja ele presencial ou virtual.

A escola, por sua vez, de maneira ainda morosa, busca adequar-se às exigências do universo digital do qual participam seus agentes. Mesmo tendo um longo caminho pela frente, a caminhada encontra-se em processo e o fim está distante, pois a cada dia o conhecimento e as formas de transmiti-lo renovam-se e jamais se esgotam.

Referências

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla. RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 11-42, jan./jun. 2011. ISSN 1982-8160. (Trad. Andréa Limberto). Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/66/99>>. Acesso em 09 ago 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PERICO, Lucivânia A. S. Quando a aula termina: o uso de portal educacional e os multiletramentos. In: BAHIA, Norinês

Panicacci (Org.). **Cadernos de Educação**: reflexões e debates. São Paulo: UMESP, 2014. (Número 26).

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Série Estratégias de Ensino 13).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios. In: FREIRE, Fernanda M. P.; ALMEIDA, Rubens Q. de; AMARAL, Sérgio Ferreira do; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

VILARINHO, L. R. G.. Práticas pedagógicas em ambientes virtuais de aprendizagem: um desafio da educação na cibercultura. In: FONTOURA, Helena. Amaral. da; SILVA, Marco. (Org.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p. 138-175. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>> acesso em 18 jun. 2014.

Lucivânia Antônia da Silva Périco

Professora do Centro Paula Souza e da Rede Estadual de Educação. Coordenadora do Projeto Portal Clickideia (ETEC “Lauro Gomes”). Graduada em Letras (FSA, 2004); Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior (Uniderp, 2009); em Metodologias e Gestão da EaD (Uniderp, 2012); em Língua Portuguesa (Unicamp, 2013); Mestranda em Educação (UMESP). Experiência docente no Ensino Fundamental, Médio, Técnico, Superior e na EaD.

MODELOS FLEXÍVEIS DE EAD APLICADO AO NOVO PERFIL DE ALUNO: UMA GERAÇÃO CONECTADA A TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Prof. Fernando Dândaro

Resumo

Atualmente uma nova concepção de sociedade se apresenta com várias habilidades e com capacidades de manipular diversas ferramentas tecnológicas e informações, por vezes, simultaneamente. Este cenário provocou o surgimento de uma geração de alunos inseridos no ambiente escolar, demandando de uma adequação nos currículos, uso de tecnologias, modelos de cursos e também na atuação do docente frente o processo educacional. Para tanto, esse trabalho tem como objetivo identificar um modelo educacional flexível, que atenda a necessidade de promover a educação e socialização ao novo perfil de aluno, com a utilização de tecnologias de comunicação e informação, interatividade e com uma dinâmica atrativa para esta geração de alunos já inseridos na era digital. O trabalho foi realizado a partir de levantamento bibliográfico e dados secundários, de caráter exploratório por meio de uma análise qualitativa dos resultados, que forneceram subsídios para o esclarecimento de idéias com a finalidade de propor um modelo de EaD que se adeque a este perfil de aluno ligado na era da tecnologia. Contudo, observou-se a necessidade por modelos flexíveis, harmonizando os projetos pedagógicos acerca das abordagens de ensino, recursos tecnológicos, material didático e atuação do professor, destacando que as ferramentas utilizadas na Educação à Distância (EaD) e seus contingentes pedagógicos, são de extrema importância para o aprendizado, promovendo assim, a construção de conhecimento dentro das possibilidades do aluno, e com isso, oferecer os mais diversos tipos de formação com flexibilidade.

Palavra Chave: EAD, Modelos Educacionais, Perfil do Aluno, Tecnologia.

Introdução

Diante das evoluções ocorridas no campo da tecnologia, sociedade e educação, novas oportunidades surgem, possibilitando a promoção de diversos modelos de educação com a finalidade de criar ambientes adequados a essas transformações, atendendo a necessidade de formação do profissional do século XXI.

Também, ante as exigências da contemporaneidade, em que a escassez de tempo livre é uma constante na vida de muitos os que desejam dar continuidade aos seus estudos, a aplicação EaD faz-se extremamente viável e necessária (COX, 2008).

O mesmo autor ainda completa que outra vantagem na aplicação dessa modalidade educacional, é possibilitar que pessoas possam cursar seus estudos em centros de excelência sem precisar desvincular-se de suas ocupações particulares e/ou profissionais, e ainda há vantagens econômicas em relação aos cursos presenciais, sobre os quais precisam ser acrescidos, os gastos com educação, hospedagem, transporte, alimentação entre outros.

A adesão nesta modalidade de ensino pode ser melhor compreendida através da crescente abrangência que a EAD demonstra perante o ensino superior. De acordo com o Censo da Educação Superior (2010), atualmente temos mais de 930.179 alunos no Brasil, matriculados na modalidade EaD, isso representa 14,6% dos alunos que estão inseridos no ensino superior. No Gráfico 1, que segue abaixo temos uma percepção desse número de matrículas.

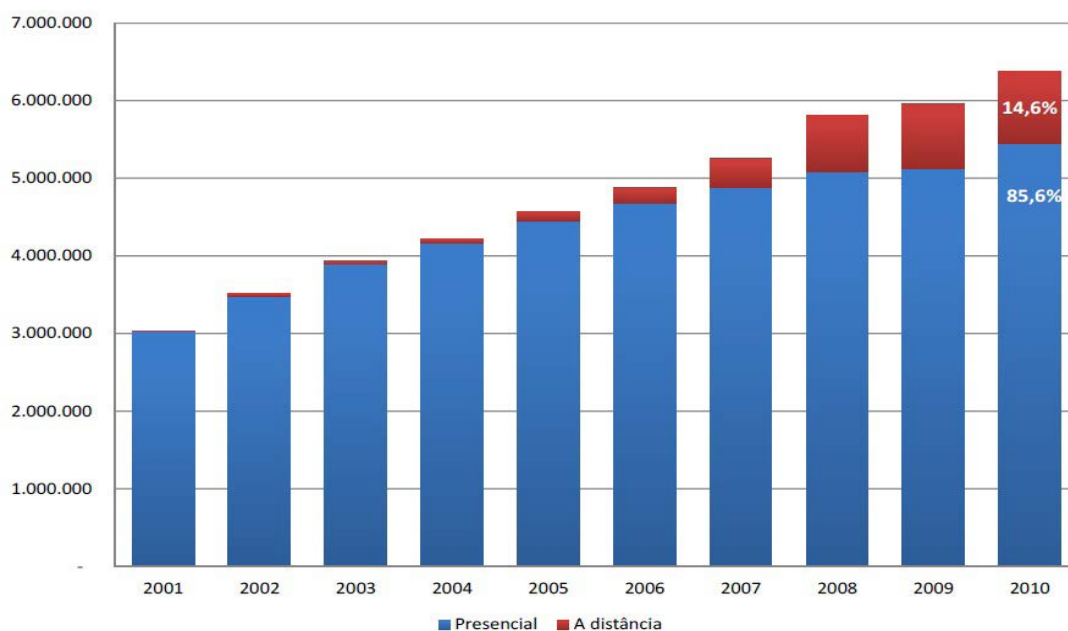


Gráfico 1: Evolução do Número de Matrículas por Modalidade de Ensino (2001 a 2010)
Fonte: INEP (2010).

Para uma melhor visualização sobre as matrículas nos curso EaD em nível superior o Censo da Educação Superior (2010), considera que os cursos presenciais atingem os totais de 3.958.544 matrículas de bacharelado, 928.748 de licenciatura e 545.844 matrículas de grau tecnológico. A educação a distância, por sua vez, soma 426.241 matrículas de licenciatura, 268.173 de bacharelado e 235.765 matrículas em cursos tecnológicos. Os percentuais representativos desses dados são apresentados no Gráfico 2, a seguir.

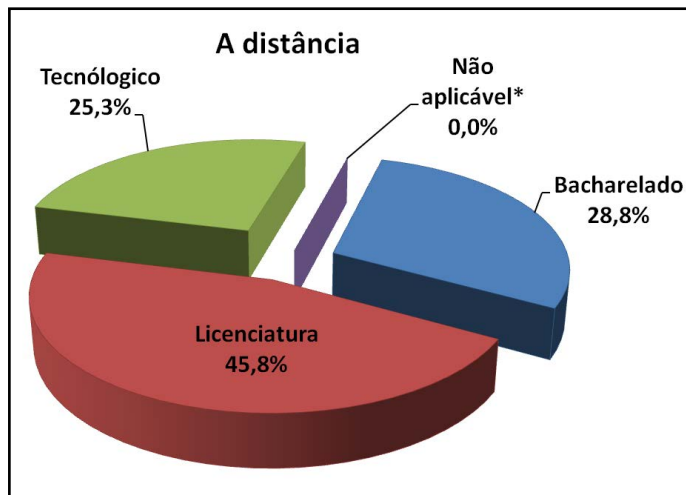


Gráfico 2: Número de Matrículas EaD por Grau Acadêmico (2010)
Fonte: INEP (2010)

Ainda sobre este constante crescimento, o Ministério da Educação (MEC) tem o plano de triplicar o número de matrículas em cursos públicos de Educação a Distância (EaD) até 2014, passando dos atuais 210 mil alunos para 600 mil. O dado é do diretor de Educação a Distância da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), João Carlos Teatini, responsável pelo programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). Entre os obstáculos, segundo o gestor, estão o preconceito e a resistência ao modelo, as dificuldades de conexão e falta de banda larga pelo país (HAMIK, 2014).

Sendo assim, percebe-se que a EaD mais que uma solução, é uma necessidade, vista que esta pode ser a estratégia para oportunizar o acesso a educação de formal geral. Este acesso deve privilegiar além dos que não disponibilizam de tempo, também aqueles, que já estão inseridos no campo da Tecnologia de Comunicação e Informação (TIC), e necessariamente preferem um modelo de ensino integrado com maior interatividade através das novas tecnologias.

De acordo com Gestão Educacional (2012), há um novo perfil de aluno com competências e habilidades inovadoras, bem como predisposição para a utilização de novas tecnologias. Para essa nova geração de alunos, é necessário identificar e promover concepções curriculares flexíveis que atenda essa demanda (de jovens com habilidades multifuncionais) com integração de tecnologia de comunicação, dinamismo e criação de ambientes de aprendizagem com foco em sua realidade de tempo, disponibilidade, capacidade intelectual e de desenvolvimento pessoal.

Podemos perceber que o aprendizado é um processo de ações colaborativas entre as pessoas,

individual ou coletivamente, que têm problemas para resolver e informações para dividir, e a tecnologia móvel pode conectar essas pessoas, promovendo a troca de informações necessárias, mais do que um local fixo como a sala de aula.

Segundo Moran (2013), a sociedade conectada em rede aprende de forma muito mais flexível, através de grupos de interesse (listas de discussão), de programas de comunicação instantânea e pesquisando nos grandes portais. Enquanto a escola mantém rígidos programas de organização do ensino e aprendizagem, inúmeros grupos profissionais trocam experiências de forma muito mais constante e aberta.

Quanto maior as diversidades de formas de comunicação, melhor é a contribuição para o processo de ensino aprendizagem. Cox (2008), afirma que a interação entre os agentes escolares pode acontecer em tempo real, com segurança e precisão, e isso pode otimizar a troca de mensagens, o que é muita relevância para todo e qualquer processo educacional.

Temos hoje uma nova geração de alunos inseridos no ambiente escolar que já possuem habilidades e competências tecnológicas. São crianças e jovens nascidos a partir de 1995 bem mais inseridos no mundo da tecnologia e comunicação com habilidades e características de multitarefa, possuem a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e isso altera a forma de sua aprendizagem frente ao nosso tradicional processo de educar e socializar (GESTÃO EDUCACIONAL, 2012).

Esta nova concepção de aluno necessita de uma adequação nos currículos e modelos de cursos e na atuação do docente frente ao processo educacional.

Esse trabalho tem como objetivo, identificar um modelo educacional flexível, que atenda a necessidade de promover a educação e socialização ao novo perfil de aluno com a utilização de tecnologias de comunicação e informação, interatividade e com uma dinâmica atrativa para este perfil de alunos, que já estão inseridos na era digital.

Será realizada a pesquisa qualitativa, a partir de fontes bibliográficas utilizando a metodologia exploratória e dados secundários com para o desenvolvimento e esclarecimento de idéias, para subsidiar a análise identificando uma proposta de modelo de educação EaD que atenda a necessidade de ensino aprendizagem ao novo perfil de aluno, ligado a tecnologia

Para tanto, há de se compreender as características da modalidade EaD e suas contribuições para a educação no Brasil, as tecnologias de comunicação e informação que podem ser aplicadas a essa modalidade, os modelos existentes e as estratégias que podem ser aplicadas à EaD para atender a demanda do novo perfil de aluno, presente no século XXI.

1. A EaD no Brasil e suas contribuições

No Brasil, a modalidade da Educação à Distância (EaD) está regulamentada desde 1996, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, nº 9.694, porém essa modalidade ainda está em adaptação a nossa realidade social e educacional.

A prática da Educação a Distância (EaD) tem sido concretamente uma prática educativa, isto é, de interação pedagógica, cujos objetivos, conteúdos e resultados obtidos se identificam com aqueles que constituem, nos diversos tempos e espaços, a educação como projeto e processo humanos, histórica e politicamente definidos na cultura das diferentes sociedades (SARAIVA, 2013).

Essas diversas diferenças são concebidas com base na formação educacional recebido, que teve como influencia as condições socioambientais, econômicas, culturais e de acesso a tecnologia e informação.

De acordo com Saraiva (2013), embora a educação implique comunicação de informações e conhecimentos, estímulo ao desenvolvimento de habilidades e atitudes, que constituem o que denominamos ensino, implica também e necessariamente a apropriação, por parte dos sujeitos, das informações e conhecimentos comunicados, das habilidades e atitudes estimuladas, apropriação denominada aprendizagem. Além disto, a educação implica processos pessoais e sociais de relação entre o ensinado e aprendido e a realidade vivida, no contexto cultural situado, produzindo - pessoal e coletivamente - a existência social e individual.

De acordo com Sartori (2013), o atual processo de mudanças causado pela informatização e automação de diversas atividades da economia está exigindo das pessoas com permanente aperfeiçoamento e formação especializada para que possam fazer frente à demanda por mão-de-obra qualificada, para atuar no âmbito do desenvolvimento de tecnologias e sua inserção em setores da produção. Esse contexto forçou a adoção de modelos educacionais que superem a concepção da impossibilidade educacional da situação na qual o professor e o aprendente, estejam separados um do outro no tempo e no espaço.

Portanto, pode-se observar que as mudanças sociais provocaram uma forte tendência para a educação à distância em todo o mundo, pois este modelo é único em termos de abrangência e acessibilidade.

A EaD ganha aval como elemento da política educacional através da Lei n.º 9.394, de dezembro de 1996, e suas regulamentações. Passa a ser concebida como portadora da mesma esperança e da mesma responsabilidade perante a qualidade da educação, deixando de ser entendida como “emergencial” e tornando-se um forte componente da política educacional brasileira em favor da democratização do acesso à educação. Neste movimento, teve reconhecido seu potencial renovador dos paradigmas educacionais devido às especificidades de suas práticas pedagógicas que colocam em evidência a relação entre educação e comunicação, na medida em que se viabiliza através das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's) (BRASIL, 1996; SARTORI, 2013).

Essa nova visão da EaD no Brasil possibilita maior abrangência dessa modalidade, garantindo atuação no mercado de trabalho com a mesma validade e intensidade dos cursos tradicionais no modelo presencial. Com esse cenário de aceitação pelo mercado, novas áreas de formação surgem promovendo a ascensão do profissional que recebeu uma formação à distância. Também deve-se considerar que o egresso dos cursos EaD são portadores de habilidades e competências diferenciadas com

autodisciplina, tendência para investigação, administração do tempo, pesquisa entre outras, que são características essenciais do profissional atuante no século XXI.

2. Utilização dos meios de comunicação na EaD

Na década de 90, quando se deu início da popularização dos computadores não se imaginava o quão importante e revolucionário seria esta nova tecnologia para a educação.

Já no século XXI, o *boom* dos notebooks e, logo depois, dos netbooks (menores e mais portáteis que seus antecessores) fizeram instituições reverem seus planos em relação às novas plataformas digitais. Os tablets, dispositivos ainda mais portáteis e adequados ao uso educacional, já está sendo inserido no meio educacional e gerando soluções criativas em sua implantação (ENSINO SUPERIOR, 2012).

Hoje em dia, esses alunos considerados nativos digitais tem características multifuncionais que possibilitam o acesso a diversos meios de comunicação e informação ao mesmo tempo. Na Figura 1, pode-se observar a diversidade do uso simultâneo das TIC's.



Figura 1: Uso das TIC's pelos nativos digitais
Fonte: Lemos (2013)

É necessário entender como os alunos estão fazendo uso das tecnologias de comunicação e informação no ambiente educacional e principalmente no seu dia-a-dia, para estabelecer uma relação harmônica entre esses nativos digitais e o processo de ensino aprendizagem.

Sobre as várias tecnologias que influenciaram o uso da EaD Sartori (2013), comenta que:

As novas tecnologias potencializam a EaD através do uso de teleconferências, videoconferências, do correio eletrônico, ferramentas de buscas na Internet, listas de discussão, fóruns de discussão e outros. Em conjunto com estas tecnologias, no entanto, convivem outras já muito conhecidas entre educadores. O material impresso serviu,

e ainda serve, de base para este modelo educacional. Junto com jornais, revistas, apostilas, cadernos didáticos, fascículos, guias de estudo, cadernos pedagógicos, encontramos fitas de vídeo, fitas de áudio etc. Precisam ser acrescentados a esta lista os meios de comunicação de massa, o rádio, a televisão e o cinema. A EaD utiliza toda e qualquer mídia que sirva de agente mediador, que possibilite a comunicação entre estudantes, corpo docente e administração.

Os professores que atuam na escola e possuem mais de vinte anos são imigrantes no ciberespaço. Ou seja, nasceram em outro meio e aprenderam a construir conhecimento de forma diferente do que esta geração denominada de “nativos” o faz (PRENSKY, 2001 apud MARTINS; GIRAFFAS, 2013).

É perceptível que a maior parte dos docentes são imigrantes da era digital. Mesmo assim esses professores devem estar preparados para atuar como sujeito desse novo modelo de educação, sem medo de encarar os nativos digitais.

Todo professor deve entender que precisa deixar de ser um repetidor de informação, para ser aquele que, além de orientar o aluno a como estudar, agrega sua experiência a informação obtida nos equipamentos eletrônicos, tornando a aprendizagem muito mais rica, emocionante e proveitosa (NOVA ESCOLA, 2011).

A utilização adequada de determinadas ferramentas de TIC's somadas a processos eficientes de ensino aprendizagem garante uma funcionalidade eficaz na modalidade de ensino à distância.

As várias tecnologias de comunicação existentes possibilitam diferentes sistemas de formação, como: formação individualizada, aberta e a distância, o que implica e proporciona a organização e planejamento de circunstâncias educativas, e que gera novos modelos metodológicos de ensino e novos ambientes de aprendizagem. No cenário educacional, vemos a sala de aula tradicional ser abandonada aos poucos, substituída por novos modelos educacionais, uma vez que a Internet viabiliza a era da escola virtual (SARTORI, 2013).

Postar, compartilhar, tuitar, fazer download e uploads de arquivos. Cada vez mais esses termos são comuns em conversa de adolescente, integrando o dia a dia da sala de aula, pois essas novas tecnologias de comunicação e informação são instrumentos valiosos para enriquecer a prática pedagógica. O que falta, é tornar mais harmônica a relação entre os docentes e os chamados “nativos digitais”, que nasceram e cresceram no mundo pós-internet (NOVA ESCOLA, 2011).

Daí a importância de saber usar essas ferramentas a favor da aprendizagem dos conteúdos curriculares e da formação exigida pelo atual mercado.

Um modelo de educação pautado no uso de tecnologias de informação e comunicação, aliado a uma abordagem pedagógica de ensino aprendizagem, contribuirá muito para o processo de formação em massa, com determinados pontos de conhecimentos essenciais para garantir a formação adequada e destacando a personalidade do egresso em termos de habilidades e competências específicas em torno de suas necessidades de atuação profissional.

3. Modelos de Educação

O modelo da primeira geração esteve pautado no uso de material impresso enviado pelo correio. A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação eletrônicos, a EaD passou a se servir do rádio, da televisão, do fax, do telefone, configurando a chamada segunda geração.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação, estamos vivenciando a era da terceira geração, a que agrega as potencialidades telemáticas às tecnologias já desenvolvidas, fazendo uso de todos os recursos para tornar eficientes e eficazes modelos educacionais não baseados em encontros face-a-face entre quem ensina e quem aprende.

Podemos identificar nestas gerações, a busca permanente da EaD por meios tecnológicos que apresentem maiores possibilidades interativas.

É com a Internet, no entanto, que a interatividade atinge graus excepcionais, pois oferece ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas (SARTORI, 2013).

Complementando, o mesmo autor considera que podemos ter cursos oferecidos com encontros presenciais mediatizados tecnologicamente, o curso todo pode se realizar de forma presencial, independentemente da separação geográfica existente entre alunos e professores. A comunicação síncrona vem contribuindo para a interação imediata e simultânea entre professores e alunos e, principalmente, vem permitindo o acesso a informação para todos, ao mesmo tempo, característica de sistemas presenciais.

É a comunicação assíncrona, no entanto, que vem sendo considerada característica revolucionária na educação atual, pois viabiliza a oferta para estudantes geograficamente distantes ou não, e “mudam os processos tradicionais através dos quais esta comunicação vem se dando ao longo dos tempos” (BARROS; NEVES, 2000 apud SARTORI, 2013).

A comunicação assíncrona pode ser apontada como a forma de comunicação que garante o estudo autônomo, na medida em que os estudantes estabelecem seus cronogramas pessoais de estudos, conforme necessidades e interesses, característica básica da modalidade a distância. A comunicação assíncrona permite a interação sem hora marcada.

O uso de todas as tecnologias, da impressa à digital contribuem com o processo de ensino-aprendizagem, tanto no sentido de facilitar o acesso e a construção do conhecimento por parte do estudante, quanto pelas diferentes modalidades de linguagens que oferecem.

Atualmente, convivemos com projetos educacionais que utilizam desde o material impresso como material didático básico do processo ensino-aprendizagem até modelos totalmente on-line, baseados em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Estes seriam um conjunto de ferramentas pedagogicamente preparado e articulado para fornecer o máximo de interatividade em uma relação pedagógica mediada por computadores, através da utilização das facilidades disponibilizadas pela Internet.

Podemos entender os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) como sendo o conjunto de condições ambientais – espaço físico e temporal, condições técnico-ferramentas e condições didático-pedagógicas para o desenvolvimento da aprendizagem. A estratégia didático-pedagógica fundamenta a utilização de tecnologias, constituindo-se como matriz de regulamentação das condições técnico-ferramentas, garantindo qualidade (SARTORI, 2013).

O estudante precisa de condições físicas e técnicas para estudar, mas também necessita de condições didático-pedagógicas adequadas. O fator decisivo para a aprendizagem será a estratégia didático-pedagógica que orienta a utilização dos recursos didáticos, pois estes devem estar articulados de forma a agirem coordenadamente, tendo cada recurso função específica, porém formando uma unidade uns com os outros, a partir de uma orientação pedagógica fundamentada em uma determinada concepção de aprendizagem.

Em outras palavras, trata-se de estabelecer o projeto pedagógico e comunicativo com o qual serão eleitas e utilizadas todas as tecnologias, abordagens pedagógicas e suas linguagens.

4. Estratégias de EaD como solução para Século XXI

Para a concepção de um curso EaD, há necessidade de estabelecer uma identidade acerca do Projeto Pedagógico do Curso com foco no ensino aprendizagem e por meio das TIC's, aplicar uma abordagem construtivista.

De acordo com Hack (2011), com base na abordagem construtivista, entenderemos a EaD como uma prática educativa que busca aproximar o saber do aprendiz. Ou seja, o conhecimento é construído pelo aprendiz em cada uma das situações em que ele está utilizado ou experimentado. Um dos aspectos importantes do construtivismo está no fato de que a realidade pode ser abordada sob várias perspectivas para possibilitar ao aprendiz a apropriação de tal realidade, segundo as diversas óticas sob as quais ela pode ser considerada.

Assim, os processos e os resultados de uma prática construtivista são diferentes de um indivíduo e de um contexto a outro, pois a aprendizagem acontece pela interação que o aprendiz estabelece entre os diversos componentes do seu meio ambiente.

O conceito de curso, de aula também muda. Hoje, ainda entendemos por aula um espaço e um tempo determinados. Mas, esse tempo e esse espaço, cada vez mais, serão flexíveis. O professor continuará “dando aula”, e enriquecerá esse processo com as possibilidades que as tecnologias interativas proporcionam: para receber e responder mensagens dos alunos, criar listas de discussão e alimentar continuamente os debates e pesquisas com textos, páginas da Internet, até mesmo fora do horário específico da aula. Há uma possibilidade cada vez mais acentuada de estarmos todos presentes em muitos tempos e espaços diferentes. Assim, tanto professores quanto alunos estarão motivados, entendendo “aula” como pesquisa e intercâmbio. Nesse processo, o papel do professor vem

sendo redimensionado e cada vez mais ele se torna um supervisor, um animador, um incentivador dos alunos na instigante aventura do conhecimento (MORAN, 2013).

A elaboração do Projeto Pedagógico para cursos EaD deverá estar adequado a essas novas concepções de aluno, aula, sistemas de ensino e aprendizagem, abordagem pedagógica e também sobre a organização e o acesso ao material didático.

A estratégia de modelo de EaD deverá reunir material didático frente a nova realidade de ensino, ou seja, conteúdo digital de forma integrada e interativa com capacidade de se adaptar a qualquer novo hardware e software que apareça, desde que leve vantagens sobre outros (ENSINO SUPERIOR, 2012).

Moran (2013), afirma que estamos numa fase de transição na educação a distância. Muitas organizações estão se limitando a transpor para o virtual adaptações do ensino presencial (aula multiplicada ou disponibilizada). Há um predomínio de interação virtual fria (formulários, rotinas, provas, e-mail) e alguma interação on-line (pessoas conectadas ao mesmo tempo, em lugares diferentes). Apesar disso, já é perceptível que começamos a passar dos modelos predominantemente individuais para os grupais na educação à distância. Das mídias unidirecionais, como o jornal, a televisão e o rádio, caminhamos para mídias mais interativas e mesmo os meios de comunicação tradicionais buscam novas formas de interação. Da comunicação off-line estamos evoluindo para um mix de comunicação off e on-line (em tempo real).

Esse novo cenário, deve-se, ao fato do desenvolvimento tecnológico e do acesso as TIC's por uma maior população brasileira, porém, ainda há necessidade de um crescimento intelectual dos processos de ensino aprendizagem que contemple modelos e práticas pedagógicas harmonizando os projetos pedagógico acerca das abordagens, ferramentas tecnológicas, material didático e atuação do professor.

A Educação a distância não é um “fast-food” em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo - de forma presencial e virtual. Nessa perspectiva, é possível avançar rapidamente, trocar experiências, esclarecer dúvidas e inferir resultados. De agora em diante, as práticas educativas, cada vez mais, vão combinar cursos presenciais com virtuais, uma parte dos cursos presenciais será feita virtualmente, uma parte dos cursos a distância será feita de forma presencial ou virtual-presencial, ou seja, vendo-nos e ouvindo-nos, intercalando períodos de pesquisa individual com outros de pesquisa e comunicação conjunta. Alguns cursos, poderemos fazê-los sozinhos, com a orientação virtual de um tutor, e em outros será importante compartilhar vivências, experiências, idéias (MORAN, 2013).

O mesmo autor complementa que, a Internet está caminhando para ser audiovisual, para transmissão em tempo real de som e imagem (tecnologias streaming, que permitem ver o professor numa tela, acompanhar o resumo do que fala e fazer perguntas ou comentários). Cada vez será mais fácil fazer integrações mais profundas entre TV e WEB. Enquanto assiste a determinado programa, o telespectador começa a poder acessar simultaneamente

às informações que achar interessantes sobre o programa, acessando o site da programadora na Internet ou outros bancos de dados.

As possibilidades educacionais que se abrem são fantásticas. Com o alargamento da banda de transmissão, como acontece na TV a cabo, torna-se mais fácil poder ver-nos e ouvir-nos a distância. Muitos cursos poderão ser realizados a distância com som e imagem, principalmente cursos de atualização, de extensão. As possibilidades de interação serão diretamente proporcionais ao número de pessoas envolvidas (MORAN, 2013).

Entretanto, a incorporação das TIC não é suficiente para promover a melhoria desta qualidade. Não se trata apenas de uma questão de promoção de acesso aos recursos tecnológicos disponíveis, mas sim, de como conjugar tais equipamentos e práticas educativas: como avançar pela questão da qualidade de acesso, o que envolve as possibilidades da rede social; indaga-se como os estudantes podem aprender mais e melhor com os usos das TIC; como instaurar outros processos de aprendizagem, mais coetâneos com o tempo presente e as suas necessidades (LARA; QUARTIERO, 2013).

Nesta perspectiva, assumimos que o desenvolvimento das TIC's e sua aplicação nos processos educativos, traz possibilidades de inovação na prática pedagógica e pode contribuir com a qualidade da educação.

Considerações Finais

Os nativos digitais impõem a nós, adultos, um desafio: conectar-se já!

Não há mais como ter outra opção além desta. O fato é que temos uma insatisfação dos nativos digitais, com a mesmice do cotidiano da sala de aula. Por outro lado, professores que trabalham com essa geração, em geral não estão totalmente preparados para dar aula neste cenário. Isso posto, fica claro que há um problema de comunicação nessa relação jovem x professor, o que tem dificultado o ensino e a aprendizagem na escola.

Em paralelo a essa situação, os nativos digitais, independentemente dos seus processos de aprendizagens, estabelecem outra maneira de se comunicar com a escrita na lógica do teclado, uma comunicação da oralidade grafada, têm outra forma de se relacionar, forma esta totalmente rechaçada pelo ambiente escolar.

Não dá mais para acreditar que isso é um modismo, que é passageiro e que não dará em nada. Essa tecnologia promove e potencializa a articulação em rede; e também já está incorporada ao mundo do trabalho, e o ensino não pode mais ficar fora desse contexto.

Essa relação com o aluno precisa ser retomada de uma forma dinâmica, desafiadora, que explore os sentidos utilizando as mídias digitais na sala de aula e nos ambientes e momentos diversos do dia-a-dia. Mas ainda é prematuro afirmar que os nativos digitais aprendem mais porque têm acesso às novas tecnologias de informação e comunicação. O que podemos dizer é que esta net generation tem uma relação distinta com o acesso à informação e que sua forma de comunicação com os seus pares a distingue das

demais gerações. Talvez seja este o ponto, onde a escola e os professores pudessem se despir mais do preconceito e conhecer, mergulhar nesse ambiente, buscando um elo que pode estar em vias de ser perdido.

Um projeto pedagógico adequado com a utilização das diversas possibilidades em termos de TIC's, hábitos dos alunos, softwares, material didático e professores com habilidades e competências para harmonizar esses recursos possibilitará novos avanços para a EaD frente ao novo perfil de aluno.

Dessa forma teremos aulas a distância com possibilidade de interação on-line (ao vivo) e aulas presenciais com interação à distância.

Para atuar as necessidades demandas pelo aluno da modernidade (século XXI), alguns cursos devem oferecer modelos avançados com qualidade, integrando tecnologias e propostas pedagógicas inovadoras, com foco na aprendizagem e com um mix de uso de tecnologias: ora com momentos presenciais; ora de ensino on-line (pessoas conectadas ao mesmo tempo, em lugares diferentes), adaptação ao ritmo pessoal, interação grupal, diferentes formas de avaliação; que poderá também ser mais personalizada a partir de níveis diferenciados de visão pedagógica.

O processo de mudança na educação a distância não é uniforme nem fácil. Será mudado aos poucos, em todos os níveis e modalidades educacionais. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos não. É difícil mudar padrões adquiridos (gerenciais, atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade.

Outra ação de relevância, é possibilitar a todos o acesso às tecnologias, à informação significativa e à mediação de professores efetivamente preparados para a sua utilização inovadora que contribuirá para cursos e programas que excedem os limites da formação tradicional.

Esse novo cenário será constituído como um espaço de formação e troca de experiências, alargando as fronteiras para o acesso ao conhecimento. Essas concepções têm características de uma formação sem limites para o conhecimento. Estudar quase sempre significa facilmente prestar muita atenção: estudamos uma situação fundamental de modo que se possa, então, agir efetivamente.

Com essa pesquisa conclui-se que as diferentes ferramentas utilizadas na Educação à Distância (EAD) e seus contingentes, são de extrema importância para o aprendizado; e quando utilizadas em conjunto a um Projeto Pedagógico flexível à construção de conhecimento dentro das possibilidades do aluno e com material disponível por meio de várias mídias, o aprendizado é alcançado de forma ilimitada, possibilitando os mais diversos tipos de formação.

Referências

ALVES, L.; NOVA, C. Educação a Distância: Uma Nova Concepção de Aprendizagem e Interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

BEHAR, P. A. Modelos Pedagógicos em Educação a Distância. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BEHAR, P. A.; PASSERINO, L.; BERNARDI, M. Modelos Pedagógicos para Educação a Distância: pressupostos teóricos para a construção de objetos de aprendizagem. 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/4bPatricia.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB – Lei nº 9.394. Brasília: Distrito Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância. Brasília: Distrito Federal, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

COX, K. K. Informática na Educação Escolar. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

ENSINO SUPERIOR, Revista. Tecnologia: saiba como aproveitar melhor todo o potencial dos tablets dentro e fora da sala de aula. Ano 14, nº 164. Agosto. São Paulo: Segmento, 2012.

FARIA, J. G. A construção do conhecimento em cursos a distância. 2010.

Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/26856323/A-CONSTRUCAO-DOCONHECIMENTO-EM-CURSOS-DE-EAD>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

GESTÃO EDUCACIONAL, Revista. Quem são os alunos de hoje?. Ano 07, n. 81. Fevereiro. Curitiba: Humana, 2012.

GOMES, S. J. S. Relação ensino-aprendizagem na educação à distância

(ead) no contexto do ensino superior. 2011. Disponível em: <<http://www.clickartigos.com.br/educacao/relacao-ensino-aprendizagem-na-educacao-a-distancia-ead-no-contexto-do-ensino-superior.html>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

HACK, J. R. Introdução à educação a distância. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011

Fernando Dândaro

Coordenador e Professor do Curso de Administração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Aparecida (UNIESP I Unidade de Sertãozinho-SP) e Professor da FATEC -Faculdade de Tecnologia de Franca dos Cursos de Gestão da Produção Industrial e Gestão Empresarial, onde também Orienta Trabalho de Graduação. Mestre em Desenvolvimento Regional, Especialista em Administração, em Gestão Escolar e também em Metodologias e Gestão da EAD, Licenciado em Pedagogia e bacharel em Administração.

O USO DE UM RECURSO TECNOLÓGICO NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS - EJA: UM ESTUDO DOS COMENTARIOS INSERIDOS PELOS ALUNOS

Lucilene Santos Silva Fonseca

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o resultado um processo de formação ocorrido em 2009, em que uma professora cria e usa um blog nas aulas de língua portuguesa com as turmas de Ensino Médio do EJA – Ensino de Jovens e Adultos. A partir das notas de campo da docente, busca-se identificar e avaliar a receptividade dos alunos com a implantação e o uso desse recurso virtual, a partir de comentários registrados nele e questionários. A fundamentação teórica da investigação está centrada na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994/2000) e na noção de Avaliatividade (Martin, 2003, 2005). Ao final do trabalho, ficou evidenciado que ele trouxe contribuições para a área de novas tecnologias aplicadas à educação, especificamente em cursos de EJA, já que, como resultado do processo gerado por meio da implementação de um blog, mostra como é possível aos alunos desses cursos conceber o computador e seus múltiplos recursos como uma alternativa eficiente para aprofundarem seus conhecimentos.

Palavras-chave: blog, ensino de língua portuguesa, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Introdução

Este artigo apresenta a experiência profissional de uma professora que implementa no ano de 2009 um blog junto às aulas de língua portuguesa para disponibilizar conteúdos para seus alunos do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) de uma escola pública da cidade de São Paulo, que teriam ali um espaço não só de consulta, mas de interação tanto com os colegas quanto com a professora. Uma alternativa para impulsionar a aprendizagem e promover a interação entre os alunos, o professor e os conteúdos didáticos, bem como a reflexão crítica dos envolvidos.

O jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatar a sua autoestima, pois sua “ignorância” lhes trará ansiedade, angústia e “complexo de inferioridade”. Eles são tão capazes como uma criança, mas têm um nível de subjetividade e uma realidade cultural bastante diferente em relação a ela; por esse motivo é preciso que as metodologias empregadas nessa modalidade de ensino sejam adequadas, exigindo artifícios eficientes.

A Constituição Federal de 1988¹ estabelece que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família” e ainda, que o ensino fundamental obrigatório e gratuito seja oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

De acordo com os dados apresentados no Censo Escolar de Educação Básica de 2007², a distribuição da matrícula na modalidade de ensino EJA está nas escolas das redes estaduais (58,3%) e municipais (38,8%), sendo menor nas privadas (2,8%) e rede federal (0,1%). O Censo Escolar de 2007 inclui os cursos profissionais de Ensino Médio. Na Tabela 1, vê-se, em números absolutos, a distribuição de matrículas na rede pública e privada tanto no Brasil, quanto no Estado de São Paulo, que abriga a cidade onde se desenvolveu esta investigação.

¹BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil - 1988. Art. 205. Disponível em: <http://www.trt02.gov.br/geral/Tribunal2/Legis/CF88/CF88_Ind.html>. Acesso em: 12 mar. 2008.

BRASIL. Plano Nacional de Educação - introdução: objetivos e prioridades dois. MEC, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2009.

BRASIL. Parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação. CNE, MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=361&Itemid=409>>. Acesso em 12 mar. 2009.

BRASIL. Resolução do Conselho Nacional de Educação. CNE, MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2009.

²O Censo Escolar da Educação Básica é uma pesquisa realizada anualmente junto a todos os estabelecimentos de ensino público e privado do país pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), por intermédio da Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). Periodicamente a coleta adotada no Censo, sistema informatizado de levantamento de informações estatístico-educacionais sobre as diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, oferece um cadastro de alunos e docentes.

Fonte: Censo Escolar da Educação Básica 2007. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

Unidade da Federação	Matrículas na Educação Básica									
	Localização / Dependência Administrativa									
	Total	Total				Urbana				
Federal		Estadual	Municipal	Privada	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada	
Brasil	53.028.928	185.095	21.927.300	24.531.011	6.385.522	46.031.609	155.894	21.021.716	18.538.399	6.315.600
São Paulo	10.634.855	4.346	5.077.518	3.868.825	1.684.166	10.462.208	4.346	5.002.195	3.777.209	1.678.458

Tabela 1 - Número de matrículas na Educação Básica por localização e dependência administrativa, segundo a região geográfica e a Unidade da Federação, em 30/5/2007.

Na mesma direção, o Censo de 2013 aponta que o Brasil há 3,1 milhões de estudantes na EJA³. Paralelamente o Ministério da Educação divulga resultados do à luz do Censo 2013, que indicam que 3.102.816 estudantes foram matriculados na educação de jovens e adultos nas redes pública estadual e municipal de ensino. Desse total, 2.143.063 (69,1%) no ensino fundamental e 959.753 (30,9%) no ensino médio.

Paralelamente à evolução da EJA tivemos o surgimento e a evolução das novas tecnologias e da Internet como aliadas à educação, ampliando as possibilidades de buscas de informações e pesquisas, bem como de interação. Moran (s.d.) ressalta que:

A Internet está se tornando uma mídia fundamental para a pesquisa. O acesso instantâneo a portais de busca, a disponibilização de artigos ordenados por palavras-chave facilitaram em muito o acesso às informações necessárias. Nunca como até agora professores, alunos e todos os cidadãos possuíram a riqueza, variedade e acessibilidade de milhões de páginas WEB de qualquer lugar, a qualquer momento e, em geral, de forma gratuita.

É consenso que o uso da tecnologia é hoje fundamental nos mais diversificados contextos. Bovo (2001) defende a utilização de novas tecnologias na EJA, justamente porque o computador e o mundo digital fazem parte do cotidiano tanto do trabalho como da sala de aula, podendo atuar como instrumentos facilitadores e motivadores da aprendizagem. Uma das ferramentas digitais que fazem parte desse conjunto de possíveis facilitadores e motivadores da aprendizagem é o blog. Novaes (2007-2008, p.1) afirma que:

A moda dos Blogs começou mesmo no ano de 1999, quando muitos blogueiros começaram a construir blogs para tratar sobre diversos assuntos, alguns para fazer um “diário virtual”, outros para fazer humor, política, e assim por diante; mesmo com conhecimentos intermediários em linguagens de programação e design, os blogueiros se sentiam importantes com seus blogs, eles o tratavam como jóias raras e mostravam para todo mundo como se os assuntos apresentados ali fossem algo do interesse de todos.

Uma das primeiras empresas a desenvolver um sistema para automatizar a publicação de blogs foi a Blogger, que soube como facilitar a publicação de artigos com uma interface simples, cujo uso estava ao alcance de qualquer leigo – adolescentes de 12 anos já conseguiam facilmente criar o seu próprio blog. Como o custo de criação, edição e atualização era zero, o sistema de blogs se popularizou rapidamente.

O blog é uma excelente forma de comunicação entre familiares, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. É considerado por Paz (2003, p.1)

um fenômeno integrador reprodutor de relações sociais. Ele também pode ser utilizado, no campo educacional, como uma ferramenta pedagógica, consolidando-se como ambientes de construção cooperativa de conhecimento, facilitando a aprendizagem colaborativa e sendo utilizado em projetos educacionais.

O objetivo deste artigo é apresentar o resultado um processo de formação em que uma professora cria e usa um blog nas aulas de língua portuguesa nas turmas de Ensino Médio do EJA..

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é considerada por ser uma teoria de linguagem que busca olhar para a língua como ação social e pode facilitar a descrição dos padrões linguísticos utilizados no contexto sócio-histórico-cultural. Descrever e analisar a receptividade dos alunos com a implantação e uso do blog, a partir da expressão dos alunos refletida nos comentários registrados no próprio blog.

A pergunta norteadora deste trabalho é: Como os alunos se relacionam com o uso do blog nas aulas de língua portuguesa?

Nos diversos contextos sociais, inclusive no escolar, comunicamo-nos porque desejamos estabelecer relações, expressar ideias e organizar isso de alguma forma. Há duas dimensões que permitem caracterizar o contexto social das escolhas linguísticas de um determinado texto: o contexto de situação e o contexto de cultura. Uma visão funcional, na qual se usa a linguagem em um contexto social para realizar diferentes funções.

³Dados do Censo 2013 disponíveis em: <http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/educacao/50-educacao-de-jovens-e-adultos/>

A averiguação da opinião dos alunos quanto ao uso dessa ferramenta junto às aulas de língua portuguesa foi solicitada pela professora. Uma das suas alternativas para esse diagnóstico foi usar o espaço dos comentários do próprio Blog, onde os alunos passaram a expor suas impressões das aulas com este recurso disponível no virtual.

Nos comentários inseridos pelos participantes envolvidos com o ambiente virtual, o blog, aparecem no texto indícios da receptividade dos aprendizes quanto ao uso desse recurso virtual. Para analisar a linguagem presente nos textos dos comentários postados pelos participantes da interação com o Blog foi usado o estudo de Martin (2003), o Sistema de Avaliatividade (appraisal), um ferramental da Linguística Sistêmico-Funcional que trabalha com a linguagem em uso, presente em diferentes contextos sociais.

Para Martin & Rose (2003, p.26) a Avaliatividade é entendida na LSF como um sistema de significados interpessoais, que se realiza em três subsistemas: engajamento, gradação e atitude. Neste trabalho foco mais especificamente no de atitude, por ele facilitar a análise que farei adiante dos textos inseridos nos comentários feitos pelos alunos participantes da experiência com o Blog no EJA.

O contexto da investigação

A teoria hallidyana⁴ apresenta o contexto dividido em dois vieses: contexto de cultura e contexto de situação. Segundo Hasan (1996), o contexto de situação “é um sistema de “relevâncias motivadoras” para uso da linguagem” (Hasan, 1996 apud Motta-Roth & Heberle, 2005, p.13-14).

Nesta etapa apresento as variáveis que definem o contexto da situação em que ocorreu a experiência objeto desta pesquisa, tudo que foi relevante para que a interação ocorresse por meio da metafunção interpessoal da linguagem, que expressa as interações sociais das quais o sujeito participa, neste caso o participante da experiência que utilizou o blog: campo (a natureza da prática social): aula de língua portuguesa com o uso do blog; participantes (a natureza da conexão entre os participantes da situação): professor – aluno; modo (a natureza do meio de transmissão da mensagem): sala de aula/blog.

Estudo a linguagem produzida nesse sistema, definido pelas variáveis de registro, isto é, o que se fala, a relação entre os participantes da interação e o papel da linguagem em um contexto de situação, neste caso, o de uma escola pública da cidade de São Paulo.

De acordo com Halliday & Hasan (1989, p. 55), os significados provêm da relação entre texto e contexto, o que implica, portanto, que “o ambiente no qual qualquer texto

é produzido também se configura a partir de uma série de textos prévios, os quais são reconhecidos e incorporados na compreensão do evento linguístico, e relacionados ao fator cultural”. É a metafunção interpessoal que possibilita representar ações sobre os outros dentro de uma realidade social, melhor detalhada a seguir.

O local da pesquisa desenvolvida no ano de 2009 foi em uma Escola Estadual de São Paulo - Ensino Fundamental, Ensino de Jovens e Adultos (EJA): Ensino Médio; Telecentro; Sala de Recursos para Deficientes Auditivos e Visuais. A investigação focou as aulas com o uso do blog - Ensino Médio: Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atende alunos com idade entre dezoito e oitenta anos.

Foram selecionados para compor o corpus desta análise os textos dos alunos: comentários disponíveis no próprio blog, inseridos no ambiente pelos participantes, que podem descrever a expressão dos alunos em um momento que estavam em contato direto com o blog.

A escola é bem ampla e possui vários recursos didáticos, tais como auditório, biblioteca, sala de informática etc., na maioria, pouco utilizados. No momento da aplicação da experiência com o blog, a sala de informática não dispunha de um professor-orientador, especializado. Havia vários computadores, mas somente quatro funcionavam e três tinham acesso à Internet. Para as aulas com o uso do blog foi necessário formar grupos de estudo, uma vez que os alunos contavam com três (03) computadores que poderiam acessar o blog. A sala de informática era composta por treze monitores; onze CPUs (duas desmontadas); um scanner; duas mesas para reunião; vinte e seis cadeiras; uma televisão e um armário.

Os comentários foram inseridos no blog pelos alunos participantes da experiência, as informações foram postadas e disponibilizadas após aceitação do professor, ficaram disponíveis para que qualquer um que desejasse e passaram a compor parte do corpus deste trabalho. Neles há indícios da expressão do participante, suas impressões durante a experiência.

As Descobertas

De acordo com os estudos de Martin & Rose (2003, p.24) as atitudes que os participantes constroem por meio do discurso têm uma relação direta com o modo que avaliam as coisas, que por sua vez está ligado ao caráter, como as pessoas demonstram o que sentem. Atitudes e avaliações envolvem emoções, sentimentos, que podem ser positivos ou negativos, mais ou menos intensos ou ampliados e ocupam um lugar central no processo avaliativo, revelam os tipos e os níveis em que a avaliatividade é desenvolvida e expressa no discurso pelos participantes. Importante identificar as atitudes dos alunos; as sensações, olhar os vestígios deixados nos textos sobre a experiência vivida pelos participantes das ações: pessoas, coisas.

Martin (2000, p.155) afirma que no sistema de Avaliatividade as atitudes podem ocorrer de forma explícita ou implícita, estão relacionadas à maneira como as pessoas agem, demonstram seus sentimentos com relação aos acontecimentos e às pessoas, expressam suas

⁴Halliday (1994/2000) ressalta que todo uso da linguagem serve a propósitos sociofuncionais, ou seja, a língua é sempre utilizada para alcançarmos objetivos socialmente estabelecidos.

próprias emoções, ações e informações ocorridas durante a interação. São as atitudes que envolvem sentimentos e estão categorizadas, segundo Martin (op.cit.: 25), em julgamento, apreciação e afeto. Adoto as categorias martinianas para fazer a análise de parte dos comentários inseridos no blog, onde levanto indícios linguísticos desses três tipos de atitudes:

O julgamento

Primeiramente direciono meu olhar para as atitudes que envolvem julgamento, que por sua vez lidam com a emoção ao avaliar o caráter pessoal de outras pessoas.

No julgamento, as avaliações são referentes ao caráter e comportamento das pessoas, quanto elas se aproximam das normas sociais (White, 2004b, p.187). O julgamento do comportamento humano pode ser de dois tipos, de estima ou sanção social.

É interessante observar o julgamento de estima social feito pelo aluno-participante sobre o uso do blog, uma vez que olha para a capacidade dos alunos dentro da comunidade escolar. A capacidade se aplica a avaliação de quanto alguém é capaz para realizar algo.

Comentário do aluno JM – 3o D (7 de Novembro de 2007 -14:20)

- Sou aluno do EJA, sobre a metodologia de ensino aplicada com uso de Internet, acho muito importante pois colabora para que o aluno conheça mais aprofundadamente o computador. Nos dias de hoje qualquer atividade é necessário o conhecimento mínimo de informática.
- Somente acho que os alunos de hoje infelizmente não estão aptos a usarem o micro, pois muitos não têm acesso nem pela escola (faltam aparelhos) então que seja em casa. Este tipo de ensino é excelente, mas, teria que vir desde a infância, devido a facilidade com que as crianças aprendem. As atividades sugeridas pela professora em sala de aula foram no começo pouco assimiladas por nós, porém, até que a meu ver melhorou bem. Para os anos seguintes eu acho que o estudo já deveria começar com acesso a Internet para um melhor aproveitamento de todos.

infelizmente não estão aptos - julgamento de estima (capacidade de)

Nota-se que a atitude de julgamento de estima do aluno JM está explícita. Ele afirma que hoje infelizmente *não estão aptos a usarem o micro*, ou seja, os alunos da escola pública não têm a competência necessária, não realizam a tarefa, pois não foram preparados, educados desde a infância com o uso da tecnologia nas escolas. JM faz um julgamento negativo referente à aptidão dos alunos das escolas não estarem aptos a usar a tecnologia junto às aulas. Para Martin (2000, p.155) e Martin & Rose (2003, p.62) o julgamento é uma “institucionalização dos sentimentos”, normas de comportamento que as pessoas devem ou não seguir de acordo com as normas sociais e legais. Nos comentários abaixo os alunos fazem menção, ainda que de modo indireto, menção a tais normas:

Comentário do aluno WG 3ºB:

- O incentivo a utilizar a Internet é uma ótima ideia, mais devido a falta de acesso a maioria dos alunos não terem esse acesso acabam perdendo muita coisa. A ideia da professora em montar um blog e colocar as matérias on-line é ótima mais muitos alunos não tem o acesso, mesmo na escola pois o acesso não é para todos os alunos por que alguns tem acesso e outros não. O estado poderia disponibilizar mais computadores ou até mesmo montar dentro da escola diversos cursos de informática sendo um deles que poderia incentivar os alunos a se aprimorem em manutenção de computador que seria Hardware. Pois os próprios alunos saberiam arrumar o computador. Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.

Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática - julgamento de sanção

No comentário de JMA o julgamento de sanção está explícito, pois ele afirma que o *estado deveria investir mais ainda na educação de informática*. Tal afirmação faz menção às pessoas ligadas ao governo do estado, que tem o poder de promover a educação tecnológica nas escolas públicas, porém não o fazem. O aluno faz uma avaliação do comportamento daqueles indivíduos que se encontram ligados às convenções pré-estabelecidas no âmbito dos órgãos públicos.

A apreciação

Semelhante ao julgamento, a apreciação, segundo Martin (2003, p.37) avalia de maneira positiva (grifada em azul) ou negativa (grifado em vermelho) as coisas.

Martin (2003, p.69) tipifica a apreciação, que pode ser positiva ou negativa como: reação (reaction) de qualidade ou impacto, composição (composition) de equilíbrio e complexidade e valoração (valuation). A primeira refere-se à reação: qualidade ou impacto que as coisas provocam nas pessoas, a segunda diz respeito à composição/elaboração dos objetos (modo equilibrado ou complexo) e a última ao valor (field gênese) que é atribuído às coisas.

Nos comentários que se seguem farei a análise da reação e valoração:

Comentário do aluno JC - 2ºC:

- Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não têm acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.
- **Atividade diferente, interessante**-reação quanto à qualidade: positiva
- **escolas deveriam ter salas bem montadas** -reação quanto à qualidade: negativa

A apreciação está evidente no texto do comentário

de JC, que faz menção ao tipo de atividade: diferente, seguida da palavra: interessante. Ele deixa claro que considera a aula positiva, pois realça sua opinião quanto à qualidade das aulas informatizadas.

Há nos comentários marcas linguísticas que comprovam haver a atitude de apreciação tanto positiva como negativa. No comentário de WG encontra-se uma marca explícita de uma apreciação positiva quanto à ideia da professora por meio da afirmação: é ótima. A atitude do aluno transmite que o mesmo aceita que as matérias sejam colocadas on-line, disponibilizadas no blog montado.

Comentário do aluno VB:

As aulas através da Internet são muito práticas, é uma pena que nas escolas nem sempre conseguimos usá-las pois na maioria das vezes não possuem uma sala de informática, e as que possuem nem sempre os computadores estão em bom estado, dificultando o aluno de aprender com mais facilidade.

- **são muito práticas** - reação quanto às aulas: positiva
- **nem sempre os computadores** estão em bom estado - reação quanto às escolas: negativa

O comentário de VB traz marcas de sua apreciação positiva, ao afirmar que as aulas através da Internet são muito práticas e negativa, ao lamentar que nem sempre os computadores estão em bom estado e que, portanto, não há como usar sempre a tecnologia na escola pública, contexto a que pertence no momento da experiência com o uso do Blog.

Comentário do aluno LF:

Tenho acesso à Internet em casa, mais acharia ótimo se pudessemos ter acesso à Internet durante as aulas, facilitaria as pesquisas para os trabalhos, mais não temos esse acesso porque os computadores da escola estão em péssimas condições...

- **acharia ótimo se pudessemos ter acesso a Internet durante as aulas** - reação quanto à qualidade: positiva
- **os computadores da escola estão em péssimas condições** - reação quanto à qualidade: negativa

A apreciação positiva do aluno LF é marcada pelo uso da palavra ótimo, que vem no texto acompanhada de um processo. O aluno expressa em seu comentário que acharia ótimo o acesso à Internet durante as aulas. Afirma que isso facilitaria as pesquisas para os trabalhos, portanto, não contar com computadores em péssimas condições é uma reação negativa quanto à qualidade dos recursos tecnológicos da escola.

O afeto

O afeto ocorre junto às emoções do participante, de quem transmite uma mensagem. Trata do sentimento pessoal, que pode ser positivo ou negativo, o que pode interferir, alterar a maneira que é feita a avaliação. No comentário abaixo ressalta o índice de afeto positivo

em relação ao uso do blog, aqui grifado para melhor identificação.

Comentário do aluno JC - 2o C:

- Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não têm acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.

O aluno JC transmite no comentário um afeto positivo por meio da palavra: Gosto, deixando claro ao leitor sua emoção e avaliação positiva das aulas com o blog.

Algumas vezes a emoção pode ser expressa de uma maneira indireta e deve ser interpretada levando-se em conta o contexto em que ocorre, tal como no comentário do aluno JC-2o C:

- Pena que não tem computador

No texto de JC há indícios do seu sentimento, emoção; afeto. Ele afirma que gosta **das aulas informatizadas, neste caso com o blog** e lamenta: Pena, devido a escola não ter computadores suficientes para esse tipo de aula, o que indica seu desejo de mudança dessa situação.

Segundo Martin & Ro O comentário acima demonstra uma atitude de afeto, positiva, em relação ao uso do blog, que é inserida pelo aluno de maneira clara, explícita. Já, no discurso abaixo do aluno JC, há indicio indireto de emoção ao demonstrar insatisfação por não haver computador na escola. Tal afirmação indica que ele se relaciona bem com o blog e lamenta não poder utilizá-lo na escola. se (2003, p.67) há três grupos de emoções: in/felicidade (un/happiness), in/segurança (in/security) e in/satisfação (dis/satisfaction), que facilitam distinguir seus diferentes significados. A in/felicidade é mais ligada às emoções do coração (amor, desamor), a in/segurança, ao bem-estar social (ansiedade e confiança) e à in/satisfação aos sentimentos de obtenção dos objetivos alcançados ou frustração pela não concretização deles.

Comentário do aluno DB 3o B:

- Eu acesso o Blog, eu tenho acesso a Internet em casa. Eu acho interessante o blog, e também as aulas ficam mais legais

Haver indícios dos três grupos de emoções que demonstram afeto nos comentários mais uma vez demonstra as relações travadas com o uso do blog pelos alunos. Acredito que há tanto satisfação, como segurança e felicidade, quando o aluno insere:

Comentário do aluno TVS - 3º B:

- tenho acesso ao blog, adorei o que a professora fez é muito importante mas por trabalhar muito acabo não tendo tempo p/entra na web.

O comentário acima demonstra uma atitude de afeto, positiva, em relação ao uso do blog, que é inserida pelo aluno de maneira clara, explícita. Já, no discurso abaixo do aluno JC, há indicio indireto de emoção ao demonstrar insatisfação por não haver computador na escola. Tal afirmação indica que ele se relaciona bem com o blog e lamenta não poder utilizá-lo na escola.

Comentário do aluno JC - 2o C:

- Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.

Ao usar as palavras Gosto e Pena o aluno demonstra emoção, tem uma atitude de afeto em relação às aulas com o uso do blog. Neste caso, segundo Martin & White (2005, p.59) ele é um participante consciente, um emoter: pessoas ou instituições que sentem determinada emoção.

A análise dos comentários inseridos no blog feita revela haver emoção nas atitudes de julgamento, apreciação e afeto nos comentários inseridos pelos alunos participantes da experiência.

Contribuições para as práticas de ensino a distância

Este estudo objetivou expor a discussão dos resultados da investigação das atitudes e avaliações feitas por meio dos comentários inseridos no blog pelos alunos participantes da experiência com seu uso junto às aulas de língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos. A implementação deste meio foi algo avaliado positivamente pelas turmas que participaram da experiência

O termo Blog é a abreviatura do termo original da língua inglesa weblog, uma página na web que pode ser atualizada com grande frequência através da inserção de mensagens (posts). São páginas constituídas por

imagens e/ou textos de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes apresentadas em primeiro lugar. A estrutura natural de um blog segue, portanto, uma linha cronológica ascendente. (Gomes, 2005: 1).

Essa linha cronológica facilita para que o blog seja usado como um diário virtual, com observações diárias ou não, agendas, anotações. É um conjunto de links, textos, imagens; mensagens para o mundo, pois qualquer um que desejar pode acessá-lo.

Alguns motivos para um professor criar um blog: é divertido; aproxima professor e alunos; permite refletir sobre os seus posts; liga o professor ao mundo; amplia a aula; permite trocar experiências com os colegas; torna o trabalho visível. O blog criado visou constituir um recurso tecnológico moderno, no qual professor e alunos poderiam interagir, ler, exercitar, refletir, “crescer pessoalmente e profissionalmente” (Von Staa, s.d.) a qualquer momento, partilhar experiências e reflexões.

Para Komesu (2004, p.111) o blog “é uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como “arquivo de rede”. No caso do blog, a professora o adota como tal, um arquivo virtual do conteúdo teórico-prático das aulas. O Blogger disponibiliza alguns recursos

e um espaço para comentários, que permite que qualquer usuário, de qualquer lugar, faça comentários sobre as suas postagens. Há como se controlar quais postagens podem ser comentadas e apagar qualquer comentário de que não gostar.

Além disso, ao deixar um comentário, o visitante do blog tem seu e-mail ou seu site identificado, o que permite ao autor do blog comunicar-se com quem escreveu, propiciando assim, mais uma forma de interação.

Para Primo (2006, p.5),

a ferramenta de comentários é um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento de conversações em blogs. Normalmente, abaixo de cada post é exibido um link que abre a janela de comentários. Esse link apresenta o número de comentários já publicados até o momento, o que facilita o acompanhamento da conversação. Na janela que se abre, os comentários são apresentados em ordem cronológica, acompanhados da hora de publicação e de seu autor.

O blog, objeto desta pesquisa, foi criado no software Blogger por uma professora (a pesquisadora) com um propósito comunicativo: suprir necessidades dos aprendizes em relação a materiais e referências para estudo no contexto escolar. O conteúdo temático do blog foi cuidadosamente selecionado na internet e inserido pela professora na lateral da página do Blog. Em relação aos blocos comunicativos construídos e usados no blog, há interesses e práticas comuns: a disponibilização de materiais para ensino e aprendizagem. Ligados a cada post, há links para os alunos e mesmo a professora fazerem comentários sobre o que está publicado ou questões relacionadas aos materiais e ao uso do blog e para mandarem a publicação por e-mail para quem quisessem. A professora inseriu no blog textos sobre o conteúdo, imagens, links, músicas etc., como também algumas atividades, que eram realizadas em grupo ou individualmente pelos alunos participantes. O uso do blog é uma prática didático-pedagógica on-line que pode ser recomendada devido aos resultados obtidos a partir dessa discussão dos dados.

Os resultados da investigação feita demonstraram que os alunos do EJA são receptivos a novas formas de aprendizagem, aceitam o uso de tecnologias na educação, procuram interagir entre si, com o professor, conteúdo e máquina para buscar meios que facilitem sua aprendizagem. Nesse sentido, a implementação do blog foi algo avaliado positivamente pelas turmas que participaram da experiência.

A discussão dos resultados aponta ser possível usar um recurso digital para complementar o ensino da língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos em escola pública, desde que se conte com os equipamentos necessários: computador com acesso a internet em número adequado para as salas superpopulosas da rede oficial de ensino. A escola é um espaço privilegiado para o uso da tecnologia, porém os usuários necessitam de acompanhamento adequado para desenvolver habilidades próprias para o meio digital. Assim, de pouco adianta um laboratório que não tem um responsável, que não desenvolve cursos, que não disponibiliza recursos e que, para a grande maioria dos alunos e professores, nem chega a ser conhecido.

Já há iniciativas, inclusive federais, para a implementação de computadores e Internet nas escolas, bem como de formação de professores que possam trabalhar com eles, presencialmente ou a distância. Uma delas é o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo)⁵, cujo objetivo é promover o uso pedagógico de tecnologias na rede pública de educação básica. O governo federal se responsabiliza por equipar as escolas com computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais, e os governos estaduais e municipais, por oferecer estrutura adequada para receber o material e capacitar os professores para o trabalho com máquinas e tecnologias.

Pelos resultados obtidos nesta pesquisa, essa contradição fica nítida: justamente foram identificados como fatores negativos a pouca importância dada ao laboratório de informática e o número restrito de computadores com acesso a internet.

Sabe-se que no Brasil o uso das tecnologias da informação teve um crescimento, em 2007⁶, de mais de 100%, conforme registra o site do Comitê Gestor de Informática. No último censo, pôs-se em questão a antiga ideia de que os jovens de classes menos favorecidas são menos letrados digitalmente, em função dos resultados obtidos.

Além disso, os jovens elegem a internet como espaço privilegiado de interação com colegas, de lazer, de pesquisa, dentre outros. Nesse contexto, o blog, que é um recurso facilmente manuseável, prático, sem custo e de fácil acesso, figura como um ambiente que tem muita chance de se desenvolver na área educacional.

A partir desta análise sistêmica é possível perceber que houve uma troca de saberes entre os participantes da interação com o blog por parte dos alunos com o conteúdo disponibilizado no virtual. Eles foram levados a trabalhar com autonomia e refletir. Demonstraram por meio dos comentários postados estarem abertos a novos desafios na construção do conhecimento.

Diante dos resultados obtidos com esta pesquisa, podemos depor a favor dessa realidade: o uso de tecnologias em ambientes pedagógicos, com inúmeros fins – facilitar a aprendizagem, propiciar o acesso a textos diversos (para leitura, interpretação e fruição), pesquisar, preparar para a vida profissional e mesmo a vida cotidiana.

Não se pode esquecer, também, que a internet oferece além do blog, outros tipos de recursos que podem ser muito bem aproveitados em sala de aula: vídeos e músicas são dois deles, para mencionar alguns. Professores, especialmente de língua materna e modernas

estrangeiras encontram, na rede, inúmeros recursos para trabalhar com textos autênticos, com a linguagem, com a comunicação com outros estudantes de outras localidades etc.

Finalmente, a internet parece representar um espaço escolar que pode dar grande vazão à voz dos alunos, se isso for trabalhado pela equipe de professores de cada escola, no sentido de cada vez mais termos ambientes didático-pedagógicos produtivos, envolventes para os alunos, ligados à realidade dos jovens e colaborativos.

Referências

- BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>.
- GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIIE05. Universidade do Minho. Leiria, Portugal, 2005.
- HALLIDAY, M.A.K. HASAN, Ruqaiya. Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford, 1989.
- KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e práticas de escrita sobre si na Internet In: MARCUSCHI, Luiz Antonio & Xavier, Antônio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARTIN, J.R. Beyond Exchange: Appraisal system in English. In: Hunston, S. & Thompson, G. Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MARTIN, J.R.; ROSE, David. Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause. Open Linguistics Series. Londres/NY: Continuum International. Publishing Group Ltd, 2003.
- MORAN, José Manuel. Como utilizar as tecnologias na escola Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>
- MOTTA-ROTH, Désirée & HEBERLE, Viviane Maria. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqaiya Hasan In: Gêneros: teorias, métodos, debates. Meurer, B & Motta-Roth. São Paulo: Parábola, 2005.
- NOVAES, Caio. A história dos Blogs, 2007/2008. Disponível em: <http://www.brogui.com/a-historia-dos-blogs/>
- PAZ, Carolina Rodrigues (2003) A cultura Blog: questões introdutórias. Revista FAMECOS, Porto Alegre: no 22. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/234/178>
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira e SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus..In: e-compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. www.compos.com.br/e-compos, abril de 2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>

⁵Mais informações no site do Programa: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=237:proinfo-composicao-dos-laboratorios&catid=152:proinfo&Itemid=469. Acesso em: 29 mar. 2009.

⁶Fonte: Censo Escolar da Educação Básica 2007. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

-VON STAA, Betina. Sete Motivos para um Professor criar um blog (s.d.) Disponível em:

http://www.educacional.com.br/articulas/betina_bd.asp?codtexto=636

-WHITE, P. R. R. _____. (2004b) The Language of Attitude, Arguability and Interpersonal Positioning. The Appraisal Website: Homepage Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/>

Lucilene Santos Silva Fonseca

Doutoranda e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP; Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas; Licenciada em Pedagogia, Língua Portuguesa e Inglesa. Professora no Centro Paula Souza - ETEC Zona Leste, na CETEC - Capacitações do Centro Paula Souza - Programa Brasil Profissionalizado no curso de Formação Pedagógica, Ensino e Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e Faculdade Eça de Queirós, UNIESP Jandira. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6324981942618074>

PROGRAMAS EDUCATIVOS NA TELEVISÃO DIGITAL: AMBIENTES PROPÍCIOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Roberta Ribeiro Soares Moura Padoan
Maria da Graça Mello Magnoni

Resumo

Este artigo pretende trazer reflexões sobre as possibilidades da televisão digital para a formação continuada dos professores, a partir da produção e divulgação dos conteúdos formais e informais veiculados, ainda, analisar a teleducação como ferramenta de apoio à prática pedagógica interativa, envolvendo educadores, pesquisadores e demais profissionais da Educação e a formação de uma cultura digital que poderá colaborar com a formação continuada de professores, agentes fundamentais no processo educativo escolar, a partir da utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Para tanto, a formação do professor responsável pelo processo educativo requer a contínua atualização profissional para o ensino dos conteúdos com o auxílio dos veículos midiáticos digitais, tendo nos programas educativos da Televisão Digital (TVD) um recurso voltado à "instrumentalização" desses profissionais. A TVD, por meio da disponibilidade de acesso a conteúdos extras e da interação, poderá representar um ambiente tanto para o acesso, como de troca de experiências, vivências e conhecimentos.

Palavras-chave: Formação continuada. Televisão digital. Interação. Ensino a distância. Programas Educativos.

Introdução

O caminho para a educação a distância (EaD) está aberto desde os primeiros cursos ministrados com material impresso via correios, desta forma, a necessidade da presença do professor e aluno no mesmo ambiente deixou de existir como única forma de educar.

A televisão e seus programas educativos revolucionaram a EaD pois, além de alcançar um grande número de pessoas, mesmo separados por grandes distâncias, trouxe facilidades de aprendizagem no próprio lar, evitando deslocamentos e os custos com locomoção. Contudo, as dificuldades percebidas ainda são os horários dos programas que, se não conciliados com os de trabalho, devem ser gravados para serem assistidos posteriormente, a falta de tutorias voltadas às possíveis dúvidas e dificuldades e a homogeneização dos conteúdos disponibilizados, o que gera certa massificação das práticas pedagógicas, quando o ideal seria a diversificação.

Hoje com a TVD, a teleducação poderá se tornar um veículo de educação midiática muito importante, principalmente para os professores, que muitas vezes possuem carga de trabalho excessiva e não têm tempo para a sua formação continuada. Com a televisão disponível em sua casa e com o poder de escolha da grade de programação, o professor poderá selecionar seus programas educativos e assisti-los quando puder, contando ainda com a produção de conteúdos destinados às necessidades de cada grupo ou região, e às facilidades que a interação trará para a troca de informações, favorecendo a participação ativa e a produção do conhecimento.

A televisão e sua função educativa

A televisão é um dispositivo tecnológico que possibilita formação educativa, além de outras finalidades sociais. As TVs educativas, através da EaD, possuem uma seleta programação didático-pedagógica, proporcionando ao público conteúdos tanto da esfera social, cultural quanto conteúdos necessários à formação para o trabalho.

Essa televisão tem um objetivo claro: seu conteúdo é definido a partir dos propósitos educativos, e todos os elementos audiovisuais dos programas televisivos estão voltados ao ensino e visam transmitir conteúdos de caráter formativo por meio dela. Nesta perspectiva, os programas criados e projetados com a função de educar podem ser qualificados como televisão educativa, na qual se usam todas as características da televisão como meio de comunicação de massa.

Os programas de qualidade em educação são raras exceções na grade de programação da televisão, mas podemos citar os da TV Escola que têm como alvo o aprimoramento e a capacitação de professores. Entretanto, estes infelizmente não são apresentados na TV aberta, e sim transmitidos por canais via antena parabólica ou TV a cabo, e também pela internet, através do site: www.tvescola.mec.gov.br.

Neste aspecto, a TVD e as novas formas de interação possibilitarão a produção e o acesso a conteúdos mais interessantes e criativos, ampliando o potencial educativo. Em um curso a distância realizado por uma emissora, será possível, por exemplo, a partir da tela da televisão, ter acesso a conteúdos extras e em qualquer horário, através de links, menus e botões do controle remoto, assim como será possível enviar perguntas, sugerir proposições e efetivar discussões. Essa atividade torna a experiência de aprendizagem mais rica e produtiva, pois permitirá uma construção lógica, cognitiva e não linear.

Um novo ambiente para a inclusão digital e social de professores

As novas tecnologias digitais não dizem respeito apenas ao uso de computadores e da internet. Existe um grande número de pessoas que hoje não tem acesso a esses recursos. São os considerados excluídos digitais. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), apenas 24% das residências brasileiras tem acesso a internet, e a inclusão digital e social vai muito além destes recursos.

A televisão está presente em 98% dos lares brasileiros, e com a chegada da TVD, que tem como uma de suas principais características a interatividade, com certeza sua abrangência será um grande recurso de inclusão social e digital para os professores.

Digital, pois terá características de TV e Internet, que possibilitará acesso a programas de teleducação, inclusão digital, telemedicina, acesso a banco de dados, bibliotecas digitais, conferências, entre outros, todos com a possibilidade de um canal de retorno através de salas de bate-papo (chats), troca de mensagens (e-mails ou messengers) e teleconferências, recursos estes até então só utilizados pela Internet, acessados na TVD pelo seu controle remoto.

Na TVD teremos muitos canais e recursos para acessar conteúdos digitais de cursos e realizar debates com especialistas. Poderemos ter salas de aula abertas para cada grupo ou turma e recriar nelas todo o potencial da comunicação presencial, à distância, mas conectados.

A noção de televisão deverá ser redimensionada, pois a TV analógica, convertida para digital, será um computador doméstico, e para isso, será necessário que os professores passem por uma capacitação em TIC e Internet, recursos inseridos na TVD.

É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem no local de trabalho, no entanto, as TIC e seu impacto na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se atualizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e às suas necessidades. Desta forma, a TVD se torna um ambiente de aprendizagem que incentivará a formação continuada dos professores, através dos programas educativos interativos, inclusive para a utilização do canal de retorno e a aprendizagem das TIC, que para Warschauer (2006), pode ser um fator multiplicador para a inclusão social.

Portanto, utilizar a TVD para auxiliar no processo de formação continuada dos professores exigirá deles: a compreensão intelectual do meio, a leitura crítica de suas mensagens e a preparação para uma nova cultura.

Mudanças comportamentais e de cultura que a TVD proporcionará

A fusão da televisão com o modo digital de transmissão trará alterações nos já conhecidos programas televisivos, pois o novo modelo disponibiliza ao telespectador montar sua própria grade de programação, com um recurso tecnológico adicional denominado Personal Video Recorder (PVR) ou Digital Video Recorder (DVR), disponibilizado nos conversores digitais. É possível, através dele, pausar, voltar ou gravar um programa específico e, a qualquer momento, voltar ao seu fluxo linear com o simples pressionar do controle remoto. Desta forma o telespectador pode programar a gravação de seus programas favoritos e assisti-los quando melhor lhe convier, podendo optar por não ver os comerciais publicitários, dificultando assim o atual modelo de negócios da televisão brasileira. Assim deverá se pensar em uma nova estrutura, como a inserção da publicidade no próprio programa. Por exemplo, as novelas poderão vender os sapatos, esmaltes e roupas utilizados pelas personagens das novelas, abrindo uma janela com informações sobre o produto no mesmo instante em que ele aparece nas cenas. Os telejornais e documentários poderão disponibilizar informações extras às matérias exibidas em tempo real e os programas de auditório pode-

rão ter participação do público em suas casas, interagindo através do controle remoto. Desta forma, as emissoras de televisão deverão estudar o melhor modelo de negócios com as novas possibilidades, já que poderão ter controle da audiência em tempo real.

Nas transformações que a televisão analógica sofrerá com a chegada da TVD, inclui-se a formação de um sujeito que desconhece as possibilidades que ela traz e sua interatividade. Para Castro (2005, p.307) isso significa uma mudança radical na ideia de grade de programação fixa de hoje, definida pelas emissoras. Com a TVD, os telespectadores poderão criar sua própria grade de programação, interferir nos conteúdos e interagir com a produção. Também para Castro (2007, p.128), essa capacitação será um desafio para pesquisadores, pois, para que a TVD possa se tornar realmente uma ferramenta de inclusão social, os usuários, antes de utilizá-la, terão de ser “alfabetizados digitalmente”, ou seja, aprender a utilizar as TIC e o controle remoto com acesso a Internet, pois ao mesmo tempo em que se assiste a um programa, poderá, através de seu controle remoto, mandar mensagens e fazer questionamentos em tempo real. E para que essa TVD atinja esse público, deverão ser desenvolvidas interfaces facilmente reconhecidas pelos usuários e um trabalho junto aos professores de cursos presenciais e a distância, através de políticas públicas de inclusão digital, que deverão pensar primeiramente em subsídios para a maior parcela da população poder adquirir receptores que não tragam apenas melhor qualidade de som e imagem, mas também recursos de interatividade.

Formação continuada de professores pelo uso de televisão digital

Discutir o papel do professor no contexto atual exige que façamos uma reflexão a partir da sua formação docente. Paulo Freire (1996, p.8) instiga-nos a refletir sobre a ética na prática educativa, bem como o aprender a aprender, uma vez que, quando estamos ensinando, há uma reciprocidade em ensinarmos e sermos ensinados. É o aprender fazendo, é o refletir na práxis. A tarefa do educador deve ser então a de problematizar os conteúdos que os midiatisa com os educandos e não entregá-lo, expressá-lo como algo já feito, acabado, terminado.

Deste modo, a formação dos professores hoje, apresenta grandes desafios, pois ele deve conhecer as TIC e fazer delas aliadas no processo de construção do conhecimento. Para isso ele deve vivenciar experiências com a sua utilização.

Las TIC ya pueden ser pensadas como meras mediaciones (em El sentido atribuido a los medios de comunicación de masas). Las TIC efectivamente construyen y constituyen nuevas formas, espacios y tiempos de relación social, nuevas formas institucionales, nuevas categorías de aprehensión de la experiencia personal y social, nuevas dimensiones de la cultura. (Vizer, 2008, p. 10)

Os professores são os facilitadores do processo educativo, e o trabalho destes não poderá mais ser concebido isoladamente, mas em conjunto com os colegas e a partir de propostas que ultrapassem os limites da disciplina e da sala de aula.

A mudança na sociedade e suas consequências na escola geram inseguranças entre os professores quanto aos conteúdos que devem ser ensinados e a metodologia a ser utilizada. As mudanças provocam alterações no trabalho docente e aumentam suas obrigações, mesmo quando os recursos tecnológicos se mostram adequados para o ensino, facilitando seu trabalho.

A configuração de programas de educação continuada é uma necessidade na era da informação, a experiência educacional diversificada será a base para a educação, pois o que os estudantes necessitam além do domínio dos conteúdos, é o domínio do processo da aprendizagem, cada vez mais dependente das tecnologias e que constantemente atualizam e diversificam os conteúdos.

A geração atual já nasceu sob influência da tecnologia e a encara com a maior naturalidade. Portanto a escola ideal para atender aos anseios das “crianças digitais”, deve preparar seus professores para trabalhar com a tecnologia.

Vivemos a sociedade do conhecimento, e com a chegada da TVD, a pressão pela integração tecnológica será muito maior, e poderemos torná-la uma aliada no processo de formação continuada dos professores.

Não é como puro especialista, de curiosidade domesticada a tecnicismos, que penso em alfabetização em televisão, Me aproximo do tema como homem que, criticamente, exercita sua curiosidade e, porque se sabe capaz de fazê-lo e não se sente um privilegiado singular, reconhece que esta possibilidade, a de pensar criticamente, faz parte da natureza humana. [...] “A alfabetização em televisão” não é lutar contra a televisão, uma luta sem sentido, mas como estimular o desenvolvimento da curiosidade e do pensar críticos.[...] O mundo encurta, o tempo se dilui. O ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante. (Freire, 2000, p. 49).

Nos programas educativos apresentados pela TVD, teremos muitos recursos para acessar conteúdos digitais de cursos com a participação em tempo real de professores em locais distintos, propiciados pela interatividade. Os programas poderão ser acessados por eles em qualquer horário e haverá mais realismo na interação a distância, nos programas de comunicação, isto é, conseguir-se-á mesmo fisicamente longe, ter a sensação de estar juntos, e de poder tirar dúvidas.

A barreira de tempo e distância será quebrada, pois as capacitações poderão ser feitas em qualquer horário, no conforto de seus lares.

Produção de conteúdos educativos na Televisão Digital e possibilidades do seu uso para a formação de professores

A interatividade poderá ser um fator marcante na produção de conteúdos para programas educativos, pois permitirá aos professores a troca de saberes e um processo de aprendizagem ativa. Tomando como referência programas educativos da TV Escola, que hoje já são digitais

e interativos, principalmente o Salto para o Futuro¹, que é apresentado em canais públicos educativos, como TV Brasil e o Canal Futura.

Também é disponibilizado em escolas públicas o “TV Escola Digital Interativa”, como mostra a Figura 1 e através de um “set-top box”², como mostra a Figura 2, com capacidade para armazenamento e agendamento de programas e gravação digital em DVD para assistir a hora que quiser, pois, além do conteúdo audiovisual, dá acesso a outros materiais como textos adicionais para preparar as aulas, ao conteúdo da revista TV Escola, notícias atualizadas do MEC e pesquisas a artigos publicados. Já o conteúdo interativo fica por conta da possibilidade da realização de cursos de formação continuada, além do professor, poder opinar sobre toda a programação através de enquetes.

Figura 1: Interfaces da “TV Escola Digital Interativa”, disponibilizados apenas para as escolas estaduais.



Fonte: Richieri (2008)



Fonte: Richieri (2008)

¹Transmitido de segunda a sexta-feira pela TV Escola, o Salto para o Futuro tem como proposta a formação continuada de professores de Ensino Fundamental e Médio, veiculando também séries de interesse para a Educação Infantil. No ar desde 1991, o programa é interativo e se tornou referência para professores e educadores de todo o país. O Salto utiliza diferentes mídias - tv, internet, fax, telefone e material impresso - no debate de questões relacionadas à prática pedagógica e à pesquisa no campo da educação. Acesso pela Internet pelo site: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo>.

²Esse receptor digital é um núcleo de informação. A informação chega via satélite e fica armazenada nele durante sete dias. O conteúdo, porém, pode ser gravado em CD e assistido no próprio receptor, em um computador ou em um DVD. Informe reproduzido do site: <http://serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/ensino-dist%C3%A2ncia/mec-lan%C3%A7a-tv-escola-digital-interativa>. Acesso em 13 jun. 2014.

Figura 2: receptor digital utilizado pela TV Escola Digital Interativa.



Fonte: Richieri (2008)

Neste aspecto, as novas formas de interação com a televisão possibilitarão a produção de conteúdos mais interessantes e criativos, ampliando o potencial educativo. Em um curso à distância realizado por uma emissora, será possível, por exemplo, a partir da tela da televisão, ter acesso a dados extras e em qualquer horário, através de links, menus e botões de controle, assim como permitirá ao professor enviar perguntas, sugerir proposições e efetivar discussões. Essa atividade torna a experiência de aprendizagem mais rica e produtiva, porque permitirá uma construção lógica, cognitiva e não linear, que irá de acordo com o seu interesse e a sua autonomia.

Essa produção de conteúdos irá requerer formação dos professores com relação aos diversos formatos da TVD, principalmente o conhecimento de uma linguagem multimídia para trabalhar com objetos de aprendizagem, como textos, áudio, imagens e vídeos que poderão atender às necessidades desses profissionais da educação com relação à capacitação tecnológica.

A mencionada formação, que propicie atualização, renovação de conhecimento, habilidades e capacidades aos professores em exercício na função, poderá ser realizada por professores, coordenadores e diretores de escolas públicas do ensino médio e fundamental por meio da própria TV Escola, no curso de extensão à distância TV na Escola e os desafios de hoje, que tem como proposta básica trabalhar a perspectiva atual da educação com tecnologias, enfatizando o audiovisual, a fim de promover a aprendizagem.

Os objetivos principais do curso são:

1. desenvolver a capacidade de análise crítica dos conteúdos apresentados, motivando o educador-aluno à transformação da realidade;
2. identificar aspectos teóricos e práticos sobre os meios de comunicação no contexto das novas tecnologias de comunicação, informação e multimídia, destacando aqueles que julgar mais úteis aos processos de ensino-aprendizagem;
3. explorar o potencial dos recursos da TV Escola no projeto político-pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua oferta à comunidade;
4. elaborar propostas concretas de utilização do acervo da TV Escola no desenvolvimento das atividades curriculares das várias áreas

do conhecimento, bem como de outras tecnologias da comunicação e informação. (MEC, 2002, p. 23).

Desta forma, com a participação dos professores, poderemos identificar e desenvolver novos conteúdos digitais formais ou informais com a intenção de trazer melhores oportunidades de aprendizagem aos professores, tendo como base os programas interativos já existentes, que facilitarão por meio do canal de retorno com uso do Ginga³ a possibilidade de responder a enquetes via internet e envio de mensagens pela própria TV, a partir de uma nova experiência com mais oportunidade de acesso a conteúdos voltados para a formação continuada de professores, e programas educativos interativos, para a TVD aberta.

Teleducação como ferramenta de apoio à prática pedagógica

Com a chegada da TVD e seus programas interativos a teleducação, espera-se obter um salto de qualidade, pois permitirá sua visualização também por aparelhos móveis como tablets, computadores e celulares, e também poderão ser recebidos por dispositivos de Televisão em ônibus, carros e trens sem perder a qualidade, desta forma a barreira de tempo e espaço está descartada.

Para Castro (2008), a teleducação através da TVD com canal de retorno colocará em prática projetos como *edutainment*⁴, com o desenvolvimento de conteúdos para a TVD que privilegiem atividades de ensino já realizadas pela internet, acrescidas agora do uso do computador nas salas de aulas através do aparelho de TV que poderá permitir a discussão do tema entre o professor e todos os alunos da sala, além de possibilitar também discussão sobre o tema ensinado a partir de salas de bate-papo com alunos de outras escolas em qualquer lugar.

A utilização racional, planejada e responsável da TVD poderá incentivar a produção de saberes e o intercâmbio de conhecimento entre diferentes grupos em tempo real, pois o uso de conteúdos lúdicos e de entretenimento estará disponível aos alunos também em suas casas. Também poderão ser realizadas pesquisas com os alunos em tempo real para saber sobre sua satisfação com relação aos conteúdos abordados, a metodologia empregada, a interação entre professor e alunos, os níveis de aprendizado e dificuldades de compreensão.

³É uma camada de software intermediária, entre o sistema operacional e as aplicações. Ou seja, o Ginga será o responsável por dar suporte à interatividade. Um middleware para aplicações de TV digital é constituído por máquinas de execução das linguagens oferecidas e bibliotecas de funções, que permitem o desenvolvimento rápido e fácil de aplicações interativas para TV digital. Essas aplicações possibilitam, por exemplo, acesso à internet, operações bancárias e envio de mensagens para o canal de TV ao qual se está assistindo, entre outros. Informe reproduzido do site: <<http://www.dtv.org.br/informacoes-tecnicas/ginga/>>. Acesso em 30 nov. 2014.

⁴Educação com entretenimento, cujo aprendizado pode ser encarado como uma forma divertida de se educar.

O canal de retorno na TVD possibilita a interrupção do programa para o acesso à informações adicionais sobre ele através de algumas funções do controle remoto, por exemplo, páginas relacionadas ao tema na internet, e o retorno ao seu curso normal de apresentação.

A TVD é um sistema complexo que permite recursos multimídia nos quais o processo lúdico educativo permite diversas formas de uso, o que vai exigir um aprendizado constante. O público alvo da teleducação pode ser tanto um jovem acostumado ao uso das TIC, como também uma pessoa mais velha que não teve acesso às TIC.

Assim sendo, colaborar com a apropriação intelectual desse novo meio de comunicação digital e a capacitação para sua utilização são desafios que os professores e pesquisadores terão de enfrentar para que TVD seja realmente uma ferramenta de inclusão social voltada à educação. Esses desafios poderão ser analisados por meio de estudos sobre a usabilidade dos programas educativos da TVD, se são facilmente compreendidos pelos diversos grupos sociais existentes no país, e a possibilidade de realização de cursos em escolas ou telecentros, para que os alunos sejam iniciados para o uso das TIC e da TVD, a fim de que, no futuro, a interatividade de TVD possa ser utilizada para a aprendizagem de conteúdos informativos, culturais e educativos.

Considerações finais

A sociedade do conhecimento destaca-se pela grande quantidade de informações que chegam através dos veículos de comunicação, como a televisão e a internet, e são absorvidas pelos alunos de forma muito rápida. Essas informações trouxeram desafios à educação, como por exemplo a de gerar conhecimento a partir delas; deste modo, torna-se imprescindível a preparação dos professores para a utilização das TIC, para que possam contribuir com a formação integral dos alunos, conscientes dos direitos e dos deveres enquanto cidadãos.

Antes de partirmos para a produção de conteúdos para a formação continuada de professores, deve-se realizar pesquisas voltadas à identificação das necessidades desses profissionais, pois este projeto pode contemplar as deficiências dos cursos de formação, principalmente relacionados às TIC, e que possam descobrir na TVD e na interação um espaço de participação, diálogo, troca de informações e que possa contribuir para diminuir as diferenças regionais e culturais dos professores, além de fazer com que os professores não sejam apenas objetos da pesquisa, mas sujeitos na construção do conhecimento.

A formação tecnológica e continuada dos professores dependerá de políticas públicas que contemplem a formação e a alfabetização para as mídias, a pesquisa sobre tecnologia e a produção de conteúdos para essa formação.

Temos em mãos um grande desafio: projetar e desenvolver conteúdos que realmente promovam a inclusão digital destes profissionais.

Referências

BRENNAND, Edna. LEMOS, Guido. *Televisão digital interativa. Reflexões, sistemas e padrões*. Vinhedo. Ed. Mackenzie, 2007.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *Teleducação ou educação a distância. Fundamentos e métodos*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1987.

CASTRO, Cosette. EaD e TV Digital: a co-autoria na aprendizagem. IN: *TV Digital: qualidade e interatividade*. Brasília: Confez/CNI, 2007, (pp.121-137).

_____. Conteúdos para TV Digital: Navegando pelos campos da produção e da recepção. IN: FILHO, André Barbosa. CASTRO, Cosette. TOME, Takashi (org). *Mídias Digitais. Convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005, (pp. 295-319).

_____. TV Digital e EaD: uma parceria perfeita para a inclusão social. *Revista Conexão - Comunicação e cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/150/141>>. Acesso em 27 nov. 2014.

IBGE. *Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2011*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio Janeiro: 2013. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf. Acesso em: 26 nov. 2014.

FILHO, André Barbosa. CASTRO, Cosette. A inclusão digital como forma de inclusão social. IN: FILHO, André Barbosa. CASTRO, Cosette. TOME, Takashi (org). *Mídias Digitais. Convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005, (pp. 273-293).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da indignação*. São Paulo. UNESP, 2000.

RICHIERI, Ronaldo. *Vídeo sobre Tv Digital Interativa*. 2008. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=5Xngm9jONhM>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MEC. *TV ESCOLA: Relatório 1996-2002*. Brasília: SEED (Secretaria de Educação à Distância), 2002.

MELO, Marcos Túlio de. TV Digital; ferramenta de transformação social na era da informação: IN: *TV Digital: qualidade e interatividade*. Brasília: Confez/CNI, 2007. (pp. 139-150).

MONTEZ, Carlos Barros. ANDREATA, Jomar Alberto. Ensino a distância no ambiente da televisão digital interativa. IN: *Comunicação & Sociedade* n° 48, ano 29. Setembro de 2007. São Bernardo do Campo: Unesp, 2007, (pp. 83-93).

MOTA, Regina. Os desafios da TV Digital no Brasil. IN: FILHO, André Barbosa. CASTRO, Cosette. TOME, Takashi (org). *Mídias Digitais. Convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005, (pp. 199-223).

SCORSIM, Ericson Meister. CAP. 5 - A noção de serviço público e os sistemas de radiodifusão: análise crítica dos serviços de televisão. IN: *TV Digital e comunicação social: aspectos regulatórios*. TVs pública, estatal e privada. Belo

Hoizonte: Fórum, 2008.

VIZER, Eduardo A. Transformaciones sociales y relaciones sociotécnicas em La cultura tecnológica. IN: BRITTOS, Valério Cruz. CABRAL, Adilson. Economia política da comunicação. Interfaces brasileiras. Rio de Janeiro: e-Papers, 2008, (pp. 132-146).

WARSCHAUER, Mark. CAP. I – Economia, sociedade e tecnologia: análise dos terrenos movediços. IN: tecnologia e inclusão social. A exclusão digital em debate. São Paulo: SENAC, 2006. (pp. 30-54).

Roberta Ribeiro Soares Moura Padoan

Mestre em Televisão Digital pela Unesp – Bauru. Professora de Informática do Centro Paula Souza (ETEC – Rodrigues de Abreu) e Professora de Tecnologia da Informação nos cursos de Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Marketing e Processos Gerenciais do Instituto de Ensino Superior de Bauru (IESB). E-mail: rrpadoan@gmail.com, roberta.padoan01@etec.sp.gov.br.

Maria da Graça Mello Magnoni

Doutora em Educação pela UNESP. Professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, Professora Orientadora de Turma da UNIVESP/UNESP e da Pós Graduação em Televisão Digital da FAAC/UNESP-Bauru. E-mail: belmagnoni@faac.unesp.br.

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA TUTORIA EM CURSOS SEMI-PRESENCIAIS DO GRUPO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DO CENTRO PAULA SOUZA

Eliana Cristina Nogueira Barion

Wellington Luis Sachetti

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve experiência do Grupo de Estudo de Educação a Distância (GEEaD) do Centro Paula Souza, desde o momento que recebe os professores ainda sem a devida formação para serem tutores de cursos semipresenciais para EaD. Serão consideradas as impressões dos docentes participantes da formação, considerando as atividades práticas básicas de um professor-tutor nos cursos técnicos a distância, em um espaço virtual de colaboração, cooperação e discussão. Com esse propósito, inter-relacionam-se questões como princípios de interatividade, comunicação e mediação pedagógica, tendo como suporte teórico autores como Marco Silva, Gutierrez e Pietro, José Moran, entre outros. Este texto é um recorte de uma experiência, levando ao estudo de uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada durante o período de capacitação dos professores-tutores candidatos à tutoria do curso técnico piloto de Informática, oferecido em duas escolas do Centro Paula Souza no segundo semestre de 2014. As análises dos resultados evidenciam que os docentes incorporaram em seus discursos muitos dos conceitos trabalhados, extrapolaram as discussões, convergindo em propostas que valorizam a interação e aprendizagem em comunhão, além de exercitá-las na prática.

Palavras-Chave: *Formação de Professor; Educação a Distância; Tecnologias de Informação e Comunicação; Mediação Pedagógica.*

1. Introdução

Na EaD, as relações do processo de ensino e aprendizagem e da formação de professores são temas que sistematicamente merecem discussão, tendo em vista a maior aproximação entre a teoria e a prática docente e suas implicações no desenvolvimento do aluno. Atualmente, há uma grande preocupação com a formação de professores para com a educação on-line, colocando em evidência os novos desafios e as perspectivas para a atuação nessa modalidade, seja do ponto de vista da docência, do aluno e das condições em que essa modalidade é ofertada. Problematicar estas situações requer a introdução de um novo paradigma na relação entre aluno-professor, aluno-aluno, aluno-professor-meio. Neste contexto, há ressignificações de papéis e de atribuições, novas responsabilidades, desafios e um novo perfil para a docência, principalmente. Assim, é importante a contribuição de Moraes (2000, p. 5), que afirma que:

Hoje, mais do que nunca, a opção por uma pedagogia menos instrucionista já não é apenas uma questão de preferência ou de afinidade intelectual com esta ou aquela teoria. É, sobretudo, uma condição de sobrevivência humana tanto no plano individual como no coletivo, já que precisamos desenvolver pensamentos cada vez

mais abrangentes, reflexivos e criativos no sentido de encontrar soluções originais aos problemas que afligem a humanidade. Certamente, cabe à educação um papel fundamental neste sentido.

Para Moraes (1996, p. 66), “as implicações do novo paradigma na formação dos futuros professores para uma sociedade do conhecimento precisam ser cuidadosamente observadas no sentido de possibilitar um novo redimensionamento de seu papel”. Para educar para a Sociedade do Conhecimento é preciso rever as questões da didática, dos métodos de ensino e dos conteúdos curriculares, a fim de encontrar caminhos mais adequados e congruentes para este momento histórico. (MORAES, 1998).

A formação do professor para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem é ainda uma questão que merece maior atenção, tendo em vista as relações que se estabelecem no ambiente virtual. Formar para educação a distância deve ser essencial prioridade das instituições educacionais, especialmente, aquelas que não se aventuram, mas se consolidam sistematicamente com forças no cenário desta modalidade educacional, como vem sendo o caso do Centro Paula Souza.

O Grupo de Estudos de Educação a Distância (GEEaD) do Centro Paula Souza, ligado à Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico da referida instituição desenvolve, dentre outras atribuições, a coordenação e desenvolvimento dos novos cursos na modalidade EaD. Para tanto, elabora programas de formação continuada para docentes que trabalham e/ou trabalharão neste departamento, além de promover pesquisas de cunho educacional voltadas ao universo da Educação a Distância.

A iniciativa de elaboração e desenvolvimento de programas de formação coloca o Centro Paula Souza e, conseqüentemente, o GEEaD, em consonância com a Lei Federal nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prevê em seu artigo 61, parágrafo único que:

A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I - a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II - a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III - o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Conscientes de que a formação inicial e continuada é um dos pilares para a introdução e, conseqüentemente, sucesso de implantação e cursos, o GEEaD, em 2014, no segundo semestre, prestes a iniciar dois cursos semipresenciais, Técnico em Eletrônica e Técnico em Informática, elaborou, entre 19/05/14 a 06/06/14, uma formação continuada para esclarecer sobre os cursos em questão, bem como para capacitar os docentes que receberam pouca, ou nenhuma formação, para atuar como tutores em EaD.

A experiência relatada neste estudo, de abordagem qualitativa, foi realizada com um grupo de treze professores candidatos a assumir como professores-tutores os componentes curriculares de Comunicação, Ética e Informática I do curso Técnico de Informática Semipresencial no segundo semestre de 2014. Estes, como parte da formação, participaram de um encontro presencial e de três oficinas realizadas a distância no Ambiente Virtual de Capacitação de Professores-tutores desenvolvido pela equipe do GEEaD na plataforma Moodle¹.

2. Desenvolvimento

A formação dos professores-tutores foi dividida em quatro Oficinas, abordando os seguintes temas: A Educação a Distância no contexto atual e os Cursos Técnicos de Eletrônica e de Informática a Distância, a única que foi trabalhada no momento presencial, com duração de 8 horas que aconteceu em 10/05/2014; as outras Oficinas ocorreram entre 19/5 e 06/06/14. A Oficina 2 trabalhou com Mediação Pedagógica e Metodologia do Curso Técnico a Distância, tratando de reflexões sobre a nova maneira de ensinar e aprender por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na sociedade atual, a sociedade do conhecimento; a Oficina 3 observou O Modelo de EaD do Centro Paula Souza e a Ação Docente e trouxe a dinâmica de EaD adotada nos cursos técnicos da instituição, apresentando reflexões sobre as metodologias utilizadas nos encontros presenciais e na mediação pedagógica por meio do Ambiente Virtual, bem como os procedimentos didáticos para a utilização da ferramenta Fórum. Por fim, a Oficina 4, discorreu sobre os Procedimentos Didáticos com a Ferramenta Chat² e a Ferramenta Blog³, trazendo conceitos e metodologias para que essas ferramentas sejam utilizadas adequadamente pelo professor-tutor e pelos alunos.

Tendo em vista as transformações econômicas, políticas, sociais e, conseqüentemente, no segmento da

educação, nos deparamos com a grande necessidade de discutir o papel do professor e suas competências mediadoras e dialógicas, permeando a interatividade e a comunicação.

Assim, no primeiro encontro presencial, em que se debateu a expansão da Educação a Distância no Brasil, foram trazidas à baila as novas relações no âmbito da educação e da sociedade que miram esforços para uma formação integral dirigida a um público que busca nessa modalidade de ensino não somente a oportunidade a distância de estudar a distância, mas, sobretudo, uma boa formação. Nesse sentido, discutimos sobre as relações entre o processo de ensino e aprendizagem e da importância da formação de professores, tendo em vista a maior aproximação entre a prática docente e as necessidades do aluno que estuda a distância. Evidenciaram-se novos desafios e perspectivas para a atuação nessa modalidade ao mesmo tempo em que foram apresentadas novas formas na relação aluno-professor e novas responsabilidades, atribuições e desafios para a docência.

Neste encontro presencial também foi apresentada a proposta dos cursos técnicos a distância, seus objetivos, princípios pedagógicos, organização curricular, o perfil profissional do técnico, o perfil e as atribuições do professor-tutor, o perfil esperado de alunos, os materiais do curso e o processo de avaliação da aprendizagem.

A Oficina 2 ocorreu logo na semana seguinte ao encontro presencial, durante os dias 19 a 23/05/2014. Refletimos sobre a necessidade de repensar o conceito de ensinar e aprender, o papel do aluno e o papel do professor. A interatividade foi tratada sob a perspectiva de modificação da comunicação entre professores e alunos, que busca diminuir o abismo entre a postura de novo espectador, ativo e participativo do aluno e a postura fechada da escola em seus rituais de transmissão e o modo conservador das ações. Neste sentido, fizemos um debate com as opiniões do grupo sobre ensinar e aprender na sociedade do conhecimento e da pós-modernidade, embasados em leituras de Marco Silva, Gutierrez e Pietro, José Moran⁴, entre outros que levaram à reflexão e que se discutem questões como princípios de interatividade, comunicação e mediação pedagógica.

Ainda nesse encontro, trabalhamos sobre como as tecnologias que influenciaram de forma significativa o segmento educacional, passando a compor os conteúdos curriculares em todas as áreas do conhecimento, estabelecendo-se como um novo instrumental necessário para atender não somente às novas exigências do mundo do trabalho, mas também o cotidiano de vida das pessoas de modo geral.

¹MOODLE é a sigla de “Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment”, um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual de aprendizagem. Fonte: Adaptado de wikipedia. Acesso em 01 out. 2014.

²O Chat ou sala de bate-papo é uma ferramenta colaborativa onde o diálogo é feito de forma síncrona, ou seja, é preciso que sejam marcados data e horário para que as pessoas acessem ao mesmo tempo e consigam se comunicar.

³O Blog é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do Blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do Blog.

⁴Pesquisadores que têm entre suas especialidades estudos sobre as tecnologias aplicadas à educação.

Na EaD, a utilização das tecnologias de informação e comunicação evidenciam novas possibilidades de ensinar e aprender, permitindo integrá-las ao fazer diário da educação na cultura digital, estabelecendo estratégias de uso e metodologias de ensino mais adequadas para que o processo educacional possa acontecer por meio das TIC. Contudo, é preciso criar condições para que alunos e professores inseridos na modalidade da EaD possam dominar operações e funcionalidades exigidas pelas tecnologias atuais (BARION, 2012).

Durante a semana da Oficina 2, debatemos no Fórum de discussão sobre o papel do professor-tutor diante de um novo desafio que consiste em conhecer e saber aplicar a comunicação interativa em suas turmas, abolindo a postura autoritária e de detentor exclusivo do conhecimento, criando novas estratégias para que os alunos interajam de forma mais ativa, participativa e motivadora. Esta perspectiva deve abrir espaço para modificar a comunicação entre professores e alunos e, ao mesmo tempo, inserir o aluno como participante ativo no processo de construção do conhecimento. Por outro lado, à escola cabe romper com a postura fechada, às vezes, intransponível, de seus rituais de transmissão.

A partir da concepção de interatividade, comunicação, colaboração e conexão, esses professores em formação puderam repensar suas práticas comunicacionais nas suas turmas e na exigência da configuração de um novo professor que suscita a reflexão, a comunicação, o diálogo interativo e a cooperação entre alunos e professor. O debate rendeu boas análises e reflexões; algumas delas serão apresentadas mais à frente.

Na terceira Oficina sobre “O Modelo de EaD do Centro Paula Souza e a Ação Docente” foi apresentado o modelo EaD dos cursos Técnicos da instituição e os procedimentos didáticos para a utilização da ferramenta Fórum.

Deixou-se claro que, na EaD, há uma diversidade de modelos, resultando em várias possibilidades de composição dos recursos humanos e materiais necessários à estruturação e funcionamento de cursos nesta modalidade. Seja qual for o modelo de EaD adotado, é necessário focar o aluno e a participação como eixos de uma educação ativa e transformadora.

Nesta fase de transição em que nos encontramos, ainda predomina nas escolas o modelo disciplinar, centrado no professor, enquanto que as comunidades de aprendizagem exigem mais interdisciplinaridade e foco no aluno, para aproveitar todo o potencial participativo. (MORAN, 2009).

Nesta linha, o modelo de EaD utilizado pelos cursos a distância do Centro Paula Souza combina encontros presenciais com o atendimento on-line: aulas presenciais nos polos educacionais, tutoria presencial e tutoria on-line.

Os momentos presenciais serão realizados nos laboratórios dos polos educacionais tendo como objetivo realizar as atividades práticas referentes aos conteúdos desenvolvidos nos momentos não presenciais, desenvolvendo habilidades específicas e ao mesmo tempo estabelecendo vínculos afetivos e garantindo o controle da qualidade, por meio de avaliações.

Segundo Moran (2008, p. 02), esse modelo é o que mais cresce no Brasil porque combina momentos presenciais e on-line.

[...] É um modelo muito atraente, porque combina mobilidade com a tradição de aprender com o especialista. Principalmente para pessoas mais simples, este modelo assusta menos e induz a pensar que Educação a Distância depende ainda da informação do professor. As atividades a distância, se bem feitas, conferem autonomia aos alunos, e, se combinadas com atividades colaborativas, podem compor um conjunto de estratégias combinadas muito interessantes e dinâmicas.

Nos momentos de estudo a distância, o professor-tutor deverá acompanhar as atividades dos alunos, com apoio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Nesta plataforma o professor-tutor disponibilizará diferentes materiais pedagógicos: textos técnicos ou acadêmicos, vídeos, imagens, avisos e notícias. Poderá ainda utilizar diferentes recursos pedagógicos, tais como: Fóruns, Chats, palestras com especialistas, portfólios, Wikis⁵ e Blog's.

Pesando na utilização destes recursos como ferramentas que possibilitam favorecer a emancipação, podemos trazer Antônio Nóvoa (1991, p. 13) que afirma que a “A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada”.

Ainda, nesta Oficina, trabalhamos os procedimentos didáticos com a ferramenta Fórum, ressaltando a necessidade do professor-tutor estar sempre presente nesse espaço e a necessidade de estimular a participação dos integrantes da comunidade do Fórum, conscientizando-os da importância do comprometimento, da participação e colaboração de cada um dentro do ambiente de discussão, esclarecendo muito bem a intenção pedagógica que esta ferramenta proporcionará ao grupo, além de fomentar a aprendizagem em comunhão. Entendemos a importância dos mediadores adotarem alguns procedimentos didáticos, a fim de possibilitar a realização de discussões mais dinâmicas e o envolvimento de todos, dando ao debate um caráter mais flexível, na busca de mais simetria entre os que se propõem a discutir, levando-os a dialogar (OLIVEIRA; LUCENA FILHO, 2006).

Por fim, na Oficina 4, trabalhamos como proceder didaticamente com as ferramentas Blogs e Chat, explicando suas intenções pedagógicas, por meio do compartilhamento das experiências, conhecimentos e opiniões, além da ampliação das possibilidades de complementar as aulas de forma inovadora e atraente, elencando as principais ações do professor-tutor, por meio dessas ferramentas.

⁵Wiki é uma coleção de muitas páginas interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa.

3. Resultados das Oficinas de Capacitação de Professores-Tutores

As tendências metodológicas disciplinares que apontam para as novas formas de ensinar e aprender identificam princípios que não mais dão conta dos avanços constantes das tecnologias virtuais; portanto, novos desafios devem ser apontados à luz da inter/multidisciplinaridade do processo de formação docente para a educação on-line (BARION, 2012). Torna-se urgente, diante da necessidade de esboçar a definição do papel do professor on-line e suas competências mediadoras e dialógicas, investir no aprofundamento teórico-metodológico da EaD, no sentido de buscar um perfil do professor que estimule o aprender a apreender, nas relações de ensino e aprendizagem, por meio desta modalidade.

A síntese realizada no Fórum da Oficina 2 trouxe boas reflexões, pois abordou a preocupação com o novo perfil do professor exigido pela sociedade moderna que, além de conhecer e saber aplicar a comunicação interativa em suas salas de aula deve abolir a postura de detentor do conhecimento ao passo que cria novos espaços para que os alunos interajam.

Para identificação dos professores participantes serão utilizadas as siglas P1, P2, P3, P4, sucessivamente.

A partir da concepção de interatividade, comunicação, colaboração e conexão, o grupo refletiu as práticas comunicacionais e chegou a um consenso de que:

“O domínio do conteúdo, ao contrário do que muitos imaginam, não é suficiente para garantir o bom desempenho de um docente em sala de aula. Técnicas de comunicação e socialização são essenciais para a construção de uma melhor relação aluno-professor” (P1⁶).

As falas do professor P1 fazem conexão com Silva (2010, p.88):

O professor não deve mais se posicionar como detentor do monopólio do saber, mas como o que disponibiliza a experiência do conhecimento. Ele predispõe teias, cria possibilidades de envolvimento, oferece ocasiões de engendramentos, de agenciamentos e estimula a intervenção dos alunos como coautores de suas ações.

Além disso, Bruno e Ferreira (2013, p.138), ao trazer a formação aliada à tecnologia, sinalizam que:

No mundo da cibercultura, em que os alunos se apropriam muito cedo do conhecimento do manuseio da tecnologia, cabe uma nova relação de aprendizagem em que ambos, professor e aluno, aprendam, e sejam instados como protagonistas do processo, alternando-se ora como aprendizes, produtores ou socializadores do conhecimento. O abandono da linearidade da aprendizagem tradicional leva a essa nova construção relacional.

O P2 entende que é necessário criar novas formas de ensinar e aprender, fazendo com que o aluno seja participante ativo do processo de ensino e aprendizagem e que projetos interdisciplinares podem auxiliar nesse processo de maneira lúdica.

O aluno deve assumir o papel de participante ativo no processo de aprendizagem mediado pelas tecnologias, aprendendo individualmente e colaborando com a aprendizagem dos demais colegas, deixando o perfil do tradicional aluno passivo e repetidor. Por outro lado, o professor também deve assumir uma nova atitude: ser orientador, mediador e condutor do aluno em seu processo de aprendizagem (BARION, 2012).

Ainda para Belloni (2008, p. 39-40):

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no apreendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do apreendente, considerado como um ser autônomo, gestor do seu processo de aprendizagem, capaz de autogerir e auto-regular este processo.

Para o P3, o estreitamento de vínculos entre o professor e o aluno, pautado no respeito das diferenças, opiniões e na transparência das ações e objetivos favorecem a boa comunicação no AVA, criando um ambiente de acolhimento, companheirismo e cooperativismo.

Já para o P4, frente aos novos desafios da sociedade moderna, a autocrítica do professor, a reflexão sobre novos caminhos, o uso das novas tecnologias de maneira adequada e a necessidade da formação permanente do professor são importantes. A fala desse professor remeteu às ideias do Prof. Moran, citado por Barion (2012, p. 53) ao afirmar que:

“...é preciso que os professores saibam modificar as estruturas arcaicas e autoritárias do ensino, a fim de educar para a autonomia e para a liberdade, utilizando as tecnologias como recurso da comunicação e da interação, fazendo com que possam ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitos dos métodos tradicionais de ensinar e de aprender. Assim, Moran nos faz refletir que é necessário, primeiramente, que o professor mude sua atitude para uma postura mais aberta, sensível e humana, que valorize mais as interações entre os pares, a busca de informações a um resultado pronto, interações capazes de estabelecer formas mais democráticas de estudos, de pesquisa e de comunicação, desenvolvendo formas de comunicação autênticas, abertas e confiantes”.

Para o professor P5,

“Nós, enquanto professores-tutores, temos realmente o grande desafio de preparar boas aulas, aproveitando todos os recursos tecnológicos disponíveis para tornar o ambiente escolar mais prazeroso, produtivo e significativo para essa nova geração de alunos”.

Em resposta a esse desafio, o P2 propôs o uso das ferramentas conjugadas com processos de aprendizagem baseada em resolução de problemas e projeto, organizados em grupos de estudo, formulando problemas como desafios para os alunos pesquisarem, encontrarem soluções

⁶Os professores serão identificados pela letra P1, P2, P3, P4, sucessivamente.

e compartilhar com os demais colegas. Isso motivaria a troca de ideias sobre as diversas soluções encontradas e valorizaria uma rede colaborativa de aprendizagem.

O professor P4 corroborou com as sugestões do P2, propondo “aulas baseadas em desafios, onde o aprendiz é levado a construir conhecimentos e habilidades” por ser mais proveitosa e interessante. Essas considerações convergem como Araújo e Sastre, (2009, p. 25):

“Aprender não é como encher um copo com água, é um processo ativo de pesquisa e criação baseado no interesse, na curiosidade e experiência do aprendiz e de traduzir-se em ideias, conhecimentos e habilidades mais abrangentes”.

Num consenso geral, o grupo relatou que é preciso dar autonomia ao aluno e incentivá-lo à pesquisa, ao autoestudo, à criatividade, à busca de informações contextualizadas, realizadas por meio da potencialidade das ferramentas, como confere P6, ao afirmar que “Existem muitas ferramentas que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e os alunos são boas fontes para o descobrimento de muitas delas”.

A aprendizagem, para a sociedade do conhecimento, focaliza o aluno como sujeito crítico e reflexivo, propiciando-lhe situações de busca, de investigação, de autonomia (BEHRENS, 2009, p. 128). Nesse sentido, Belloni (2008) corrobora:

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no apreendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do apreendente, considerado como um ser autônomo, gestor do processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular este processo. (TRINDADE, 1992, p. 32; CARMO, 1997: p. 300; KNOWLES, 1990, citado por BELLONI, 2008, p. 39-40).

A partir dessas reflexões, emergiu nas falas dos participantes a mudança do perfil do aluno dessa nova sociedade, diante dos avanços das tecnologias e da facilidade de obter informações de fácil acesso. O professor P7 reforçou que o aluno deve “pesquisar, ler, buscar novos ângulos”. Nessa ótica, deve-se valorizar a autonomia como um dos principais fatores para que a aprendizagem e o conhecimento se desenvolvam a partir das interações entre os sujeitos, não somente como conteúdo simplesmente transmitido/transferido. É importante que o aluno se proponha a assumir uma atitude protagonista, participativa e ativa diante do processo de aprendizagem. Contudo, cabe ao professor o papel de incentivar no aluno o pensamento crítico e a autonomia.

Zuin (2006) alerta que os professores devem ser formados e, principalmente, formar-se num ambiente educacional que valorize o exercício da criatividade e da reflexão como fundamentos da condição de ser autônomo.

Alinhada à visão supracitada, realizamos na Oficina 3 uma semana de debate sobre os procedimentos didáticos com a ferramenta Fórum, pois de acordo com Oliveira e Lucena Filho (2006) é importante que os mediadores adotem alguns procedimentos didáticos a fim de possibilitar a realização de discussões mais dinâmicas e o envolvimento de todos, dando ao debate um caráter

mais flexível, na busca de mais simetria entre os que se propõem a discutir, levando-os a dialogar.

Ao sintetizarmos as principais ideias dessa discussão, chegamos a um consenso de que é preciso ter muito cuidado com a comunicação escrita porque não temos o tom de voz, nem as expressões corporais, por isso, a cautela na escrita é fundamental. Na mesma linha, o grupo chegou a um consenso de que é preciso escrever com a fluidez e riqueza na oralidade, além de ter muito cuidado com discursos “frios” que afastam as pessoas e bloqueiam a comunicação. É importante conhecer o perfil do aluno a fim de comunicar-se efetivamente com ele, respeitando a personalidade e a individualidade de cada um.

Nesse viés, Gutierrez e Pietro (1994, p. 72) trazem uma importante contribuição a respeito do estilo coloquial da linguagem. Para os autores, “o estilo coloquial está sempre mais próximo da expressão oral”. Os autores recomendam “escrever com a fluidez e a riqueza da narração oral” e ressalta que “com frequência, por traz de um discurso “frio” esconde-se uma incapacidade de comunicação com os outros, da mesma maneira como acontece na vida cotidiana” (p. 72-73).

Para os professores P2 e P8, é preciso fazer do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) um espaço acolhedor, de acolhimento, que aproxima as pessoas, e manter relações de amizade, companheirismo e cooperativismo. Ademais, o Fórum tem que ser um ambiente prazeroso para que desperte a vontade de entrar todos os dias ou várias vezes ao dia para ver o que tem de novo e o que foi comentado sobre as postagens que foram ali referenciadas, portanto, deve-se “Ouvir” as diferentes opiniões e aprender um com o outro. Como o professor P8 disse, não podemos deixar com que o aluno veja o Fórum como uma obrigação de participar, mas como um espaço agradável de aprendizagem e interação.

Para trabalhar com o “silêncio virtual” no AVA, quando o aluno se afasta, não participa ou não interage com o grupo, os professores P7 e P9 afirmam que é preciso recorrer a mensagens via e-mail, enviando mensagens personalizadas e amigáveis, enfocando a importância de sua presença no grupo. O professor P10 propõe insistir em outros e-mails, caso não se obtenha sucesso na primeira tentativa, buscando cativar o estudante e motivando-o a participar do encontro presencial também. Um ponto interessante que a fala que P10 traz é, justamente, a relação entre a parte estudada a distância com a estudada presencialmente, pois, em tese, uma complementa a outra e devem caminhar juntas. Infere-se, portanto, que tal professor compreendeu que este hibridismo, distância/presencial, é importante na mesma medida para a aprendizagem do estudante.

O professor P8 sugere que caso o aluno não atenda a nenhuma solicitação mencionada, é importante optar pelo contato telefônico. Segundo o professor, “Isto faz com que o aluno acredite que não é apenas um nick no Fórum, mas alguém muito importante!”.

De acordo com o grupo, para manter o Fórum “vivo” é preciso tratar de assuntos que chamem a atenção e mantenham a motivação dos alunos.

O professor P7 trouxe algumas dicas para o mediador do Fórum tornar a discussão prazerosa, construtiva e motivadora:

- Formular questões que permitam discussão de casos.
- Estar aberto às discussões conflituosas em relação às questões e conduzir o conflito, sem ser tendencioso em seu ponto de vista, já que isso pode inibir a discussão.
- Aumentar, gradativamente, a complexidade nos ambientes colaborativos, iniciando o ambiente com materiais básicos.
- Fornecer ao aluno uma estrutura para participação no Fórum, com orientação de como o aluno será avaliado (frequência, resposta aos colegas, formulação de perguntas e participação na discussão on-line).
- Elaborar sínteses parciais para responder aos alunos referentes ao conteúdo postado e fazer uma síntese final.
- E principalmente: Estimular e/ou incentivar a participação e contribuição na construção do ambiente, utilizando meios diversificados para “apreciar” (no caso do mesmo estar indo bem) e “resgatar” (os que não estão participando).

Os professores P9 e P5 complementam:

- Manter o foco da discussão;
- Contextualizar, ou seja, situar os alunos sobre as temáticas tratadas nos fóruns.
- Tornar a aprendizagem significativa (não mecanizada), ou seja, relacionar com conhecimentos, experiências e vivências do aluno, permitindo-lhe formular problemas e questões de interesse, entrar em confronto experimental com problemas práticos e relevantes, participar do processo de aprendizagem e transferir o que aprendeu para outras situações de vida.

As participações do grupo trouxeram excelentes contribuições de como proceder didaticamente no Fórum e assim montamos uma “colcha de retalhos” com as ideias do grupo que concentra, de uma forma geral, considerações sobre pontos importantes da interação nesta ferramenta. Isso permite concluir que as discussões ocorridas na Oficina deram bons resultados.

Durante a Oficina 4, os professores em formação ficaram uma semana trabalhando com Blogs e realizando reuniões por meio da ferramenta Chat para conhecer as especificidades dessas ferramentas. Criaram seus Blogs e comentaram os posts dos demais colegas participantes, simulando situações que deveriam trabalhar com os alunos.

Nos comentários realizados nas postagens, os professores participantes levaram em consideração

a análise dos temas dos Blogs e se são relevantes ou não; discutiram sobre a importância de incentivar os comentários neste recurso para estimular a participação dos alunos à medida que veem a quantidade de visitas que receberam em suas postagens; analisaram as referências hipertextuais dos colegas participantes, avaliando as referências com outros textos e as postagens feitas em outros Blogs; observaram, ainda, que a linguagem típica da Internet poderia estimular e motivar os alunos, uma vez que fazem parte da cultura deles.

Durante as conversas nos Chats, os professores discutiram sobre a criação do Blog como atividade direcionada, sobre a importância de incentivar os alunos acessarem os Blogs fora da escola, em diversos horários, potencializando a união do grupo e permitindo a comunicação e interação a qualquer tempo.

Aproveitando o bate-papo no Chat, o grupo discutiu sobre os procedimentos didáticos nesta ferramenta nos momentos de preparação, desenvolvimento e o encerramento da seção de bate-papo. Ficou acordado que devem preparar o Chat da seguinte forma: convidar os alunos, explicando-lhes como fazer o acesso à seção, a data e horário de início e fim do bate-papo, divulgar o tema a ser debatido, disponibilizando bibliografias sobre o assunto e os objetivos da conversa, estabelecer/ combinar com o grupo sobre as regras, como por exemplo, o uso de emoticons (símbolos como rosto feliz, triste, beijos, etc.), facilitando a comunicação e tornando-a mais próxima e afetiva. Na realidade, o estabelecimento de uma espécie de contrato pedagógico e de um planejamento comum.

O grupo combinou as ações que deverão ter durante a seção de bate-papo, citando os seguintes procedimentos: conduzir os diálogos para que não fujam do assunto, intervir sempre que necessário alertando para voltarem ao tema, lançamento perguntas que provoquem discussões, explorando a conversa de modo que todos dialoguem e participem do debate.

Por fim, foram definidos alguns procedimentos didáticos a serem realizados após a seção de bate-papo, tais como: elaborar uma síntese da discussão, destacar as principais ideias do debate e enviar aos alunos após o término do Chat. Como sugestão, em algumas situações, ficou acordado que o professor-tutor poderá solicitar aos alunos que escrevam um resumo dos conhecimentos adquiridos na reunião on-line.

4. Considerações Finais

A formação ora resgatada e as impressões dos docentes partícipes acabou por referendar a importância de se fazer uma formação inicial e continuada para o professor começar a trabalhar na modalidade a distância e/ou semipresencial, além de confirmar que Grupo de Estudo de Educação a Distância (GEEaD) do Centro Paula Souza está na direção correta, especialmente, no que diz respeito à apresentação e resgate de conceitos ligados a este universo e, sobretudo, à experimentação deles durante as Oficinas.

Desta maneira, percebeu-se a compreensão e a aplicação prática dos conceitos, mais ainda, para,

além disso, notou-se tanto nas atividades quanto nas considerações dos docentes, a maturidade para fugir do discurso mais comum e conservador, dando “asas” à discussão sobre o novo perfil do alunado e dos docentes diante desta perspectiva cultural mais alinhada às tecnologias da informação e comunicação.

As análises dos resultados evidenciam que os docentes incorporaram em seus discursos muitos dos conceitos trabalhados, extrapolaram as discussões, convergindo em propostas que valorizam a interação e aprendizagem em comunhão, além de exercitá-las na prática.

Foi possível constatar, ainda, que a habilidade do professor on-line em provocar o diálogo discursivo permite dar continuidade ao diálogo e às reflexões, desencadeando o processo de ensino e aprendizagem.

Em tempo, a comunicação dialógica impulsionada pelo professor on-line consegue promover a sala de aula interativa, proposta por Marco Silva, que desencadeia na interação discursiva dialógica, ligando múltiplas vozes para a construção do discurso.

Em síntese, entendemos que é importante insistir na formação da docência para os professores-tutores para atuarem na EaD, bem como na construção de outras metodologias que potencializam a comunicação interativa, oportunizando a participação ativa do aluno, numa pedagogia baseada na coautoria, na aprendizagem participativa e dialógica que rompe com o modelo clássico de comunicação, possibilitando aos alunos exercer cada vez mais a autonomia.

5. Referências

ARAÚJO, Ulisses; SASTRE, Genoveva. Aprendizagem baseada em problemas no Ensino Superior. São Paulo, Summus, 2009.

BARION, Eliana C. N. O professor-tutor, as TIC e os alunos no cenário da EAD: vozes e tensões. Dissertação de Mestrado, 2012.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*, 16^a ed. Campinas: Papyrus, 2009, pp. 67-132.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nr 78, pp. 117-142. abril/2002.

_____. *Educação a Distância*. 5^a Ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dezembro de 1996. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em Set. 2014.

BRUNO, A.R.; FERREIRA Filho, L.N. Apropriações das tecnologias digitais e em rede por professores: experiências nas escolas estaduais do Ceará, Brasil. *Revista Eletrônica de Educação (on line)*, v. 7, n. 2, 2013, p. 133-152. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/>

[article/viewFile/750/267](http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/750/267). Acesso em 29 set. 2014.

GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. *A Mediação Pedagógica. Educação a Distância alternativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MORAES, M. C. *O Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas*. Em Aberto, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996.

_____. *Novas tendências para o uso das tecnologias da informação na educação*. Brasília-DF, 1998. Disponível em: <http://www.edutec.net/Textos/Alia/MISC/edmcand2.htm>>. Acesso em: Set. 2014.

_____. *Tecendo a Rede, mas com que Paradigma?* Conferência apresentada no Encontro Internacional de Educação para a Paz, “The Future of our Children”, realizado na Universidade de Genebra, em setembro de 2000.

MORAN, J. M. *Modelos Educacionais na Aprendizagem on-line*. 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>. Acesso em set.2011.

_____. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. In MORAN, J.M; MASSETO, M. T; BEHRENS, M. A.– 16^a Ed. Campinas SP: Papyrus, 2009.

NÓVOA, Antônio. *A formação de professores e a profissão docente*. <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf>. Acesso em 29 de set 2014.

OLIVEIRA, S. C.; LUCENA FILHO, G. J. *Animação de fóruns virtuais de discussão – novo caminho para a aprendizagem em EaD via web*. CINTED-UFRGS. V.4 N^o 2, dezembro, 2006.

SILVA, M. *Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica...*, 5^a Edição, São Paulo, Editora Loyola, 2010.

ZUIN, A. S. *Educação a Distância ou educação distante? O programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual*. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 27, n. 96, p. 935-954, out. 2006.

Eliana Cristina Nogueira Barion

Professora do Centro Paula Souza, responsável por projetos do Grupo de Estudos de Educação a Distância. Graduação em Tecnologia em Processamento de Dados pela FATEC (1997); Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda (2012); especialização em Educação a Distância pela PUC-SP (2010) e em Sistemas de Informação pela UNICEP (2004).

Welington Luis Sachetti

Professor, mestrando em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2012/2014), especialista em Designer Instrucional para EaD Virtual (2012) pela Universidade Federal de Itajubá e em Formação de Orientadores de Aprendizagem para Educação a Distância pela PUC/SP (2010) e licenciado em Letras pela PUC Campinas (1999). Atua desde 2008 como professor Responsável por Projetos no Centro Paula Souza, exercendo coordenação pedagógica e escrevendo materiais para capacitação e Programas de Formação Continuada para professores.

COMO PLANEJAR UMA AULA NO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA

Rui Corrêa da Silva

Resumo

Trata-se de um trabalho que procura discutir não só “o como”, mas também o “porque” de se efetuar o planejamento de aulas para o ensino superior à distância; para tanto consultamos fontes literárias tanto do passado como da atualidade e procuramos a isso somar outras opiniões, além de nossa contribuição para essa questão tão importante e pertinente ao momento atual do ensino; que não é estático, mas que evolui, se transforma e é transformador.

Palavras-chave: Ensino Superior, planejamento de aulas, EaD.

1. Introdução

Em um primeiro momento focamos o tema dentro do tempo; desde os primórdios de nossa existência mostrando cada passo que o Homem deu em seu aprendizado, reflexões, reconstruindo o que aprendia e ensinando a posteridade o que havia aprendido a partir de um planejar inicialmente simples; facilitando assim nosso viver atual.

Enfatizamos a importância do tema no universo do ensino, no seu sentido de reflexão mais complexa, de dimensão mais ampla, de um preocupar-se não somente com a transmissão do ensino feito um “recado” ou uma “receita”, mas, sobretudo possibilitando uma apreciação e participação da sociedade como alvo de recepção e reflexão do que se pretende ensinar. Consideramos também a responsabilidade do governo e as leis por ele emanadas no sentido de balizar os caminhos do aprendizado de seu povo.

Focamos o que já foi dito sobre o assunto através de pesquisa literária e Internet, incluindo tanto visões atuais como visões dentro do momento temporal de cada autor no expressar o assunto de acordo com o que ocorria ao seu redor. Coletamos opiniões junto a professores de forma simples e objetiva, possibilitando conhecermos um pouco das preocupações de quem está inserido no ambiente escolar (os docentes).

Realizamos então uma reflexão, expressando nosso pensar e nosso preocupar com o momento em que vivemos. Finalizamos analisando e fazendo considerações sobre tudo que foi dito e expresso, não de forma definitiva, mas como singela contribuição; sabendo que as necessidades de hoje não são as mesmas de ontem e nem serão as mesmas de amanhã.

2. Aspectos gerais do planejar

Retrocedendo no tempo, encontramos as primeiras moradias humanas, as cavernas, e nas paredes destas, verdadeiras lições de caça, pesca e identificação dos principais inimigos; essas “lições desenhadas” passavam de geração à geração; em um primeiro Ensinar a Distância. O planejamento se restringia a informar de forma direta e clara aquilo que se desejava; e, precisava estar colocado de forma visível e em local onde inevitavelmente os descendentes se reunissem.

Mais tarde os egípcios com hieróglifos ensinaram e até hoje “ensinam a distância” suas crenças; seu planejamento considerava o modo de vida da época selecionando o saber de acordo com as castas sociais e suas divindades; se incutia ensino e inspiração a médicos e poetas ou temor a escravos e inimigos.

O ensino a distância apresentou e ainda nos apresenta os polêmicos papiros do Velho e também do Novo Testamento; hoje conhecidos como Bíblia; eles são os ensinamentos à distância mais contundentes que temos; seu planejamento considera que conforme o público é a linguagem e os exemplos devem ser extraídos da própria comunidade, citando pragas agrícolas, acontecimentos na pecuária e água brotando de pedras; coisas imprescindíveis à sociedade a qual se destinava o aprendizado. Ela utiliza a linguagem de pescadores com pescadores, de pastores com pastores, de médicos com médicos, de economia com economistas e assim por diante. Vê-se, portanto um mesmo assunto sendo abordado das formas mais diversas.

Jesus é realmente “O Mestre”, seu cotidiano é um interminável ensinar, sua sala de aula é o mundo, seus alunos são todos os seres humanos (que atenciosos ou desatentos ouvem ou se dedicam a estudar seus ensinamentos); usa de parábolas diversas e um falar simples que prende a atenção de seus ouvintes e cativa seus espectadores, forçando-os a reflexão sobre o que é exposto.

Tivemos também os cursos por correspondência que possibilitaram a formação de inúmeros profissionais. Temos obras literárias destinadas especificamente ao Ensino a Distância; à exemplo podemos citar “QUEM MEXEU NO MEU QUEIJO?” de Spencer Johnson, M.D. (ensinando persistência e flexibilidade para enfrentar desafios imprevistos); “O CORPO FALA” de Pierre Weil e Roland Tompakow (ensinando como interpretar a postura do corpo humano); seu planejamento considerou a urgência do educando e, de forma simples e direta expõe seu ensinamento; utilizando-se também da figura em situações do cotidiano facilitando a assimilação.

Temos também o rádio com programas de receitas e “dicas” de como enfrentar problemas do dia a dia. Aqui o planejamento considerou a voz do educador, bem como timbre e entonação, sendo estes fundamentais nesse ensino.

A seguir temos à televisão com diversos programas de Ensino a Distância (Tele cursos e Receitas Culinárias);

não só a voz é considerada neste planejamento, mas também cenário, postura e vestimenta do educador são imprescindíveis.

Surge então o computador (Internet) onde o planejamento deve considerar muitas outras variáveis (velocidade das informações, constante atualização e principalmente uma interação enorme entre educador e educando, chegando a permitir em dados momentos que educando se torne educador e vice-versa ou mesmo que ambos ocupem a mesma função). A exploração desse recurso somado a aos demais existentes, embora sendo ferramentas facilitadoras, nos obriga, a repensar o ensino de forma a maximizar o uso daquilo que se tem ao alcance. O planejar atual deve, ser muito mais abrangente, muito mais elaborado, para professores e alunos terem condições de um bom aproveitamento; para que a nova ferramenta não seja apenas um item de sofisticação, mas permita um ganho qualitativo no processo de ensino aprendizagem.

3. Ensino à distância e o planejamento

A Educação a Distância deve ser considerada de forma consciente e cautelosa, para não recairmos em erros do ensino tradicional; o bom Planejamento é crucial ao êxito. No centro do assunto está a nova concepção de educação, com seus entraves, questionamentos, experimentações, informações que possibilitam construir, destruir e reconstruir; nos informando que a complexidade do conhecimento jamais nos permitirá a perfeição e isto é o que nos estimula a experimentação.

No ensino tradicional, a formação não permite uma velocidade de acordo com o ritmo das mudanças tecnológicas, econômicas, culturais e do dia a dia. O planejamento na elaboração, visando nosso expressar proporcionando aprendizado ao homem, é fator determinante para mudança de paradigmas e posturas. A sociedade busca produzir um indivíduo capaz de reconhecer o seu meio e poder nele intervir com eficiência e responsabilidade. A legislação no Plano Nacional de Educação, na meta nº 4, estabelece:

(...) um amplo sistema interativo de educação à distância, utilizando-o, inclusive, para ampliar as possibilidades de atendimento nos cursos presenciais, tanto os regulares como os de educação continuada, observando as metas estabelecidas no capítulo referente a essa modalidade de ensino. (PNE, 2000: 74).

A democracia pressupõe uma educação que promova a equidade, a inclusão social e a elevação da cultura geral da população. A legislação educacional prevê a preparação do indivíduo “para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Art.2º, LDB, 1996). É, portanto imprescindível que o planejamento passe pelas leis atendendo a seus pressupostos.

Todavia, enormes desafios estão por se equacionar com respeito ao alcance dos objetivos e metas contidos no Plano Nacional de Educação. A alta seletividade no ensino superior brasileiro e as dificuldades em ampliar significativamente seu atendimento, num país com as dimensões continentais e a má distribuição de renda como

é o caso do Brasil, especialmente nos últimos anos, tem sido um argumento sobre o qual inúmeros programas de ensino a distância se firmaram.

“Numa sociedade, onde a automação, a informação e o tempo correm velozes, não é possível pensar que os sistemas convencionais de ensino possam responder à formação contínua, face às necessidades dos momentos presente e futuro” (MATA, 2001: 80).

Em muitos países da Europa, a educação a distância se desenvolveu a partir da evolução da pedagogia da sala de aula como estratégia de complementação da aprendizagem regular e da profissionalização, sobretudo docente (BARRETO, 1997).

Há, contudo a necessidade do aprimoramento das práticas docentes continuadas, no desenvolvimento da educação que possibilite o efetivo aproveitamento do avanço tecnológico, necessidade de mercado, ansiedade de um público aberto às inovações. É fundamental que se planeje adequadamente os novos recursos estruturais necessários, às estruturas já existentes e as ferramentas de ensino a serem usadas.

4. Pareceres sobre o planejar

Planejamento é ato ou efeito de planejar (fazer plano de; tencionar; projetar; traçar; submeter a um plano; programar; planificar). “Comodidade e menosprezo pelo planejar levam professores a buscar receitas prontas em livros; assim como diretrizes superiores abortam o processo impondo suas vontades”. (MARTINS, 1993).

Não devemos também excluir o papel do Estado nesse contexto.

O planejamento na elaboração do ensino é fator determinante para mudança de paradigmas e posturas. A sociedade busca produzir um indivíduo capaz de reconhecer o seu meio e poder nele intervir com eficiência e responsabilidade.

“Esse projetar deve considerar que o homem aprende vencendo obstáculos”. Wilhelm Dilthey (1833-1911).

O ensino deve processar-se opondo dificuldades ao educando; há necessidade, contudo de dosar essas dificuldades de acordo com as possibilidades do mesmo; caso contrário se tornará frustrante; o inverso (ensino abaixo das possibilidades) também são frustrantes; daí a importância de dosar, para que no passo a passo o sucesso estimule o prosseguimento.

Segundo Henri Bérgson (1859-1940) “o homem aprende não pela inteligência e sim pela emoção (da compreensão pelos sentidos no tocar, medir, ouvir, sentir o cheiro e provar-lhe o gosto); assim o planejar do estudo deve considerar o contato com a realidade; educar não para mas com a vida, causando o primeiro impacto não no cérebro mas no coração”.

Edmund Husserl (1859-1938) diz “o homem se caracteriza pela inteligência intuitiva, capaz de apreender e descrever a essência dos fatos sem uso do raciocínio”.

As coisas ou os fenômenos contêm suas próprias essências que os individualizam.

O método, portanto deve buscar a eliminação progressiva de tudo que venha interferir na visão do fato real, independente de comprometimentos e qualquer outro fator. O planejar tem necessidade do educando ter vivência com o fato a ser estudado (requer certa convivência com o objeto de estudo).

Planejar se relaciona com administrar, assim a primeira característica da função administrativa é a previsão, no sentido de visão de futuro para criar a estratégia do movimento.

Temos no contexto do planejamento considerando-se como processo administrativo; a Teoria Neoclássica de autores como Peter F. Drucker e John W. Humble; essa teoria considera que o planejar é um processo permanente e contínuo sempre voltado ao futuro, visando à racionalidade das resoluções, selecionando entre as alternativas surgidas um rumo de ação; tem uma visão de todo o sistema que esta sendo planejado, sendo interativo, alocando recursos, trata-se de um processo cíclico, com função administrativa que interage dinamicamente com as demais, é uma técnica de constante mudança e inovação.

Sander (1995:14) foca o Comportamento numa tentativa de resgatar a dimensão humana da administração onde se inserem a dinâmica de grupo, o desenvolvimento organizacional, análise transacional, formação de líderes e teoria dos sistemas, influenciadas pela Psicologia, Sociologia e pedagogia Social, que ganham força na gestão escolar a partir da gestão empresarial.

Outra visão que Sander nos apresenta é o Desenvolvimentista onde os governos pretendem implementar políticas e planos de forma a alcançar seus objetivos econômicos e sociais.

Nesse contexto o Planejamento da educação aparece como ferramenta de fundamental importância, sendo que a educação se apresenta como fator de desenvolvimento econômico, progresso técnico e forma de seleção e ascensão social. Após essa visão Desenvolvimentista, temos o pensamento Sociológico, preocupado, sobretudo, em adequar-se tanto política como culturalmente em relação aos conhecimentos científicos e tecnológicos na educação e administração. Ele concebe basicamente uma educação alicerçada nos valores culturais e políticos devidamente contextualizados. Propõe ainda que se busque solução dos problemas educacionais no contexto sócio-político mais amplo. Propõe a interdisciplinaridade e a clareza na prática educacional em todos os níveis.

Jean Piaget (1896-...) diz que nascemos com esquemas de ação que possibilitam a nossa atuação no meio. Estes esquemas são relativamente poucos. Mas são, em compensação, flexíveis, dando margem a que se modifiquem e se associem entre si na formação de novos esquemas de ação. Tais esquemas diferem de um para outro indivíduo.

A aprendizagem se processa por meio da assimilação e da acomodação. Mas, a maior possibilidade de aprendizagem e conseqüente atuação do indivíduo diante de situações diferentes resulta da acomodação, e esta só terá lugar se for colocada ao educando diante de

situações problemáticas, para que as mesmas provoquem o enriquecimento do indivíduo em esquemas de ação, pela alteração ou associação dos naturalmente existentes por hereditariedade.

Assim ao projetar o ensino devemos torná-lo ativo colocando o educando em situações inéditas e problemáticas a fim de obrigá-lo a movimentar seus esquemas de ação.; propiciar trabalhos em grupo a fim de permitir um melhor relacionamento das pessoas entre si com benefícios a sociedade; sem contudo esquecer-se de tarefas individuais destinadas a desenvolver esquemas peculiares a cada um.

Tal planejamento deve estimular trabalhos extraclasse e planos de trabalho individuais ou em grupo. Mais que aprender o educando deve ser levado a aprender a aprender.

Romão (1997) nos fala sobre a escola cidadã, onde o planejar a partir da cidadania ativa é parte essencial da reflexão sobre como realizar e organizar todas as atividades no âmbito escolar e educacional; significando olhar de frente os problemas da instituição e do sistema educacional como um todo. A escola cidadã propõe a compreensão das relações institucionais, interpessoais e profissionais nela presentes, avaliando e ampliando a participação de diferentes atores em sua administração, gestão, assumindo-a enquanto instância social de contradições propícias ao debate construtivo e, sobretudo, enquanto entidade que tem por principal missão proporcionar aprendizagem a crianças, jovens e adultos.

Tanto Piaget, quanto Bruner preconizam o ensinar a aprender.

Já Álvaro Neiva na sua "Introdução ao Estudo da Escola Nova" fala que no planejamento: "A educação deve processar-se em ambiente social permanente de maneira a diminuir o mais possível à distância entre escola e sociedade. A educação deve processar-se por meio do trabalho; é a escola oficina no sentido mais lato, a fim de que o educando enfrente continuamente situações problemáticas ou realize tarefas, este vai aprendendo a atuar, ganhando confiança, enfrentando situações reais de vida, aprendendo a estudar e se tornando independente. A educação deve ter em mente como fim maior, a formação do cidadão participativo, com características de amor à pátria, fidelidade à família e reverência a Deus.

Padilha com seu "Planejamento Dialógico" (2003) considera que "antes de tudo o planejamento deve ser um trabalho coletivo tendo bem definidos seus princípios, estratégias e metas".

O projeto político no caso deve partir da avaliação objetiva de necessidades e expectativas de todos os componentes da escola; deve ser sempre projeto inconcluso, passível de mudanças ao longo do tempo. Deve ser elaborado em termos de médio e longo prazo; cabendo, no entanto a escola sua adequação considerando suas reais condições e possibilidades.

A reflexão sobre a prática pedagógica dos professores e as teorias que as embasam deve ser contínua na unidade escolar.

Deve garantir a avaliação periódica da ação

planejada para redimensionamento das propostas.

O projeto em sua reflexão deve ser recheado de perguntas e possíveis respostas, sendo de suma importância que garanta a possibilidade do debate, a superação das contradições, dos equívocos, e que as equipes de trabalho consigam realizar sínteses objetivas como resultado do que foi discutido; assim devemos considerar como entendemos o mundo que vivemos; quais são as utopias que nos movem neste mundo e, sobretudo qual a escola dos nossos sonhos?

A cada final de período ou ano refletir sobre os seus resultados e o que podemos fazer para melhorar nossa atuação nesse contexto.

A seqüência de ação em sua implementação deve ser primeiro a identificação do projeto, a seguir seu histórico e suas justificativas, depois contemplar os objetivos gerais e específicos, suas metas, seu desenvolvimento metodológico, os recursos disponíveis, traçar então o cronograma, efetuar a avaliação e conclusão que nada mais é que o repensar, corrigir e reiniciar.

5. Pesquisa sobre o planejar a distância

Nossa pesquisa se deu informalmente junto a 50 professores com o intuito de sentirmos o que cada um pensa que deva ser priorizado no planejar.

A questão apresentada foi: considerando que você deva dar aula à distância, que sua imagem seja levada para todo o Brasil e que seus alunos sejam, portanto de diversos níveis e das mais diversas comunidades; o que você considera que seja prioridade em seu planejamento?

As respostas que nos chegaram foram computadas e transformadas em percentuais que apresentamos a seguir:

28% considerou a Comunicabilidade por parte do professor o mais importante fator a considerar; muitos citaram a linguagem simples, sem sotaques ou afetações, sem piadas sobre esta ou aquela região. 18% citou o Conhecimento do Público alvo (a Clientela), foi dito sobre uso de tema voltado à vida das pessoas a partir do qual se conduza ao tema mais complexo a ser estudado. 14% se referiram ao Conhecimento Pleno do Tema ou assunto a ser ministrado (domínio do assunto por parte do professor), é citado como de importância vital. Com 10% aparecem três itens a Estruturação da Matéria de maneira lógica com fixação de objetivos tanto gerais quanto específicos; às Avaliações que devem ser claras objetivas e devem estar presentes tanto antes como durante e ao final do módulo, período ou ano e Conhecimento tecnológico atualizado (considerando-se ai os recursos áudio visuais). Finalmente com 5% ficaram dois itens: a Valorização do Aluno reconhecendo sempre seus méritos e as Infra Estruturas adequadas ao bom andamento das aulas presenciais inerentes ao curso.

6. Aspectos a serem ressaltados

Devemos considerar primeiro que o planejar não anda só ele vem acompanhado da avaliação (anterior

durante e posterior a realização do ensino) e do planejar que nada mais é que uma organização escrita do como planejar; pode ser lido e usado por terceiros como o Plano de voo, o Plano de navegação ou o nosso Plano de aula que amarra professores a diretrizes da escola quando esta não lhes permite autonomia.

Precisamos ainda levar em conta que estamos à distância, desconhecemos os hábitos da comunidade onde estão inseridos os alunos com suas necessidades que também desconhecemos, não temos idéias de suas faces com suas nuances a cada sentimento, a cada dúvida; não estamos ouvindo suas vozes com seus vários timbres de acordo com as emoções do momento; nossa situação para eles é também desconhecida, salvo que nossa imagem de mestre eles vêem e podem captar nossa segurança ou insegurança. Nós os mestres “somos pilotos vendados tentando conduzir o carro apenas pelo senso de direita, esquerda, distanciamento e aproximação”.

7. Nossa opinião

Precisamos antes de tudo ampliar nosso conceito de planejar, perder o medo do mesmo; fazer do planejar o que ele realmente é para nós; nada mais que o exercício da reflexão sobre o como, quando e de que forma fazer; pode-se executá-lo só ou em grupo.

Planejar nada mais é do que a realização daquela reunião no vestiário antes do jogo ou em seu intervalo; na mesa do bar antes do encontro ou a caminho da pescaria; ela pode ocorrer na cama antes de levantar, na chuveirada antes do trabalho, na igreja onde quase sempre na verdade é um replanejar. Planejamos até mesmo sem saber que o fazemos.

Devemos Contemplar Estatutos e Leis governamentais de forma a que ao planejar o façamos dentro do estabelecido pelos mesmos, de nada adiantaria que nosso planejar fosse super abrangente se o mesmo não estivesse conforme os parâmetros governamentais estabelecidos. Conhecer bem as Diretrizes, Estatutos e normas da Escola; às vezes o que pensamos mesmo sendo correto mediante o Governo não o é perante nossa Escola e o planejamento será recusado; aqui a troca de idéias com os companheiros nos permitirá trilhar o caminho aceitável (pode ser polêmico, pois sabemos que o tradicionalismo de certas entidades de ensino impede a modernização do mesmo; mas para quebrar esse “engessamento” devemos estimular reuniões e debates com a participação de todos e não usar o nosso planejar como “bandeira” exclusivamente nossa). Considerar que estamos tratando com muitos alunos em diferentes estágios de conhecimento, envolvendo também nisso as comunidades em que os mesmos estão inseridos (aquilo que plantarmos germinará no ventre da comunidade e poderá ou não dar bons frutos); é de suma importância que efetuemos junto aos futuros alunos uma avaliação ampla (não algo nos moldes de um vestibular, mas algo com o propósito de avaliar os conhecimentos e costumes; perguntas claras com alternativas claras).

O planejar deve comportar muitos e diversificados exemplos para cada assunto abordado; quanto maior a

diversidade de exemplos um maior número de alunos será levado à compreensão do assunto. Usar uma linguagem simples (nada rebuscada), algo que os alunos em todas regiões possam compreender. Estimular a interação entre alunos mediante atividades diversas e freqüentes (um aluno cooperando com outro), assim a assimilação dos conteúdos será maior.

As atividades entre mestres e alunos deve ser parte principal nas aulas presenciais; gerando responsabilidades (tanto para aluno quanto para professor), dessa forma também será criada maior segurança dando oportunidade à constante avaliação do desenvolvimento da turma. Um exemplo de diversidade e total interatividade esta nos nossos dias e se chama Silvio Santos (ele não possui uma platéia e sim “Colegas de trabalho”).

Achamos fundamental que o aluno receba todas informações sobre o assunto a ser ministrado na aula presencial (obrigatória por lei); que tais aulas se tornem verdadeiros laboratórios com troca de idéias e discussão de assuntos. O despertar da atenção antes do acontecimento com muitas “chamadas” é ótima forma para prender a atenção; isso pode ser freqüentemente notado nas emissoras de televisão mostrando pequenas porções de um noticiário ou de uma novela.

As aulas presenciais estimular trabalhos em grupo e rotatividade de alunos intergrupos; promovendo a discussão por diferentes pontos de vista, a sociabilização, a troca de idéias, a somatória de saberes, o caminhar conjunto de encontro ao conhecimento, a valorização das habilidades de cada um dentro de um todo.

Para, além disto, é importante que tu mestre tenha claro que és o centro das atenções quando estas na “telinha”; portanto observe bem tua imagem no espelho; teu traje; teu comportamento; a dicção; a formatação dos escritos, desenhos e imagens que irás mostrar.

8. Considerações Finais

Não iremos priorizar métodos, não pretendemos aqui estar fornecendo uma fórmula única e definitiva; pretendemos mostrar os vários aspectos relacionados ao planejar.

Observar a Legislação; direitos e obrigações foram criados visando o bom andamento do setor de Ensino; sem eles haveria a Anarquia; assim se o nosso caminhar for dentro das normas mediante diálogo e reuniões objetivas e claras, muito melhor.

Costumamos dizer que “tudo que vem fácil, vai fácil”; aquilo que se aprende com alguma dificuldade se apreende na mente para toda a vida; pode ficar esquecido num “arquivo” de nosso cérebro sem ser lembrado, mas quando surgir à necessidade esse conhecimento “aflora” imediatamente.

E importante estimular os sentidos (ver, tocar, ouvir, cheirar e degustar); o cheiro de folha de eucalipto me remete a reconstrução do passado; mais precisamente a minha infância, quando minha avó as colocava em água fervente para eu inspirar o vapor devido minha asma; quando ouço a musica Fascinação reconstruo as imagens

de meu casamento; quando saboreio uma manga me lembro da Chácara que possuíamos e assim é com todos nós; rimos, choramos, sentimos angustia, medo, ansiedade tudo porque nosso cérebro esta pleno de registros do nosso passado e tudo que se nos apresenta no presente nos possibilita a reconstrução de momentos passados.

Devemos usar de isenção no nosso ensinar; podemos dar sugestões; mostrar vários pontos de vista sobre determinado assunto, contudo permitir sempre que o aluno reflita e crie suas conclusões. Se impusermos nosso parecer o aluno cresce sem opções e tudo que ocorrer e que não for exatamente igual ao ensinado será considerado sem solução.

É necessário associar os saberes; saberes isolados permanecem isolados e sem sentido; precisamos possibilitar a interligação do que ensinamos com as demais ciências; isso se chama dar sentido ao que se expõe.

Os exemplos não devem ser apenas muitos, mas acima de tudo diversificados; o que para uns está claro para outros está complicado e ainda para alguns esta totalmente incompreensível; portanto é imprescindível a diversidade de exemplos para um mesmo assunto. Exemplos devem ser extraídos do dia a dia; da sociedade que gerou o aluno; do cotidiano no qual ele vive.

Faz-se necessário aproximar escola e sociedade; como é difícil essa aproximação, principalmente nos dias atuais onde pai e mãe trabalham e ao fim do dia estão exaustos; onde vizinhos mal se conhecem; onde pessoas de um mesmo prédio de apartamentos sequer conhecem quem habita ao lado. É mais fácil seja a escola se aproximar da sociedade do que o inverso, assim cabe ao mestre contemplar no planejamento atividades que promovam essa interação escola – sociedade.

Promover a participação de toda a comunidade, governo, sociedade, alunos, pais, escola, diretores, professores, bibliotecários, faxineiros; aproximar todos os setores direta ou indiretamente envolvidos no ensino; e, cabe mais uma vez a escola promover essa interação; esse intercâmbio que modifica, aprimora, repensa e reescreve os rumos do ensino, os rumos do próprio governo, da sociedade e da escola.

A Comunicabilidade; esse comunicar que não se restringe a nossa fala e ao nosso pensar; mas, antes e acima de tudo exige e estimula a participação de quem nos escuta; esse comunicar que não são apenas gestos; mas solicita o uso de todas “ferramentas” disponíveis (antigas e novas) no transmitir e no recepcionar os ensinamentos. Esse comunicar que considera até mesmo o timbre da voz daquele que nos ensina, sua pontuação, sua entonação; de forma a que não seja algo monótono mas sim algo vibrante e emocionado; algo realmente vivido.

O conhecimento do Público Alvo; como ministrar uma aula sem considerar quem nos ouve; o nosso público alvo; se usarmos uma linguagem altamente técnica e nossos ouvintes são leigos nossa comunicação estará comprometida; se falarmos ou usarmos terminologias inglesas, francesas ou alemãs para uma platéia brasileira podemos esbarrar em dificuldade de entendimento; se citarmos exemplos inerentes à caatinga e nossos alunos forem Catarinenses ou se por outro lado nos prendermos

aos pampas gaúchos e nossos alunos forem amazonenses, certamente estaremos fadados ao fracasso na nossa comunicação. O conhecimento pleno do assunto a ser tratado. Quem se atreve a fazer o que não sabe está fadado a errar, ou no mínimo fazer mal feito.

A estruturação lógica da matéria de forma a permitir seqüencialidade e fácil assimilação. Falamos um pouco de interdisciplinaridade e aqui temos novamente a necessidade de interligar os assuntos, os conhecimentos.

Que as infraestruturas sejam adequadas as necessidades dos alunos. Aulas longas em salas pequenas, cadeiras incomodas, iluminação deficiente; são altamente prejudiciais; talvez seja até preferível dar aula no gramado em redor do prédio.

Cremos que tudo que foi citado é como um elo (não pode faltar, pois caso contrário a corrente não existe em sua unidade).

Saber que o planejar nasceu conosco, é o que nos diferencia dos animais, planejar o acordar, o primeiro e o próximo passo, o abraço, a vida em cada um de seus diversos momentos, a vida a dois dando a ela ou ele conforme o caso a oportunidade de opinar, questionar e nos corrigir; planejar um filho, dois, vários, mas dar liberdade de no nosso planejar ele poder optar, sugerir e até mesmo nos apontar os erros e sermos sábios em acatarmos e agradecermos essas intervenções.

No planejar atentar para as condições em que ocorrerão as aulas, se presenciais, se à distância, saber escolher as ferramentas adequadas, as ferramentas para interação, para medição do aprendizado, para reflexão, para possibilitar que não seja forçado, mas que seja voluntariado.

Ao planejar a distância, buscar conhecer ao máximo quem nos escuta, diversificar ao máximo o que expomos; aproximar ao máximo quem está lá longe, interagir e interagir e interagir, não ser massivo, nem ser passivo ou abusivo; mas instigar a curiosidade, a reflexão, à busca, à superação dos limites.

Referências

CURY, Augusto Jorge, "Pais Brilhantes - Professores Fascinantes" - R.J., Sextante, 2003.

LUCK, Heloisa - "Planejamento em Orientação Educacional" - Petrópolis, Vozes, 1982.

FREIRE, Paulo - "Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa" - São Paulo, Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. "Democratização da Educação: ensino a distância como alternativa". In: Educação à distância: referências e trajetórias. Francisco José da Silveira Loboneto (org.) Brasília: Plano Editora, 2001.

SANTANA, Flavia Maria; ENRICONE, Delcia; ANDRE, Lenir Cancelli; TURRA, Clodia M. Godoy - "Planejamento de ensino e avaliação" - Porto Alegre, Sagra, 1986, 11ª ed.

GANDIN, Danilo - "Planejamento Como Prática Educativa" - S.Paulo, Loyola, 1983, 6ª edição

MENEGOLLA, Maximiliano; SANTANA, Ilza Martins - "Porque Planejar? Como Planejar?" - Petrópolis, Vozes, 2002

RICARDO, Eleonora J. (Org.).- "Educação corporativa e educação à distância". Rio de Janeiro, Qualitymark, 2005

PIAGET, J. - "Psicologia e Pedagogia". Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1975. 3ª edição

MARTINS, JOSÉ DO PRADO. - "Didática geral". 2ª ed. S. Paulo: Atlas, 1993.

PADILHA, PAULO ROBERTO. - "Planejamento Dialógico". 4ª ed. S. Paulo: Cortez, 2003.

Rui Corrêa da Silva

Engenheiro Agrônomo formado na UFRRJ em 1981; especializado em Agricultura Biodinâmica. Experiência em Gestão Agropecuária, ministrou cursos palestras e treinamento no setor. Desenvolveu Direção e Gerenciamento em Empreendimento Francês na África trabalhando com Cacau, realizou trabalho Social com famílias carentes e ministrou cursos de Jardinagem para menores infratores em fase de reinclusão social. Realizou consultorias diversas; em 2009 ingressou no magistério, no Centro Paula Souza onde passou a ministrar aulas em agropecuária; tendo sido também Coordenador de vários cursos.

DESENVOLVIMENTO E IMPLANTAÇÃO DOS CURSOS TÉCNICOS VIRTUAIS DE INFORMÁTICA E ELETRÔNICA NO AMBIENTE MOODLE

Lilian Aparecida Bertini

Selma Guedes Cavalcante Marcante

Resumo

Este artigo apresenta as etapas de elaboração e implantação dos cursos técnicos em Informática e Eletrônica na modalidade semipresencial, trata-se de um projeto realizado no departamento do Grupo de Estudo de Educação a Distância (GEEaD). O objetivo dessa experiência é relatar o papel desempenhado pela equipe de planejamento frente às técnicas e metodologias usadas pelo designer instrucional na elaboração de cursos virtuais aliadas às teorias pedagógicas. Para o desenvolvimento do projeto, foram usados recursos como o projeto instrucional, o mapa de atividades e o layout do ambiente virtual. O trabalho retrata também a implantação dos cursos virtuais no ambiente de aprendizagem Moodle - Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment, diversificando as atividades práticas com o emprego das diversas ferramentas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem. As considerações finais do estudo apresentam uma reflexão sobre os resultados obtidos com o projeto.

Palavras-chaves: *design instrucional, cursos virtuais, Moodle.*

1. Introdução

Este artigo apresenta a experiência real sobre o papel do Designer Instrucional (DI) exercida pela equipe de planejamento, a qual foi responsável pela elaboração e implantação dos cursos técnicos em Informática e Eletrônica na modalidade semipresencial, um projeto realizado no departamento do Grupo de Estudo de Educação a Distância (GEEaD) na instituição Centro Paula Souza responsável pela oferta de cursos técnicos gratuitos.

Um dos maiores desafios da equipe de planejamento foi aplicar as técnicas e metodologias utilizadas pelo DI, principal responsável pelo desenvolvimento de cursos na modalidade a distância, e obter conhecimento e experiência por meio das atividades realizadas e alcançadas sob a ótica funcional desse profissional em consonância com os estilos e teorias de aprendizagens empregados em cursos virtuais.

É importante destacar que o artigo apresenta contribuições do ensino a distância com a implantação dos cursos de Eletrônica e Informática, dando a oportunidade para os alunos de complementar seus estudos, pois esta modalidade de ensino permite maior flexibilidade de horário para o estudante, não implicando no seu deslocamento, deixando de impactar a questão da mobilidade urbana.

O artigo prioriza o desenvolvimento e a implantação dos cursos técnicos na modalidade semipresencial baseados em técnicas e ferramentas usadas para a criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), nesse caso o Moodle, a elaboração do projeto instrucional e posteriormente o mapa de atividades, os recursos didáticos como o material de

apoio apresentado de forma digital, o roteiro de estudos, os vídeos para complementar e auxiliar as aulas virtuais, os debates por meio de fóruns, questionários, criação de blog¹, envio de tarefas e wiki². O item 2 discorre sobre o papel do DI em cursos a distância e os principais recursos. O item 3 apresenta o planejamento e a elaboração dos cursos técnicos virtuais. A implantação dos cursos técnicos virtuais é descrita no item 4, e por fim, as considerações finais do estudo são apresentadas no item 5.

2. O papel do Designer Instrucional e o auxílio dos recursos e teorias na modalidade a distância

É responsabilidade do DI desenvolver a proposta pedagógica de um curso virtual que contempla tanto a parte didática quanto a tecnológica, mas para isso é importante fazer uso dos recursos de design que dão orientação na criação e desenvolvimento do conteúdo a ser ministrado, dentre elas o mapa de atividades para contemplar o projeto instrucional.

Os recursos de DI utilizados nos cursos virtuais garantem a sua eficiência e dinamismo, e atingem os objetivos propostos, pois devem estar aliados a uma forte teoria pedagógica e apresentar na estrutura geral do curso a diversidade com atividades teóricas e práticas, a utilização de diversos recursos midiáticos, a abordagem dos vários estilos de aprendizagem e a variedade nos instrumentos de avaliação.

Segundo Costa (2012, p.105),

Para auxiliar o planejamento de um curso virtual, o Design Instrucional tem à sua disposição um recurso muito importante: O Mapa de Atividades. Ele é um excelente auxílio para a transposição de uma disciplina presencial para a modalidade online, fornecendo as informações necessárias para que o professor crie as atividades ou tarefas planejadas diretamente nas ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem.

A estrutura geral dos cursos técnicos virtuais apoia-se no uso do recurso denominado como mapa de atividades, principal ferramenta de trabalho do DI, utilizado para o planejamento e elaboração do curso (FRANCO,

¹É uma página vinculada ao perfil do usuário para postagens de comentários.

²Ferramenta interativa que possibilita a construção coletiva de textos.

BRAGA, RODRIGUES, 2010).

A teoria de aprendizagem utilizada nos cursos técnicos virtuais baseou-se nas abordagens teórico-pedagógicas construtivista e sócio-interacionista, nas quais o aluno assume uma postura ativa, responsável pela construção do conhecimento.

A abordagem construtivista permite o uso de estratégias internas para a construção do conhecimento, dá ao aluno a oportunidade de desenvolver melhor suas habilidades cognitivas, extrapolar o conteúdo definido, buscar informações em outros contextos, testar estratégias e descobrir de forma imprevista. (BAPTISTA e ROSA, 2008).

Outra tarefa importante do DI é conhecer os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) que são os softwares educacionais destinados a apoiar as atividades de educação a distância que oferecem um conjunto de tecnologias de informação e comunicação, e permitem desenvolver as atividades no tempo e espaço de cada participante.

O Moodle é um software livre e gratuito, criado na Austrália, por Martin Dougiamas, cientista e educador. Constitui-se em um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades on-line, em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem colaborativa.

É desenvolvido colaborativamente por uma comunidade virtual que reúne programadores de todo o mundo, evoluindo constantemente e se adequando às necessidades dos seus utilizadores.

Por ser um ambiente gratuito, vem sendo utilizado por várias instituições no mundo e possui uma grande quantidade de pessoas contribuindo para a correção dos erros e desenvolvimento de novas ferramentas, assim como a discussão sobre metodologias pedagógicas de usabilidade.

A escolha do AVA Moodle e das teorias de aprendizagem se devem pela possibilidade de trabalhar com participação, colaboração e cooperação de todos os envolvidos, pois são adequadas para atividades em grupo e troca de informações através de fóruns e chat³.

3. Planejamento e elaboração dos cursos virtuais

O DI ocupa um papel de destaque nesse trabalho, pois exerce muitas funções como didáticas, pedagógicas, tecnológicas, social, dentre as quais a principal é definir a estratégia pedagógica dos cursos embasados nas teorias sócio-interacionista e construtivista, cujo fundamento é a construção do conhecimento colaborativo e cooperativo pelo aluno mediado pelas mídias e ferramentas que promovem debates, discussões e trabalhos em grupos. Outro propósito deste trabalho é o uso do recurso mapa de atividades para planejar as aulas virtuais de acordo com o plano de curso e o projeto instrucional.

Para a elaboração dos cursos virtuais foi formada a equipe de planejamento nos papéis de conteudista, revisor, designer gráfico e webdesigner, foram realizadas reuniões para integrar e auxiliar os membros no trabalho a ser executado. Foram coletados dados e informações a respeito dos cursos virtuais propostos, com pesquisas sobre o assunto abordado, com experiências adquiridas por outras instituições de ensino, ou seja, um levantamento para a elaboração do Plano de Curso com a preocupação em atender os recursos humanos e tecnológicos necessários para a implantação dos cursos, o projeto pedagógico para definir os objetivos dos cursos, interação entre professor-tutor e aluno, além de cronograma de desenvolvimento do curso.

Como se observa na Figura 1, o projeto instrucional preocupou-se em definir detalhadamente os objetivos de aprendizagem de cada aula, os materiais didáticos e midiáticos usados nas aulas, como os vídeos e o livro digital para as aulas virtuais e a carga horária para o desenvolvimento das atividades propostas.

Projeto Instrucional
Técnico em Informática – Modalidade Semipresencial

Informática I

Aula	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	MATERIAIS	CARGA HORÁRIA (horas)
Ambientação	Compreender o uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA).	Sala virtual no AVA_Moodle Tutorial do Moodle	14
1 – Evolução da Informática e Arquitetura Geral dos computadores	Compreender o funcionamento da disciplina e o relacionamento entre os componentes curriculares. Conhecer a história e evolução dos computadores.	Livro 1 – parte 1 Sistemas Operacionais e Softwares Aplicativos - parte 1 - páginas 26 a 43 Vídeo: Web 2.0 Vídeo: O mercado do profissional de TIC Videoaula: Resumindo o estudo	14

Figura 1 – Exemplo do projeto instrucional do curso de Informática

³É uma sala de bate-papo.

Para a elaboração das aulas virtuais, foi usado o recurso mapa de atividades, denominado como roteiro de estudos nesse projeto, subdividido pelas seções: Momento de reflexão, Por que aprender, Para começar o assunto, Mergulhando no tema, Ampliando horizontes, Oficina Prática, Resumindo o tema. As aulas foram divididas de acordo com o número de agendas de cada componente curricular, as quais abordam os objetivos específicos a serem alcançados, as atividades teóricas e práticas, o tipo de mídia usada, duração de cada tarefa e as ferramentas usadas no AVA para organizá-las. A Figura 2 abaixo apresenta o modelo usado.

Roteiro de Estudos			
Curso		Módulo	
Disciplina			
Nome do capítulo			
Número do capítulo		Quantidade total de capítulos	
Professor		Data	
Páginas do livro que compõem o capítulo, vídeos e ferramentas de <u>apoio</u>			



Figura 2- Roteiro de estudos

4. Desenvolvimento e implantação dos cursos no AVA Moodle

Na construção do ambiente para hospedagem dos cursos de Informática e Eletrônica foram levados em consideração os critérios de usabilidade, funcionalidade, confiabilidade e flexibilidade. É importante que o sistema permita fácil interação, seja simples de manusear e ofereça uma interface amigável, intuitiva e possua uma documentação adequada. Outro ponto importante é a confiabilidade, ou seja, a capacidade de manter o nível de desempenho e integridade dos dados. O sistema deve ter compatibilidade com os recursos utilizados, permitir manutenção rápida e aceitar novas funcionalidades.

Procurou-se explorar as potencialidades do AVA, empregando diversas ferramentas e mídias, que motivem o aluno a buscar soluções para os problemas apresentados.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos acessam diretamente textos, desenhos, fotos, animações, sons e vídeos, na própria página do curso na Internet. Podem salvar os arquivos disponíveis ou imprimi-los. Interagir com os professores e os outros alunos em chats e fóruns de discussão. Criar suas próprias apresentações, nos mais variados suportes e veiculá-las pelo ambiente. Testes, exercícios e demais atividades individuais e/ou em grupos são possíveis de serem executadas e enviadas imediatamente para o professor ou para todos os participantes. Os alunos podem comentar as atividades e contribuições de seus colegas, criando um clima de trocas intelectuais em que todos cooperam para a aprendizagem dos demais. (KENSKI, 2007, p. 8).

As atividades foram idealizadas para oferecer vários tipos de instrumentos, explorando recursos midiáticos que atendam aos vários estilos de aprendizagem, recepção (visual ou verbal), percepção (sensorial ou intuitiva), organização (indutiva ou dedutiva), processamento (ativo ou reflexivo) e compreensão (sequencial ou global). De acordo com Felder (1988), o aprendizado é mais eficiente se forem levadas em consideração as características individuais do aluno.

Gardner (1995) descreve oito tipos de inteligências: linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-sinestésica, naturalista, interpessoal e intrapessoal. Utilizar métodos e estratégias que valorizem os tipos de inteligência de cada indivíduo permite melhor desempenho no processo de aprendizagem.

Utilizou-se como materiais teóricos, textos, vídeos, modelos de relatórios e como práticos, fóruns e pesquisas, para promover a interação, colaboração e afetividade, para que o participante sinta-se acolhido, tanto pelos colegas, como pelo professor-tutor, tornando o ambiente um local onde terá uma aprendizagem mais efetiva e humana.

A Figura 3 abaixo apresenta o layout da tela de apresentação do AVA do curso de Informática com informações da Habilitação desse profissional, a ambientação para o aluno interagir, navegar e conhecer os mecanismos da sala virtual e os componentes curriculares oferecidos.

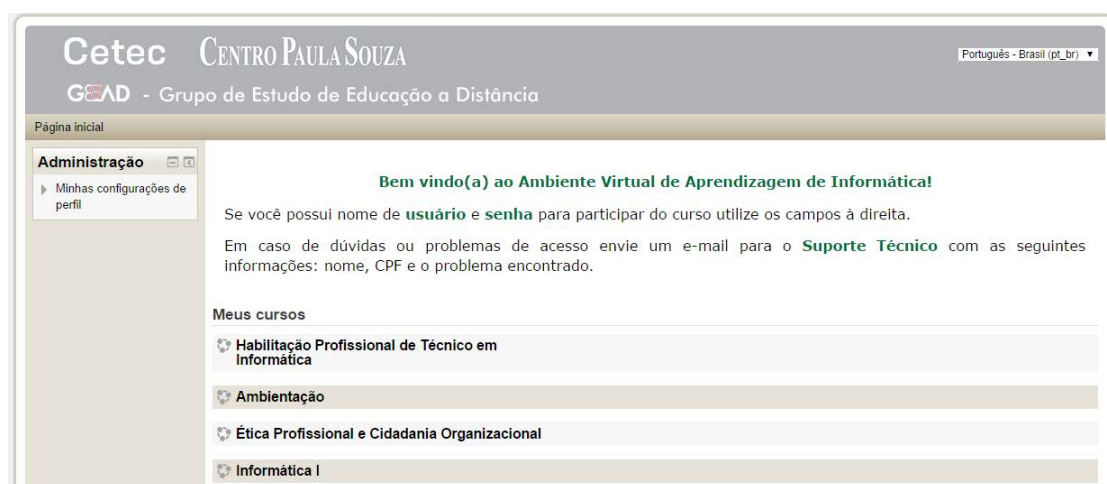


Figura 3 – Tela de apresentação do AVA do curso de Informática

As aulas virtuais dos cursos foram divididas em agendas conforme a Figura 4 abaixo, os materiais usados estão dentro do tópico da própria agenda, sempre contendo os objetivos, as orientações, o roteiro de estudos, os recursos didáticos, as atividades e o fórum de dúvidas.



Olá!

Na aula passada você aprendeu a operação e configuração básica da Planilha Eletrônica Excel.

Dando continuidade ao assunto tratado na aula passada, nesta aula você aprenderá como obter dados externos, fazer conexões, classificação e filtro, aprenderá sobre os menus: Ferramentas, Dados, Revisão e Exibição da Planilha Eletrônica Excel.

Acesse o **roteiro de estudos** clicando na imagem a seguir.

É importante que você faça uma revisão dos principais conceitos da aula anterior, avaliando as suas dificuldades e retomando o livro, vídeos e as suas anotações. Retome as observações feitas pelo professor-tutor e o resultado das discussões com os colegas.

Se tiver dúvidas, entre em contato com seu professor-tutor pelo fórum.

Boa aula!



Figura 4 - Divisão das aulas virtuais em agendas

Na escolha dos recursos didáticos foram consideradas as limitações com hardware e software, pois a escolha de uma mídia à qual nem todos os alunos tenham acesso pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, foram utilizadas mídias produzidas em aplicativos comuns, já que a maioria tem instalados em seus computadores, como pacote Office, Acrobat e plugins gratuitos.

Assim como cada modalidade de ensino requer o tratamento diferenciado do mesmo conteúdo - de acordo com os alunos, os objetivos a serem alcançados, o espaço e tempo disponível para sua realização - cada um dos suportes midiáticos tem cuidados e formas de tratamento específicas que, ao serem utilizadas, alteram a maneira como se dá e como se faz educação. (KENSKI, 2007, p. 2).

O foco do curso está na interatividade e aprendizagem colaborativa, procurando atender aos vários estilos de aprendizagem, optou-se por diferentes tipos de mídias. A Figura 5 apresenta o exemplo de um recurso midiático utilizado nos cursos virtuais para complementar e auxiliar os estudos do aluno. O objetivo desse material é facilitar o entendimento dos conteúdos abordados nos componentes curriculares para direcionar o aluno a realizar as atividades on-line.

Recursos didáticos

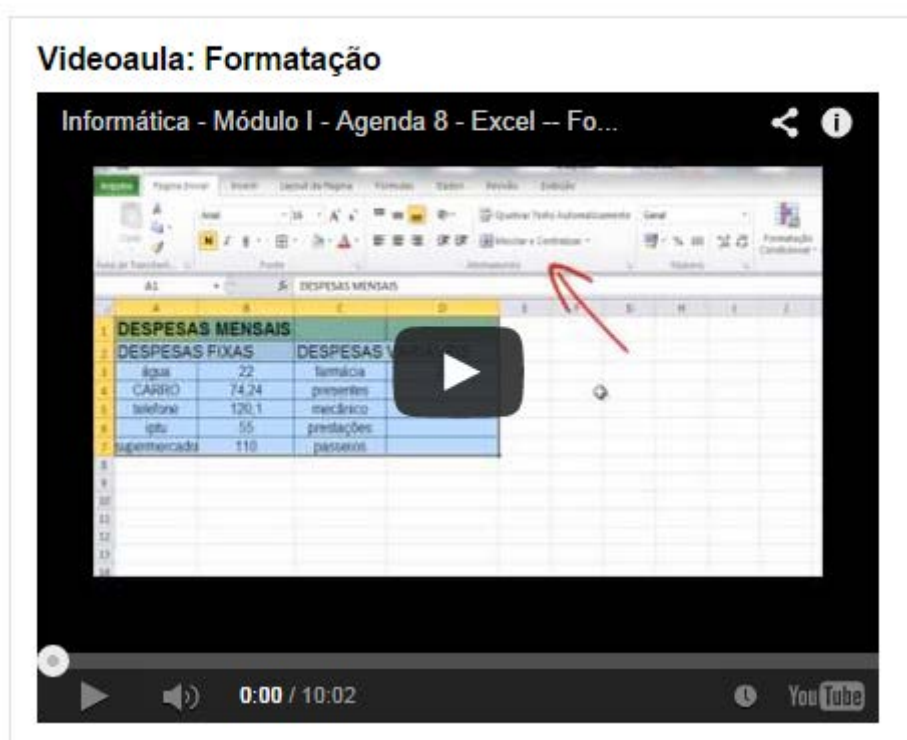


Figura 5 – Recurso midiático usado nos cursos virtuais

A diversidade de mídias é importante não apenas para atender os vários estilos de aprendizagem, mas também para tornar o ambiente mais dinâmico, procurando ter momentos de interação síncrona e assíncrona.

O roteiro de estudos foi de extrema importância para esse projeto, pois este se transformou num guia para orientar as aulas virtuais no ambiente Moodle, este recurso foi usado para direcionar a equipe na configuração das atividades teóricas individuais ou em grupos, como fóruns, base de dados e envio de arquivos e na inserção dos recursos didáticos como vídeos, arquivos *PDF*, *slides*, *links* para sites da Internet.

5. Considerações finais

Com base no que foi explorado na elaboração desse artigo, ficou clara a importância de uma equipe integrada e familiarizada com as novas tecnologias e com infraestrutura que garantem o aprendizado de qualidade, com o emprego de mídias que despertem a atenção dos participantes. Verificou-se que as teorias pedagógicas construtivismo e sócio-interacionismo permitem desenvolver a afetividade e minimizar a sensação de solidão entre os participantes. A diversidade de atividades, explorando vários recursos do Moodle, tornou o ambiente dinâmico, incentivando a cooperação e colaboração dos participantes na construção do conhecimento.

Um aspecto fundamental a ser ressaltado foi o fato de a equipe ter assumido a ótica do designer instrucional, e assim construir bases sólidas de conhecimentos que norteiem novas práticas educacionais.

Conclui-se que os cursos elaborados podem ser aplicados, no contexto proposto, com boas possibilidades de sucesso, cumprindo a missão de incentivo à aprendizagem do aluno aliada à atuação de profissionais envolvidos e preparados para o desafio de educar a distância com qualidade.

Referências

BAPTISTA, Alessandra Fucolo; ROSA, Carolina Valério. A importância de uma abordagem construtivista nos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem. *Pedago Brasil*, s.l., 2008. Disponível em: <http://www.pedagogobrasil.com.br/pedagogia/aimportanciadeumaabordagem.htm>. Acesso em 20 set. 2014.

COSTA, Júlio, R. Análise do Design Instrucional do curso "Formação docente na educação de jovens e adultos". In: *Revista Científica Internacional InterSciencePlace*. 21ª Ed., Vol.1, nº 6, abr.- jun. 2012. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/view/227>.

Acesso em: 20 set. 2014.

FELDER, R. M.; SILVERMAN, L.K. Learning and teaching styles in engineering education. Disponível em: <<http://www4.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/Papers/LS-1988.pdf>> Acesso em 20 set.2014.

FRANCO, Lúcia Regina Horta Rodrigues, BRAGA, Dilma Bustamante, RODRIGUES, Alessandra. EaD Virtual: entre teoria e a prática. Editora Premier, UNIFEL, 2010.

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas, SP. Papirus, 2007.

Lilian Aparecida Bertini

Coordenadora de Projetos na instituição Centro Paula Souza, graduada em Análise de Sistemas pela Universidade Metodista de Piracicaba, especialização em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá, mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Metodista de Piracicaba.
E-mail: lilian.bertini@centropaulasouza.sp.gov.br

Selma Guedes Cavalcante Marcante

Professora e coordenadora de projetos do Centro Paula Souza, graduada em Tecnologia da Informação com especialização em Análise de Sistemas e Design Instrucional. E-mail: selma.guedes@centropaulasouza.sp.gov.br

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DE ARMAZENAMENTO E COMPARTILHAMENTO PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Andréa Maria Fieri Silva

Amanda Maria Lamberti Nardi

Paula Fabiana da Silva Aguiro

Resumo

Visando a necessidade de compreender e dimensionar as principais características das ferramentas utilizadas para educação a distância, foi desenvolvida uma pesquisa com os alunos da escola técnica estadual de Votorantim, no curso de informática. Os alunos utilizaram em atividades finais solicitadas, algumas ferramentas de armazenamento em nuvem e apontaram o Dropbox como um software consistente e seguro. Para a utilização em educação a distância, o compartilhamento e armazenamento de arquivos são necessários e exige acesso em tempo real das informações além da confiabilidade. Este trabalho teve a intenção de investigar, compreender e relatar as principais características da computação em nuvem e estudar a interface da ferramenta Dropbox, suas facilidades e dificuldades na utilização.

Palavras-chave: 1. Compartilhamento. 2. Computação em Nuvem. 3. Ferramentas de armazenamento. 4. Internet.

Introdução

Em razão da necessidade de compartilhar e/ou armazenar documentos durante o desenvolvimento de um curso a distância, faz-se necessária a utilização de ferramentas próprias nas quais o aluno consiga manipular os documentos de acordo com sua necessidade. Para que os arquivos fiquem disponíveis para utilização atualmente é utilizado o conceito de computação em nuvem, onde os arquivos ficam armazenados em servidores disponíveis para acesso remoto, assim o usuário acessa seus arquivos e também pode compartilhá-los de qualquer lugar, basta possuir acesso à internet.

Atualmente existem várias ferramentas para utilização do conceito de computação em nuvem disponíveis no mercado, entre elas o Dropbox, Google Docs, Chrome OS, SkyDrive, iCloud, entre outras. Nesta pesquisa foram estudados o Dropbox e o SkyDrive.

Na obtenção dos resultados adotou-se o estudo descritivo aplicando um questionário em pesquisa de campo e identificou-se facilidade de se utilizar o dropbox pelos alunos de informática possibilitando acessos rápidos aos arquivos e principalmente trabalhando seu compartilhamento.

Como surgiu o conceito: Computação em Nuvem¹

Não se sabe ao certo a origem dessa expressão, mas a ideia da computação em nuvem surgiu em meados de 1961 pelo especialista em inteligência artificial

John McCarthy. Somente na década de 90 passou a ser utilizada no meio comercial. A empresa Google é uma das pioneiras na utilização do conceito no gerenciamento do seu datacenter, e através de Eric Schmidt apresenta o conceito como início de profundas transformações na área de tecnologia. “Eu diria que o computador do futuro é a internet”, afirma Eric Schmidt.

Vale notar que o armazenamento em nuvem permite ao usuário ter seus arquivos sempre em mãos, podendo assim acessá-los em qualquer hora e lugar em que houver necessidade.

O conceito de nuvem faz com que o usuário não perceba toda a infraestrutura e recursos utilizados, gerando assim a ideia de que o processamento está acontecendo em sua própria máquina, porém está acontecendo em um lugar muitas vezes distante.

Para que esse processo se torne possível é necessária a utilização de ferramentas que permitem o acesso aos arquivos armazenados e também permitem compartilhamento destes arquivos por outros usuários alocados em qualquer parte do mundo.

Estes arquivos são armazenados em computadores robustos e disponíveis em datacenters conectados à internet.

Na visão de Armbrust (2009) “a computação em nuvem é um conjunto de serviços de rede ativados, proporcionando escalabilidade, qualidade de serviço, infraestrutura barata de computação sob demanda e que pode ser acessada de uma forma simples”.

De maneira geral, o conceito de computação em nuvem visa prover acesso em funcionalidades computacionais diferenciadas, as quais podem ser rapidamente acessadas.

Algumas características da computação em nuvem

Quando se utiliza o conceito de computação em nuvem deve-se atentar a algumas características próprias deste tipo de processamento.

A computação em nuvem cria uma ilusão da disponibilidade de recursos infinitos, acessáveis sob demanda. A computação em nuvem elimina a necessidade de adquirir e provisionar recursos antecipadamente. A computação em nuvem oferece elasticidade, permitindo que as empresas usem os recursos na quantidade que forem necessários, aumentando e diminuindo a

¹em inglês, cloud computing

capacidade computacional de forma dinâmica. O pagamento dos serviços em nuvem é pela quantidade de recursos utilizados (pay-per-use). (TAURION 2009, p.2-3).

Entende-se que a utilização deste método de computação tem algumas características que precisam ser estudadas, como a elasticidade e escalonamento na qual se cria uma ilusão de recursos computacionais para utilização fazendo com que os usuários tenham a impressão de que a nuvem trabalha de forma automática e rápida no acesso das informações.

Os usuários esperam ter acesso de forma instantânea, sendo assim a computação em nuvem permite o autoatendimento para que seus usuários possam suportar este tipo de necessidade permitindo assim utilizar somente os serviços desejados.

Como o usuário da computação em nuvem tem a opção de utilizar somente os serviços que julga necessários, estes devem ser controlados e contabilizados de forma individual para que haja uma medição de uso dos recursos gerando assim um comércio dos serviços e suas tarifações adequadas a sua utilização automaticamente.

A computação em nuvem deve permitir o acesso através de qualquer plataforma tendo que permitir um amplo acesso à rede independente do dispositivo que esteja sendo utilizado.

Para que qualquer tipo de usuário seja beneficiado é necessário que a computação em nuvem permita a customização dos serviços tornando essencial a capacidade de personalização dos recursos.

A segurança no armazenamento das informações

A questão da segurança neste método de armazenamento é alvo de discussões entre os profissionais da área de tecnologia de informação, porém ao longo dos anos a segurança da área da computação passou por várias fases de amadurecimento. Antigamente pretendia-se proteger de qualquer ataque que gerasse violação das informações, atualmente o foco da segurança é tolerar os ataques, porém manter o fornecimento dos serviços.

Na utilização da computação em nuvem não pode ser diferente, é necessário manter o fornecimento dos serviços independentemente dos ataques recebidos, pois os clientes não podem sofrer qualquer dano.

O ambiente de computação em nuvem está sendo utilizado para hospedar vários tipos de serviços, e todos exigem garantias de segurança dos dados sendo processados e armazenados.

Para que a garantia de segurança seja mantida, é necessário que cada interface tenha uma política de controle de acesso evitando assim fraudes e perda de informações.

É fundamental notar que a segurança e a privacidade são os principais desafios que podem impedir a utilização da computação em nuvem pelas grandes instituições, pois falhas em qualquer uma de suas características podem comprometer o rendimento total destas.

Vantagens na utilização da computação em nuvem

Os fatos demonstram que as principais vantagens da computação em nuvem é a disponibilidade de acesso aos dados e aplicações em qualquer lugar desde que o usuário tenha um acesso de qualidade à internet fazendo com que exista grande mobilidade de acesso, pagando somente o que for utilizado com o mínimo de infraestrutura possível.

O compartilhamento de arquivos é também um ponto forte, pois permite que várias pessoas ao mesmo tempo e em locais diferentes consigam acessar arquivos remotamente bem como a utilização de todos os recursos disponíveis.

A confiabilidade do serviço é uma garantia de que cada vez mais pessoas utilizam essa ferramenta simples.

Desvantagem na utilização da computação em nuvem

O grande desafio atual neste meio de computação é a segurança, pois a informação armazenada não fica mais em poder do usuário, tendo este que ter total confiança no método, não se sabe ao certo o local de armazenamento e nem os dados que serão armazenados juntamente a seus dados.

A privacidade da informação atualmente é de grande valia para os usuários, dependendo do tipo de informação armazenada e se sua integridade não é totalmente garantida, pode haver vazamento de segredo comercial ou até industrial de acordo com o tipo de corporação que utilizar esse método.

No caso de acesso a aplicativos disponibilizados nas nuvens é necessário analisar a portabilidade das interfaces, embora muitas aplicações atualmente, já estejam preparadas para esse tipo de acesso, ainda há tipos de aplicações que não estão preparadas para o acesso em multiplataforma.

Manter o sistema on-line ainda é uma das grandes preocupações de empresas que disponibilizam esse tipo de serviço, o desafio destas empresas é garantir o acesso ao serviço em todo e qualquer lugar independente do dispositivo e interface de acesso.

Importância da computação em nuvem para e ensino à distância

Para que todas as informações sejam processadas de maneira mais rápida, dando assim a sensação de disponibilidade imediata dos recursos na utilização da computação em nuvem, essas informações são alocadas em datacenter², onde a capacidade de processamento e armazenamento das máquinas é muito superiores a de computadores pessoais.

²Datacenter é o local onde são concentrados os equipamentos de processamento e armazenamento de dados. Esse local é projetado para garantir a segurança das informações de instituições ou empresas, possui servidores para armazenamento e processamento de grande quantidade de informação.

Ferramentas para computação em nuvem disponíveis no mercado

Com a utilização da computação em nuvem o usuário tem a certeza que a informação armazenada é única em qualquer lugar de acesso.

Atualmente existem várias ferramentas de armazenamento, entre elas algumas gratuitas, outras não, porém todas têm a mesma característica de armazenamento, mas é necessário avaliar a qualidade para que a utilização seja executada.

Vale ressaltar que o conceito de armazenamento em nuvem vai de um simples “guardar arquivos” até atividades complexas como desenvolvimento de software, o que anteriormente não era de maneira alguma feito fora de uma empresa, como armazenar e manipular o banco de dados configurado em nuvem, porém esta prática está sendo pouco explorada porque as empresas ainda temem a questão da segurança desse armazenamento.

Existem algumas ofertas de serviços na computação em nuvem (Figura 1):

- Software como serviço - armazena e disponibiliza softwares aplicativos na internet como um serviço, não é necessário que o usuário compre o software, simplesmente utiliza conforme sua necessidade, em algumas parcerias que estudaremos mais a frente as empresas costumam disponibilizar alguns softwares com custo mais elevado em nuvem, para que o usuário conheça, utilize e posteriormente venha a adquiri-lo.
- Plataforma como serviço - oferece tipos específicos de serviços como sistemas operacionais, banco de dados, serviços de mensagens, serviços de armazenamento de dados entre outros, esse serviço oferece também aos usuários ambientes de desenvolvimento, que podem conjuntamente ser configurados como solução integrada.
- Infraestrutura como um serviço - é o serviço de entrega dos recursos de um computador. Seu principal objetivo é tornar mais fácil e acessível o fornecimento de recursos, como servidores, redes, armazenamento e outros que são fundamentais na construção de um ambiente sob demanda podendo ser tanto sistemas operacionais como aplicativos. (SOUSA 2009 apud BORGES et al, 2010, p.8)
- O usuário não precisa ter conhecimentos sobre computação em nuvem para utilizar uma aplicação hospedada na nuvem, porém a expectativa do consumidor e a reputação do provedor são importantes no momento das negociações sobre os detalhes do serviço e seus requisitos. (BORGES et al, 2010, p. 14).
- Data Storage como um serviço - permite o usuário armazenar dados nas nuvens, libera um determinado espaço de armazenamento para que o usuário possa fazer backup de suas informações, algumas ferramentas podem ser pagas outras gratuitas.

Entende-se que o processamento das informações ocorre nessas grandes máquinas alocadas em datacenters. Como cada vez mais a computação em nuvem está sendo utilizada por pessoas em todos os lugares, os computadores pessoais não necessitam de grande capacidade de processamento, fazendo assim com que a aquisição desses equipamentos se torne mais barata para as pessoas.

“Não estamos diante de uma onda de marketing, mas sim de uma revolução tecnológica, que pode mudar significativamente a maneira como utilizamos os recursos computacionais.” (TAURION, 2009).

Para o processo de aprendizagem é de extrema importância a utilização de computadores, pois as máquinas atualmente conseguem transportar os usuários a muitos lugares ao mesmo tempo como destaca SILVA (2009, p.26):

Se a escola e a universidade ainda não exploram devidamente a internet na formação das novas gerações, estão na contramão da história, alheias ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social e exclusão cibercultural. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz no espírito do nosso tempo sociotécnico.

A utilização de equipamentos que disponibilizam acesso à internet, cada vez atinge uma maior parcela da população brasileira como destaca PISTORI (2010).

“Hoje a internet não é apenas uma rede que liga computadores, vários outros dispositivos já conseguem ter acesso à rede, televisão, celulares, tablets e muitos outros, isso faz com que as pessoas passem cada vez mais tempo conectadas o que significa mais tempo que podemos utilizar no processo de aprendizagem”.

Atualmente é comum as pessoas utilizarem inúmeros dispositivos para acessar informações, entre eles estão os celulares cada vez mais difundidos na onda da computação em nuvem, as pessoas ficam mais tempo conectadas e ligadas a qualquer acontecimento que ocorra na rede.

Os dispositivos automaticamente deixam as pessoas interadas dos acontecimentos, para a educação a distância esse método de processamento tornou-se aliado, pois as pessoas podem de qualquer lugar e qualquer dispositivo acessar a internet e realizar as leituras e atividades propostas.

A modalidade do ensino a distância está sendo muito procurada por usuários nestas características, pois além de abrir uma grande oportunidade de crescimento intelectual não é necessário um horário controlado para estudo, tornando o estudo muito mais flexível.

Unindo a flexibilidade do ensino a distância, com a diminuição do custo dos computadores, torna-se uma grande realidade a utilização de ferramentas que tornem o ensino a distância possível e ainda trazendo qualidade e confiabilidade na manipulação de material virtual.

Neste artigo foram exploradas duas ferramentas: Dropbox e o Skydrive da Microsoft.



Figura1. Principais camadas de ofertas com a computação em nuvem (MACHADO e MOZART, 2010).

SKYDRIVE - A parceria

Criado pela Microsoft, o *Skydrive*³ tem como proposta o armazenamento de informações nas nuvens, o usuário necessita apenas possuir uma chave de acesso Windows Live ID, esta ferramenta tem a opção de compartilhamento dos arquivos armazenados podendo tornar público aquele documento, somente para usuários que possuem uma Live ID.

O Centro Paula Souza⁴ é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, o qual administra escolas técnicas (ETECs) e Faculdades de Tecnologia (FATECs). Foi fundado em 6 de outubro de 1969 e tem como missão promover a educação profissional pública dentro de referenciais de excelência, visando ao atendimento das demandas sociais e do mundo do trabalho. Atualmente possui 210 escolas técnicas e 56 faculdades de tecnologia em 159 municípios paulistas.

Em 2006 o Centro Paula Souza e a Microsoft fizeram uma parceria educacional, na qual são beneficiados alunos, funcionários e professores do Centro, oferecendo:

- download gratuito de vários softwares
- conta de e-mails
- Ambientes virtuais para desenvolvimento de trabalhos em grupo a distância disponíveis na nuvem
- Armazenamento através do skydrive.

De acordo com Luis Eduardo Fernandes Gonzalez⁵, coordenador do projeto, por meio de senhas pessoais é possível utilizar programas em computadores pessoais. "Para os alunos, é importante poder acessar essas ferramentas de casa, para aperfeiçoar o aprendizado e fazer trabalhos. Sem falar da economia, já que alguns

softwares disponibilizados custam cerca de R\$ 10 mil".

Nesta parceria são disponíveis softwares para download com licença gratuita, conta de email e acesso a alguns aplicativos que estão somente disponíveis para manipulação nas nuvens para os usuários cadastrados.

É necessário fazer o acesso ao Skydrive ou a conta de email do usuário como demonstra a Figura 2 e a partir desta tela armazenar, compartilhar ou acessar os softwares para manipulação nas nuvens.

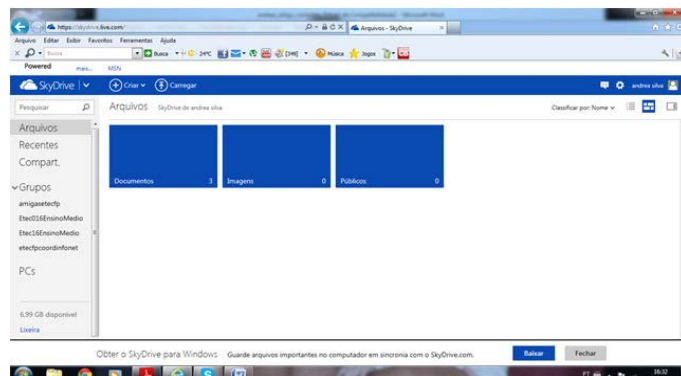


Figura 2: Tela inicial de acesso ao Skydrive da Microsoft Fonte: www.skydrive.com.br acessado em 14/02/2013.

Criação Dropbox

Adami (2013) destaca que o Dropbox surgiu de uma necessidade de um de seus criadores, quando em uma ocasião ele esqueceu um dispositivo de armazenamento em que necessitava, com essa dificuldade Drew Houston e Arash Ferdowsi começaram a desenvolver um software de armazenamento em nuvens chamado Dropbox, em algumas entrevistas Drew cita que estava cansado de ficar anexando a todo o momento seus arquivos em caixas de email, e que a criação foi exclusivamente para resolver um problema pessoal.

Recursos Dropbox

Para utilizar os recursos da ferramenta Dropbox, é necessária a criação de uma conta no aplicativo. Ele permite armazenar e compartilhar os arquivos com pessoas pela conta de e-mail desta, sem a necessidade de todas as pessoas possuírem uma conta no aplicativo.

Entende-se que além da compatibilidade com várias plataformas e, sincronia com versões diferentes de aplicativos, um dos grandes diferenciais da ferramenta é o sistema de indicação. O acesso gratuito inicia com espaço na nuvem de 2Gb⁶. Cada usuário convidado pela sua conta aumenta o espaço disponível para o seu armazenamento.

³SkyDrive – Windows Live Skydrive é uma ferramenta gratuita da Microsoft para armazenamento de arquivos online que você pode acessar de onde quiser. <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/skydrive.html>

⁴<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>

⁵http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Noticias/2010/maio/17d_centro-paula-souza-amplia-parceria-com-a-microsoft.asp

⁶GB = gigabyte (unidade de medida de informação)

O usuário pode instalar o aplicativo em sua máquina pessoal ou somente acessar através do site www.dropbox.com, conforme a Figura 3.

Vale ressaltar que um diferencial da ferramenta é a conectividade com outros aplicativos da internet e dispositivos móveis, permitindo assim o usuário tirar uma simples foto através de seu celular e o software já armazena nas nuvens.

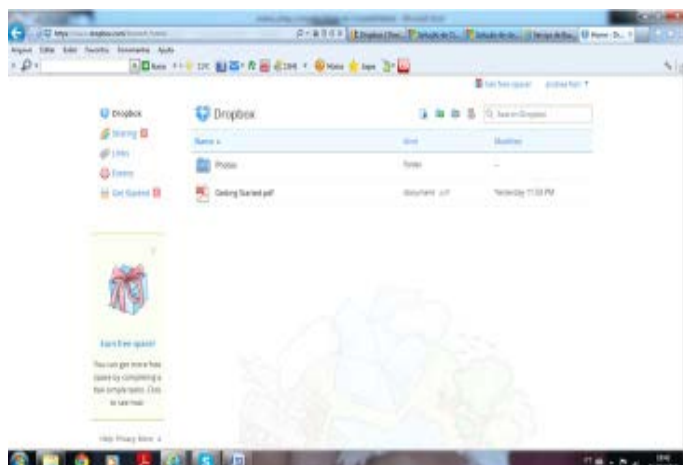


Figura 3: Tela inicial de acesso ao Dropbox Fonte: www.dropbox.com acessado em 05/01/2012.

Vale notar que atualmente existem várias ferramentas de armazenamento e compartilhamento disponíveis no mercado, algumas gratuitas outras não, se fizermos um comparativo entre elas perceberemos que sua funcionalidade principal de armazenamento e compartilhamento de arquivos são iguais, porém a forma e a disponibilidade com que são feitos é que faz com que o usuário escolha a ferramenta de acordo com sua necessidade, conforme a Figura 4.

	Google Drive	SkyDrive	Dropbox	Ubuntu One	iCloud	Box	SugarSync
Armazenamento gratuito oferecido	5 GB	7 GB	2 - 18 GB	5 GB	5 GB	5 GB	5 GB
Mensalidade média (custo por GB - tende a diminuir conforme o tamanho do plano contratado)	R\$ 0,18	R\$ 0,08	R\$ 0,36	R\$ 0,25	R\$ 0,30	R\$ 0,72	R\$ 0,90
Capacidade máxima de armazenamento oferecida	16 TB	125 GB	100 GB / ilimitado para corporativo	100 GB	55 GB	50 GB	100 GB
Limite de tamanho de arquivos	10 GB	2 GB	2 GB	5 GB	5 GB	25 MB	Não existe
Aplicativo para Windows	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Apenas corporativo	Sim
Aplicativo para Linux	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não
Aplicativo para Mac OS X	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Apenas corporativo	Sim
App para iOS	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
App para Android	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
App para BlackBerry	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim
App para Symbian	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
App para Windows Phone	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
Acesso pela internet	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Compartilhamento de arquivos	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Integração com outros aplicativos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Streaming de mídia	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim

Figura 4: Quadro comparativo de serviços nas nuvens fonte: <http://www.tecmundo.com.br/computacao-em-nuvem/22667-comparacao-google-drive-skydrive-dropbox-ubuntu-one-icloud-box-e-sugarsync.htm> acessado em 14/02/2013.

“Um dos seus concorrentes, o Skydrive, da Microsoft, conta com vantagens exclusivas para os assinantes, como a integração com o Microsoft Office. O Dropbox, por sua vez, é um dos serviços de armazenamento na nuvem mais conhecidos.” KARASINSKI (2012).

Como cada uma das ferramentas possui vantagens e desvantagens, cabe ao usuário determinar qual sua necessidade, existe uma grande variedade de funções nas ferramentas em nuvem, podendo assessorar os mais variados públicos, usuários com serviços básicos e planos gratuitos e planos empresariais com serviços nas nuvens que variam de R\$ 4,00 (quatro reais) ao mês até R\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais) ao ano, disponibilizando pacotes com armazenamento por pessoas da corporação.

Considerações finais

A computação em nuvem é um serviço que cada vez mais tem se expandido no meio educacional, até pela facilidade que a tecnologia permite nos acessos. Tem sido difundida entre as instituições de ensino e no meio empresarial, aumentando assim os serviços disponibilizados para os usuários, pois é esse o grande diferencial entre as ferramentas existentes no mercado.

Esse novo meio que a tecnologia da informação está proporcionando aos usuários tem vantagens e desvantagens em sua utilização, porém não se pode negar que é o início de uma grande mudança na era da tecnologia, pois a facilidade de ter seus dados em sua mão é uma característica que há poucos anos nem se imaginava.

A sensação que essa nova tecnologia proporciona ao ser utilizada é que não existem mais fronteiras ao acessar seus arquivos, pois a ilusão criada é de ter os recursos sempre à mão de maneira irrestrita.

Para os usuários da educação a distância, a computação em nuvem e suas ferramentas tornam-se grandes aliados no processo de ensino aprendizagem, fazendo com que o tempo seja aliado a qualquer público, basta que o aluno tenha força de vontade e determinação para o conhecimento.

Hoje existem várias ferramentas de armazenamento em nuvem e inúmeros serviços disponibilizados a um variado público de usuários, é necessário avaliar a necessidade de utilização para que a ferramenta escolhida seja satisfatória.

As descrições mostraram que o Dropbox é a ferramenta que está sendo mais difundida entre os mais diversos usuários na utilização de seus dados nas nuvens. A facilidade de utilização da ferramenta, integração entre as diferentes plataformas e o sistema de indicação para aumento de espaço disponibilizado é o que mais chama a atenção entre esse público.

Referências

ADAMI, Anna. DropBox. Disponível em <http://www.infoescola.com/internet/dropbox/> Acesso em 10 fev. 2013.

AMOROSO, Danilo. O que é computação em Nuvem? Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/computacao-em-nuvem/738-o-que-e-computacao-em-nuvens-.htm>. Acesso em 25 jan. 2013.

ARMBROUST, Michel. Above the clouds: a Berkeley view of cloud computing. Disponível em: <http://www.eecs.berkeley.edu/Pubs/TechRpts/2009/EECS-2009-28.pdf>. Acesso em 23 nov. 2012.

BORGES, Hélder Pereira; SOUZA, José Neuman de; SCHULZE, Bruno; MURY, Antonio Roberto. Computação em Nuvem. Disponível em: http://www.lncc.br/pdf_consultar.php?idt_arquivo=5158&mostrar=1&teste=1. Acesso em 10 jan. 2013.

KARASINSKI, Vinicius . Comparação: Google Drive, SkyDrive, Dropbox, Ubuntu One, iCloud, Box e SugarSync. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/computacao-em-nuvem/22667-comparacao-google-drive-skydrive-dropbox-ubuntu-one-icloud-box-e-sugarsync.htm>. Acesso em 14 fev. 2013.

MACHADO, Emerson Oliveira; MOZART Lemos de Siqueita. Levantamento Sobre Computação em Nuvens. Disponível em: http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27996/2397/com_identificacao/MozartSEPesq2010Pesquisa.pdf Acesso em 28 jan. 2013.

PEDROSA, Paulo H. C.; NOGUEIRA, Thiago. Computação em Nuvem. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~ducatte/mo401/1s2011/T2/Artigos/G04-095352-120531-t2.pdf>. Acesso em 17 jan. 2013.

br/~ducatte/mo401/1s2011/T2/Artigos/G04-095352-120531-t2.pdf. Acesso em 17 jan. 2013.

PISTORI, Jefferson. Tecnologias na educação a distancia. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/sistema/saladeaula/Material/Material.aspx>. Acesso em 22 jan. 2013.

RUSCHEL, Henrique; ZANOTTO, Mariana Susan; MOTA, Welton Costa da. Computação em Nuvem. Disponível em: <http://www.ppgia.pucpr.br/~jamhour/RSS/TCCRSS08B/Welton%20Costa%20da%20Mota%20-%20Artigo.pdf>. Acesso em 17 jan. 2013.

SERPA, Flávio de Carvalho; BRANCO, Leo. Computação sem fronteiras. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120809/computacao-sem-fronteiras-p-062.shtml>. Acesso em 23 nov. 2012.

SILVA, Marcos. Formação de professores para docência online. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/cc/cc2.pdf>. Acesso em 23 nov. 2012.

TAURION, Cesar. Cloud computing, computação em nuvem: transformando o mundo da tecnologia da informação - Rio de Janeiro: Brasport 2009. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=mvir2X-A2mcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 28 jan. 2013.

TOLEDO, Alex Sander de; TRINDADE, André Oliveira. Os fatores de risco da computação em nuvem. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/e6-si-51-os-fatores-de-risco-da-computacao-em-nuvem/>. Acesso em 18 fev. 2013.

VASCONCELOS, Danilo Cavalcante de; MARQUES, Erico Veras. A utilização da computação em nuvens pelas organizações de transporte marítimo. Disponível em: http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2011/artigos/e2011_t00277_pcn16117.pdf. Acesso em 14 fev. 2013.

Andréa Maria Fieri Silva

Professora do Centro Paula Souza, da área de Informática e Informática para Internet na Etec Fernando Prestes em Sorocaba, Graduada em Análise de Sistemas pela Universidade de Sorocaba, Licenciada pela Fatec Sorocaba, Tutora Virtual do Instituto Federal de Boituva do Curso de Secretaria Escolar, Pós Graduada em Educação à Distância pela Universidade Católica Dom Bosco.

Amanda Maria Lambert Nardi

Professora do Centro Paula Souza, da área de Informática e Informática para Internet na Etec Fernando Prestes em Sorocaba; Graduada em Análise de Sistemas pela Universidade de Sorocaba; Licenciada pela Universidade Metodista de Piracicaba; Tutora Virtual do Instituto Federal de Boituva - do Curso de Secretaria Escolar; Pós-graduada em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação à Distância pela Universidade Federal Fluminense.

Paula Fabiana da Silva Agüero

Professora do Centro Paula Souza, e Coordenadora dos cursos Informática e Informática para Internet da Etec Elias Miguel Junior em Votorantim, Graduada em Análise de Sistemas pela Universidade de Sorocaba, Licenciada pela Fatec Americana.



GEAD
Grupo de Estudo de Educação a Distância

45 anos
1969 - 2014 **CENTRO PAULA SOUZA**

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação